

JOHN DOMINIC CROSSAN

O JESUS HISTÓRICO

2ª EDIÇÃO

A VIDA DE UM
CAMPONÊS JUDEU
DO MEDITERRÂNEO



*A primeira definição abrangente de quem
era Jesus, o que ele fez e o que ele disse.*

bereshit



Imago

Título original: THE HISTORICAL JESUS

© 1991 John Dominic Crossan, Inc. Published by arrangement
with Harper San Francisco, a division of Harper-Collins Publishers, Inc.
© da Tradução: Imago Editora Ltda.

Reservados todos os direitos.
Nenhuma parte desta obra poderá ser
reproduzida por fotocópia, microfilme,
processo fotomecânico ou eletrônico
sem permissão expressa da Editora.

Capa:

Design: John Miller / Big Fish Books
Produção: Visiva Comunicação e Design
Ilustração: *A ressurreição de Lázaro*, de um sarcófago
do século III, no Museu Pio Cristiano, Roma.
Da coleção de Slides de Graydon F. Snyder

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Crossan, John Dominic

C958j

O Jesus Histórico: a vida de um camponês judeu
do Mediterrâneo / John Dominic Crossan; tradução
de André Cardoso. — Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994.
544p. (Coleção Bereshit)

Tradução de: The historical Jesus: the life of a Mediterranean
Jewish Peasant

Apêndices

Bibliografia.

ISBN 85.312-0338-4

1. Jesus Cristo — Historicidade. I. Título. II. Série.

CDD — 232.908

CDU — 323.9

94-0091

1994

IMAGO EDITORA LTDA.

Rua Santos Rodrigues, 201-A — Estácio

20250-430 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: 293-1092

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

BC/BIBLIOTECA DE CIENCIAS HUMANAS E EDUCACAO

LIVRARIA NOVA ORDEM LTDA

R\$

20.40

HE: 73.009

Termo No. 987/95 Registro: 239,184

10/11/95

Sumário

Abertura: O Evangelho de Jesus 11

Prólogo: O Jesus Histórico 26

PARTE I Um Império de Intermediários 35

Capítulo 1. Antes e Agora 37

Um Mar Amigo numa Paisagem Hostil 38

Através dos Olhos dos Outros 43

Pode Sair Algo de Bom de Nazaré? 49

Não se Esqueça de Mim 54

Capítulo 2. Guerra e Paz 66

Um Santuário Dedicado à Paz de Augusto 67

Destituídos das Terras dos Pais 71

Contra os Bretões e os Asiáticos 73

Capítulo 3. Escravo e Padrinho 78

A Estratificação Social das Sociedades Agrárias 79

Paradoxos da Escravidão Romana 82

Uma Ideologia Antieconômica 85

A Paixão do Príncipe-sapo pelo Comércio 89

Um Mapa da Sociedade de Apadrinhamento 95

O Alicerce da Vida Política 101

Assim no Céu como na Terra 104

Capítulo 4. Pobreza e Liberdade 108

Diógenes ou Dédalo? 110

Livres sob a Tutela do Pai Zeus 112

A Sola dos Meus Pés como Único Calçado 116

No Exército do Cão 119

PARTE II Intermediação em Conflito 125

Capítulo 5. Aristocrata e Historiador 127

Ao Menos Tenha Respeito pela Verdade Histórica 128

<i>Não Posso Esconder Meus Sentimentos Pessoais</i>	132
<i>Sub Tiberio Quies</i>	136

Capítulo 6. Visionário e Professor 139

<i>A Vinda do Quinto Reino</i>	142
<i>Nenhum Senhor Além de Deus</i>	147

Capítulo 7. Camponês e Manifestante 160

<i>Vegetando nas Mandíbulas do Tempo</i>	161
<i>A Ameaça de uma Greve Agrária</i>	164

Capítulo 8. Mago e Profeta 173

<i>Elias e Eliseu</i>	174
<i>Magos Rabinizados</i>	177
<i>Para Realizar o Sonho Milenarista</i>	193

Capítulo 9. Bandido e Messias 203

<i>O Rosto Descoberto do Império Agrário</i>	203
<i>O Chefe Bandido de uma Grande Horda</i>	209
<i>Um Rei sem Dinastia?</i>	232

Capítulo 10. Rebelde e Revolucionário 242

<i>Revoltas Nativas contra Roma</i>	243
<i>Uma Revolução dentro da Revolução</i>	245
<i>A Trajetória dos Distúrbios Camponeses</i>	253

PARTE III Um Reino sem Intermediários 261

Capítulo 11. João e Jesus 263

<i>Na Metade do Século I</i>	264
<i>João e o Prometido</i>	266
<i>O Filho do Homem Apocalíptico</i>	274
<i>Reclamações dos Discípulos e das Crianças</i>	296
<i>Uma Comensalidade Aberta a Todos</i>	297

Capítulo 12. Reino e Sabedoria 302

<i>Um Reino de Ninguém</i>	303
<i>Um Reino dos Indesejados</i>	313
<i>Um Reino do Aqui e Agora</i>	319
<i>Um Reino de Deus</i>	320
<i>Do Reino à Liturgia</i>	329

Contra a Família Patriarcal 336

Capítulo 13. Magia e Refeição 340

- A Magia enquanto Banditismo Religioso 341
- Um Evangelho dos Milagres? 347
- Possuídos pelo Demônio do Imperialismo 350
- Eventos e Processos nos Milagres 357
- Do Milagre à Mesa 369
- A Mensagem Composta por um Segredo Óbvio 386

Capítulo 14. Morte e Enterro 392

- Destruirei esta Casa 393
- Fazei isto em Memória de Mim 398
- A Paixão enquanto Narrativa 405
- Um Membro do Conselho 430

Capítulo 15. Ressurreição e Autoridade 433

- Refeição e Mar 434
- Os Nomeados e os Não-nomeados 448

Epílogo 455

- Jesus e o Judaísmo 456
- Um Camponês Judeu Cínico 459
- Jesus e o Cristianismo 460

- Apêndices 465
- Bibliografia 503
- Índice de Autores 523
- Índice de Textos 527
- Índice de Complexos 542

✧ *Abertura* ✧

O Evangelho de Jesus

No princípio havia a realização; não apenas a palavra, nem apenas o ato, mas ambos, cada um marcado pelo outro para sempre. Ele chega, ainda desconhecido, numa aldeola da Baixa Galiléia. Encontra o olhar frio e duro de camponeses que vivem há muito tempo num nível de mera subsistência e sabem, portanto, onde fica a fronteira entre a pobreza e a miséria. Parece um mendigo, mas seus olhos não têm o aspecto servil que seria de esperar, sua voz não soa com os lamentos de costume e seu andar não é arrastado. Ele fala do domínio de Deus e os camponeses escutam mais por curiosidade do que outra coisa. Eles sabem o que é domínio e poder, o que é reino e império, mas sabem disso em termos de impostos e dívidas, subnutrição e doença, opressão agrária e possessão demoníaca. Querem saber o que esse reino de Deus pode fazer por uma criança aleijada, um pai cego, uma alma atormentada que grita o seu isolamento angustiando entre os túmulos que marcam os limites da aldeia. Jesus vai com eles até os túmulos e, no silêncio que se segue ao exorcismo, os aldeões o escutam novamente, mas dessa vez a curiosidade dá lugar à ganância, ao medo e ao constrangimento. Ele é convidado, como exige a honra, para a casa do líder da aldeia. Ao invés disso, vai para a casa da mulher sem posses. Não é exatamente a atitude adequada, mas seria uma estupidez censurar um exorcista, criticar um mago. O povo da aldeia poderia servir como um intermediário de seu poder, poderia dar a este reino de Deus uma localização, um lugar onde outras pessoas viriam ser curadas, um centro onde haveria honra e apadrinhamento para todos, talvez até mesmo para aquela mulher sem posses. Mas no dia seguinte ele vai embora, e agora se perguntam em voz alta sobre um reino divino que não mostra nenhum respeito pelo protocolo, um reino que, segundo ele, se destinava não só aos pobres como eles, mas também aos miseráveis. Outros dizem que os piores demônios, os mais poderosos, estão em certas cidades, e não em pequenas aldeias. Talvez, dizem, o demônio exorcisado tenha ido para um lugar desses, para Séforis ou Tiberíades, para Jerusalém, ou até mesmo Roma, onde a sua chegada nem seria percebida em meio a tantos outros que já moravam lá. Mas alguns não dizem nada e pensam na possibilidade de alcançar Jesus antes que ele se afaste demais.

Nem o próprio Jesus sempre vira as coisas dessa maneira. Antes, ele tinha recebido o batismo de João e aceitado a mensagem de que Deus seria o

juiz de um apocalipse iminente. Mas o Jordão não é apenas água. Ser batizado neste rio significava reencenar a passagem arquetípica do cativo imperial para a liberdade nacional. Herodes Antipas tratou de executar João imediatamente, não houve nenhuma consumação apocalíptica e Jesus, encontrando a sua própria voz, começou a falar de Deus, não como um apocalipse iminente, mas como uma cura no presente. Aos seus primeiros seguidores, gente das aldeias camponesas da Baixa Galiléia que perguntavam como pagar pelos seus exorcismos e suas curas, ele dava uma resposta muito simples — ou melhor, simples de entender, mas extremamente difícil de executar. Vocês são curandeiros curados, dizia, então levem o Reino a outras pessoas, pois não sou o seu mestre e vocês não são seus intermediários. Ele sempre esteve e sempre estará à disposição de todos aqueles que o desejarem. Vistam-se como eu, como um mendigo, mas não peçam esmolas. Façam um milagre e peçam um lugar à mesa. Aquelles que vocês curarem devem aceitá-los em sua casa.

Essa visão enlevada e esse programa social tinham o objetivo de reconstruir uma sociedade a partir de suas bases, mas através de princípios de igualitarismo religioso e econômico, levando-se curas gratuitas diretamente à casa do camponês e aceitando em troca qualquer coisa que puderem oferecer. A conjunção deliberada de magia e refeição, milagre e mesa, compaixão gratuita e comensalidade aberta era um desafio lançado não só à rigorosa regulamentação de pureza do judaísmo, ou à combinação patriarcal de honra e vergonha, apadrinhamento e clientelismo do Mediterrâneo, mas à eterna tendência da civilização de criar limites, estabelecer hierarquias e alimentar discriminações. Ela não buscava uma revolução política, mas uma revolução social que afetaria as profundezas mais perigosas da imaginação. Não se dava nenhuma importância às distinções entre gentio e judeu, homem e mulher, escravo e homem livre, ricos e pobres. Essas distinções mal chegavam a ser atacadas na teoria: elas simplesmente eram ignoradas na prática.

O que aconteceria a Jesus provavelmente era tão previsível quanto o que já acontecera a João. Seria de se esperar que houvesse algum tipo de execução político-religiosa. O que ele fazia e dizia era tão inaceitável no século I quanto no século XX, lá, aqui, ou em qualquer lugar. No entanto, a sequência exata do que aconteceu no final não apresenta mais de um relato independente e é mais fácil entender a sua morte numa relação com a vida do que com os dias que a precederam. É provável que Jesus, confrontado com a riqueza magnífica do Templo — talvez pela primeira e última vez — tenha destruído simbolicamente a sua função perfeitamente legítima de mediador, em nome do reino sem intermediários de Deus. Se este ato tivesse se consumado na atmosfera explosiva da Páscoa, uma festa que comemora a libertação dos judeus da opressão de um império antigo, isso seria o bastante para ter a sua crucificação proclamada pelo poder político-religioso. Para nós, hoje em dia, é impossível imaginar a brutalidade e a indiferença com que se podia livrar de um camponês sem importância como Jesus.

O que não se podia prever nem era de esperar foi que o fim não fosse o fim. Aqueles que tinham experimentado o poder divino através de sua visão e de seu exemplo continuaram a sentir isso depois de sua morte — na verdade, esse sentimento ficou ainda mais forte, pois agora não estava confinado a um determinado tempo e lugar. Como um historiador judeu do final do século I relatou, assumindo prudentemente uma posição neutra, "quando Pilatos, depois de ouvir as acusações feitas contra ele por homens de grande eminência entre nós, condenou-o à cruz, aqueles que foram os primeiros a amá-lo não abandonaram a afeição que tinham por ele. E a tribo dos cristãos, que receberam este nome por sua causa, não desapareceu até hoje". E um arrogante historiador romano relatou que, no início do século II, "Christus, o homem que deu origem a este nome [cristão], foi condenado à morte durante o reinado de Tibério, por decreto do procurador Pôncio Pilatos. Com isso, essa superstição perniciosa foi temporariamente debelada, mas logo reapareceu com toda a força, não apenas na Judéia, local de origem da doença, mas também na própria capital, onde tudo o que há de horrível e vergonhoso neste mundo se reúne e encontra alguma popularidade". Os próprios seguidores de Jesus, que tinham fugido do perigo e do horror da crucificação, passaram a falar não só de uma afeição contínua ou da expansão da "superstição", mas de ressurreição. Eles tentaram exprimir o que sentiam contando, por exemplo, a história de dois seguidores de Jesus que viajam a Emaús — um deles um homem nomeado; o outro, uma pessoa anônima, provavelmente uma mulher. O casal estava deixando Jerusalém cheio de desapontamento e pesar. Jesus encontrou os dois na estrada e, sem ser reconhecido, explicou como as escrituras hebraicas deviam tê-los preparado para o seu destino. Mais tarde, naquela noite, os dois convidaram-no para a ceia e finalmente o reconheceram quando eles serviu-lhes a refeição da mesma maneira que fizera antes, à beira do lago. Só então puderam voltar a Jerusalém com alegria. A simbologia é óbvia, assim como a condensação metafórica dos primeiros anos de pensamento e prática cristãos numa única tarde parabólica. Os eventos de Emaús nunca aconteceram. Os eventos de Emaús estão sempre acontecendo.

No entanto, se nos perguntarmos quais das palavras colocadas na boca de Jesus realmente remetem ao Jesus histórico, é possível encontrar pelo menos um inventário reconstituído. Porém, ao ler estas palavras, não esqueça dos parágrafos anteriores e lembre-se que elas não são uma simples lista. Elas também não são um sermão a ser pregado. São uma composição para ser tocada e um programa a ser executado.

Não carregai uma bolsa, nem um alforje, nem sandálias, nem duas túnicas. Em toda casa que entrardes, comei o que for colocado diante de vós; curai os doentes e dizei a eles: "O reino de Deus veio até vós".

Pedi e vos será dado; buscai e encontrareis; batei e vos será aberto.

O reino de Deus não virá com sinais que poderão ser verificados; Nem poderão dizer: "Ei-lo aqui!" ou "Lá!", pois o reino de Deus já está no meio de vós.

Tendes ouvidos, ouvi!

Aquele que vos recebe, recebe a mim; aquele que recebe a mim, recebe aquele que me enviou.

Aquele que se divorcia de sua mulher e casa com outra comete adultério, e aquele que se casa com uma mulher divorciada de seu marido comete adultério.

Não é o que entra na vossa boca que vos torna impuros, mas o que sai de vossa boca, isso é o que vos torna impuros.

Aqueles que entram no reino dos céus são como bebês que ainda são amamentados.

Vós sois a luz do mundo!

Nenhum profeta é aceito na sua própria aldeia; nenhum médico cura aqueles que o conhecem.

Os seres humanos terão todos os seus pecados perdoados.

Uma mulher na multidão levantou a voz e disse-lhe: "Abençoados o ventre que te gerou e os seios que te amamentaram!" Mas ele respondeu: "Abençoados, antes, aqueles que ouvem a palavra de Deus e a observam!"

Perdoai e sereis perdoados.

Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros.

Tudo o que está oculto se tornará manifesto, tudo o que está encoberto será revelado.

Um semeador saiu para semear. E ao semear, uma parte das sementes caiu à beira do caminho, e vieram as aves e a comeram. Outras sementes caíram num terreno pedregoso, onde não havia muita terra; as plantas não puderam criar raízes e logo morreram. Outras sementes caíram em meio aos espinhos; os espinhos cresceram e as sufocaram, e não deram fruto. Outras, finalmente, caíram em terra boa e produziram frutos que foram crescendo e aumentando, de modo que renderam trinta, sessenta e cem por um.

O reino de Deus é como a semente da mostarda, a menor de todas

as sementes. Mas quando ela cai em solo arado, produz uma grande planta e serve de abrigo para as aves do céu.

Ninguém acende uma lâmpada e a coloca no porão ou embaixo de um móvel, mas sim num candelabro, para que todos que entrem possam ver a luz.

Sede sábios como as serpentes e inocentes como as pombas.

Àquele que tem, mais lhe será dado; àquele que não tem, ainda mais lhe será tirado.

Bem-aventurados os miseráveis.

Se me seguides, carregareis uma cruz.

Um homem plantou uma vinha, depois arrendou-a a vinhateiros e partiu para outro país. Quando chegou a hora, enviou um servo aos arrendatários, para que lhe entregassem parte dos frutos da vinha; mas os arrendatários o espancaram e mandaram embora de mãos vazias. Então enviou outro servo; este também espancaram, insultaram e mandaram embora de mãos vazias. Enviou ainda um terceiro; este eles feriram e depois o expulsaram. Então o dono da vinha disse: "O que farei? Enviarei o meu filho amado; pode ser que o respeitem". Mas logo que o viram, os arrendatários pensaram: "Este é o herdeiro; vamos matá-lo para ficar com a sua herança".

Bem-aventurados os ofendidos.

Destruirei este Templo e ninguém será capaz de reconstruí-lo.

A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi ao Senhor da colheita para enviar mais trabalhadores.

Para que fostes ao deserto? Para ver um caniço agitado pelo vento? Para ver um homem vestindo roupas macias? Aqueles que vestem roupas suntuosas e vivem no luxo estão nas cortes dos reis. Então o que fostes ver? Um profeta? Eu vos digo que sim, e mais do que um profeta.

Quando vedes uma nuvem levantar-se no oeste, logo dizeis: "Vem chuva"; e assim acontece. E quando vedes o vento soprar do sul, dizeis: "Vai fazer calor", e é o que acontece. Sabeis como interpretar a aparência do céu e da terra; mas por que não sabeis interpretar o tempo presente?

Mostraram a Jesus uma moeda de ouro e disseram-lhe: "Os homens

de César vieram nos cobrar o imposto". Ele lhes disse: "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus".

Bem-aventurados os que choram.

Salvar tua vida significa perdê-la; perder tua vida significa salvá-la.

Quem não está contra ti está a teu favor.

É como um pescador que lançou sua rede ao mar e apanhou vários peixes pequenos. No meio deles, encontrou um peixe grande. Ele atirou os peixes pequenos de volta ao mar e escolheu o peixe grande sem dificuldades.

Ateei fogo à terra e, vede, eu o guardo até que irrompa em chamas.

Pensais que vim trazer paz à terra? Não, eu vos digo, mas a divisão. Pois de agora em diante numa casa haverá cinco divididos, três contra dois e dois contra três; estarão divididos pai contra filho e filho contra pai, mãe contra filha e filha contra mãe, sogra contra nora e nora contra sogra.

É como um homem que tivesse espalhado sementes sobre a terra: ele dorme e acorda, noite e dia, e a semente brota e cresce, sem que ele saiba como. A terra produz sozinha, primeiro o talo, depois a espiga e, por fim, os grãos que surgem na espiga. Mas quando o grão está maduro, imediatamente ele o corta com a foice, pois sabe que chegou a hora da colheita.

Vês o cisco no olho de teu irmão, mas não vês a trave que está no teu. Quando tirares a trave do teu olho, então poderás ver com bastante clareza para tirar o cisco do olho de teu irmão.

Uma cidade fortificada construída no topo de uma montanha não pode cair, nem pode ser escondida.

O que vos digo às escuras, dizei-o à luz do dia; e o que ouvirdes em sussurros, proclamai-o sobre os telhados.

Se um cego guia um outro cego, ambos cairão num buraco.

Ninguém pode entrar na casa de um homem forte e tomá-la à força, sem primeiro amarrar as suas mãos; só então será capaz de roubar sua casa.

Não vos preocupeis com a vida, com o que haveis de comer, nem com o vosso corpo, com o que haveis de vestir. Pensai nos corvos: eles não semeiam nem colhem, não têm celeiro nem armazém; e, no

entanto, Deus os alimenta. Pensai nos lírios, como eles crescem: eles não trabalham nem fiam; no entanto vos digo que nem Salomão, em toda a sua glória, vestiu-se como um deles. Ao invés disso, buscai o seu reino, e estas coisas serão vossas também.

Infelizes dos fariseus, pois são como um cão que dorme na manjedoura dos bois, que não come e não deixa que os bois comam.

Dentre aqueles nascidos de mulher, de Adão até João Batista, não há ninguém que seja superior a João Batista a ponto de não precisar baixar os olhos diante dele. No entanto, qualquer um que se torne uma criança conhecerá o Reino e se tornará superior a João.

Ninguém pode servir a dois mestres, pois ou odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro.

Ninguém bebe vinho velho e imediatamente deseja beber vinho novo.

Ninguém faz remendo de pano novo em roupa velha e ninguém põe vinho novo em odres velhos.

Quem não odeia o seu pai e a sua mãe não pode se tornar meu discípulo. E quem não odeia os seus irmãos e suas irmãs não pode se tornar meu discípulo.

O reino pode ser comparado a um homem que semeou boa semente em seu campo. Mas enquanto todos dormiam, seu inimigo veio e plantou ervas daninhas em meio ao trigo, e foi embora. Quando o trigo cresceu e começou a dar grãos, as ervas daninhas apareceram também. Os servos do proprietário foram atrás dele e lhe disseram: "Senhor, não semeaste boa semente em teu campo? Então como está cheio de ervas daninhas?" Ele lhes disse: "Um inimigo é que fez isso". Os servos perguntaram-lhe: "Queres, então, que as arranquemos?" Mas ele respondeu: "Não, pois ao arrancar as ervas daninhas podeis arrancar o trigo junto com elas. Deixai-os crescer juntos até a colheita. Na hora da colheita, direi aos ceifadores: 'Arrancai primeiro a erva daninha e atai-a em feixes para ser queimada; depois recolhei o trigo em meu celeiro'".

Havia um homem rico que tinha muito dinheiro. Ele disse: "Empregarei bem meu dinheiro para que eu possa semear, colher, plantar e encher meu celeiro de produtos, de modo que nada me faltará". Essa era a sua intenção, mas na mesma noite ele morreu.

Havia um homem que (desejava) receber convidados e, depois de preparar o jantar, enviou um criado para chamá-los. Ele dirigiu-se ao primeiro e disse: "Meu mestre te convida". Ele respondeu: "Tenho uma petição contra alguns mercadores. Eles virão se encontrar comigo esta

noite. Tenho que ir e dar-lhes minhas ordens. Peço para ser dispensado do jantar". Ele dirigiu-se a outra pessoa e disse: "Meu mestre te convida". Ele respondeu: "Meu amigo vai se casar e tenho que preparar o banquete. Não poderei ir. Peço para ser dispensado do jantar". Ele procurou outra pessoa e disse: "Meu mestre te convida". Ele respondeu: "Acabei de comprar uma fazenda e estou de saída para cobrar o aluguel. Não poderei ir. Peço para ser dispensado". O criado voltou e disse ao seu senhor: "Aqueles que convidaste para jantar pediram para ser dispensados". O mestre disse ao criado: "Sai para a rua e traz todos aqueles que encontrares, para que eles possam jantar".

Bem-aventurados os que têm fome.

Um homem lhe disse: "Dize a meus irmãos para dividir as posses de meu pai comigo". Ele respondeu: "Homem, quem me nomeou divisor?"

O reino é como um mercador que possuía um carregamento de mercadoria e descobriu uma pérola. O mercador era astuto. Ele vendeu a mercadoria e comprou a pérola para si.

As raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas o ser humano não tem onde pousar a cabeça.

Por que lavais o exterior do copo? Não sabeis que aquele que fez o interior também fez o exterior?

Se tendes dinheiro, não emprestai a juros: oferecei-o a alguém que não pagará de volta.

O reino é como uma certa mulher. Ela pegou um pouco de fermento, escondeu-o na massa e depois assou grandes pães.

Os discípulos lhe disseram: "Teus irmãos e tua mãe estão lá fora". Ele lhes disse: "Estes aqui que fazem a vontade de Deus são os meus irmãos e a minha mãe".

Disseram a Jesus: "Venha, vamos rezar e jejuar hoje". Jesus respondeu: "Que pecado cometi, ou onde fui derrotado? Mas quando o noivo sair do quarto nupcial, eles que jejuem e rezem".

O reino é como um pastor que tinha cem ovelhas. Uma delas, a maior, um dia se desgarrou. Ele deixou as noventa e nove e foi procurá-la, até a encontrar. Depois de ter tido todo esse trabalho, ele disse à ovelha: "Importo-me mais contigo do que com as outras noventa e nove".

O reino dos céus é como um tesouro escondido no campo. Um

homem o encontra e torna a esconder e, na sua alegria, vai, vende tudo o que possui e compra o campo.

Os escribas, os anciãos e os sacerdotes estavam zangados porque ele se reclinava à mesa com pecadores.

Amai vossos inimigos e orai por aqueles que vos ofenderam.

Ele estava expulsando um demônio que era mudo. Quando o demônio saiu, o mudo falou e as pessoas ficaram admiradas. Alguns, porém, disseram: "É por Beelzebu, o príncipe dos demônios, que ele expulsa os demônios". Ele, porém, disse: "Todo reino dividido contra si mesmo acaba em ruínas, e uma casa dividida cai. Se Satanás também estiver dividido contra si mesmo, como o seu reino poderá sobreviver? Pois dizeis que é por Beelzebu que expulso os demônios".

Se é por Beelzebu que expulso os demônios, por quem os expulsam vossos filhos? Assim, eles mesmos serão vossos juízes. Mas se é pelo dedo de Deus que expulso os demônios, então o reino de Deus veio até vós.

Cuidado com os escribas, que gostam de vestir túnicas longas, de receber saudações nas praças do mercado e de ocupar os melhores assentos nas sinagogas e os lugares de honra nos banquetes.

O sal é bom. Porém, se ele ficar insosso, como ele poderá ser temperado?

Se alguém te bater na face direita, oferece também a outra; se alguém te perseguir e tomar o teu casaco, deixa que ele leve o manto também; e se alguém te obrigar a andar um quilômetro, acompanha-o por dois quilômetros.

Um dos discípulos lhe disse: "Senhor, deixa-me ir enterrar o meu pai". Mas Jesus respondeu: "Segue-me e deixa que os mortos enterrem os seus mortos".

Um outro lhe disse: "Eu te seguirei, Senhor, mas deixa-me primeiro despedir-me dos que estão em minha casa". Jesus respondeu: "Quem põe a mão no arado e olha para trás não está preparado para o reino de Deus".

Sois cordeiros no meio dos lobos.

Quem de vós, sendo pai, quando o filho pede pão lhe dá uma pedra? Ou quando o filho pede peixe, dá a ele uma serpente? Se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai que está no céu dará coisas boas aos que pedirem!

Não se vendem cinco pardais por dois tostões? E, no entanto, nenhum deles é esquecido diante de Deus. Até os cabelos das vossas cabeças são contados. Não temeis: valeis mais do que muitos pardais.

Onde está vosso tesouro, aí também está vosso coração.

Desde os dias de João Batista até agora, o reino de Deus sofre violência, e homens violentos tentam entrar nele à força. Porque todos os profetas e a lei profetizaram, até João.

Pedro aproximou-se dele e disse: "Senhor, quantas vezes devo perdoar o irmão que pecar contra mim? Até sete vezes?" Jesus respondeu: "Não te digo até sete, mas setenta vezes sete".

Um homem, ao partir de viagem, chamou seus criados e entregou-lhes os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, de acordo com a sua capacidade. Depois foi embora. Aquele que tinha recebido cinco talentos imediatamente negociou com eles e ganhou mais cinco. Da mesma maneira, aquele que tinha dois talentos ganhou mais dois. Mas aquele que recebeu um talento fez um buraco no chão e escondeu o dinheiro de seu mestre. Depois de muito tempo, o senhor desses servos voltou e acertou as suas contas com eles. Aquele que recebera cinco talentos veio e entregou outros cinco, dizendo: "Senhor, tu me confiaste cinco talentos; aqui estão outros cinco que ganhei". O seu senhor respondeu: "Muito bem, criado bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei. Alegra-te junto com o teu senhor". Aquele que tinha os dois talentos também veio e disse: "Senhor, tu me confiaste dois talentos. Aqui estão outros dois talentos que ganhei". O seu senhor lhe disse: "Muito bem, criado bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei. Alegra-te junto com o teu senhor". Aquele que recebera um talento também veio e disse: "Senhor, eu sabia que eras um homem duro, que colhes onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste. Então fiquei amedrontado e escondi teu talento no chão. Aqui está o que é teu". Mas o seu mestre respondeu: "Criado mau e preguiçoso! Sabias que colho onde não semeei e que ajunto onde não espalhei? Então devias ter investido meu dinheiro com os banqueiros e, ao voltar, eu receberia com juros o que é meu. Tirai o talento dele e dai-o àquele que tem dez".

Ele lhes disse: "Os reis dos gentios os dominam, e os que exercem a autoridade são chamados de benfeitores. Quanto a vós, não deverá ser assim. Ao contrário, o maior dentre vós deve ser como o mais jovem e o líder deve ser como o que serve. Pois qual é o maior: o que se senta à mesa ou aquele que serve? Não é o que se senta à mesa? Mas estou entre vós como aquele que serve".

É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus.

Ama teu vizinho como à tua própria alma. Guarda teu vizinho como a pupila de teu olho.

Tornai-vos passantes.

É impossível montar dois cavalos ou retesar dois arcos.

Bem-aventurado aquele que sofreu.

Parte um pedaço de madeira e estarei lá. Levanta uma pedra e me encontrarás lá.

O reino é como uma certa mulher que estava carregando um jarro cheio de farinha. Enquanto ela estava andando pela estrada, ainda a alguma distância de casa, a alça do jarro se quebrou e a farinha se espalhou atrás dela na estrada. Ela não reparou, não percebeu que tinha havido um acidente. Quando chegou em casa, pousou o jarro e descobriu que ele estava vazio.

O reino é como um certo homem que desejava matar um homem poderoso. Ele puxou a espada na sua própria casa e a enfiou na parede, para ver se a sua mão era forte o bastante. Depois ele matou o homem poderoso.

Se estiveres para trazer tua oferta ao altar e ali te lembrares de que teu vizinho tem algo contra ti, deixa a tua oferta ali no altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu vizinho; depois volta para fazer tua oferenda.

Não jureis de modo nenhum; nem pelo céu, pois é o trono de Deus, nem pela terra, que é seu escabelo, nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei. E não jures pela tua cabeça, pois não podes tornar nem um só fio de cabelo branco ou preto. Dize apenas sim ou não; qualquer coisa além disso vem do mal.

Exalta a ti mesmo e serás humilhado; humilha a ti mesmo e serás exaltado.

O reino pode ser comparado a um rei que desejava acertar as contas com seus servos. Quando começou o acerto, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Como não podia pagar, o senhor ordenou que o vendessem, junto com a sua mulher, seus filhos e todas as suas posses, para o pagamento da dívida. Então o servo caiu a seus pés e lhe implorou: "Senhor, tem paciência comigo e pagarei tudo". Tomado de pena, o senhor soltou-o e perdoou-lhe a dívida. Mas ao sair dali,

este mesmo servo encontrou um de seus companheiros de servidão, que lhe devia cem denários, e, tomando-o pelo pescoço, disse: "Paga-me o que me deves". Então seu colega de servidão caiu a seus pés e rogou-lhe: "Tem paciência comigo e pagarei tudo". Ele recusou e mandou-o para a prisão até que lhe pagasse a dívida. Quando os outros servos viram o que tinha acontecido, ficaram muito penalizados e contaram ao senhor tudo o que tinha acontecido. Então o senhor chamou o servo e lhe disse: "Servo mau! Perdoei a tua dívida porque me imploraste. Não devias também ter compaixão de teu colega, como eu tive de ti?" Assim, encolerizado, o senhor o entregou aos verdugos, até que ele pagasse a sua dívida.

O reino é como um pai de família que saiu de manhã cedo para contratar trabalhadores para a sua vinha. Depois de combinar com os trabalhadores um denário por dia, ele mandou-os para a vinha. Tornando a sair por volta da terceira hora, viu outros que estavam na praça, sem fazer nada, e disse-lhes: "Ide também para a vinha e vos pagarei o que for justo". Então eles foram. Tornando a sair por volta da sexta e da nona hora, fez a mesma coisa. Saindo por volta da décima-primeira hora, encontrou outros que estavam lá e lhes disse: "Por que ficais aí o dia inteiro sem fazer nada"? Eles responderam: "Porque ninguém nos contratou". Ele lhes disse: "Ide para a vinha também". À noitinha o dono da vinha disse ao capataz: "Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos até os primeiros". Quando vieram os que foram contratados à décima primeira hora, eles receberam um denário. E vindo os primeiros, pensaram que receberiam mais; mas cada um recebeu um denário. Ao receber o dinheiro, resmungaram contra o dono da casa, dizendo: "Estes últimos trabalharam apenas uma hora e tu os igualaste a nós, que suportamos o peso do dia e o calor do sol". Mas ele respondeu a um deles: "Amigo, não fui injusto contigo. Não combinaste comigo um denário? Toma o que é teu e vai. Eu quero dar a este último o mesmo que a ti".

Há eunucos que já nasceram assim, e há eunucos que foram feitos assim pelos homens. E há eunucos que se fizeram eunucos por causa do reino dos Céus.

Um homem tinha dois filhos. Ele dirigiu-se ao primeiro e disse: "Filho, vai trabalhar hoje na vinha". Ele respondeu: "Não vou"; mas depois se arrependeu e foi. Dirigiu-se ao segundo e disse a mesma coisa. Este respondeu: "Eu vou, senhor", mas não foi. Qual dos dois fez a vontade do pai?

Um homem descia de Jerusalém a Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes que, depois de despojá-lo e espancá-lo, foram embora, deixando-o semimorto. Por acaso um sacerdote passava pelo mesmo caminho; quando viu o homem, passou adiante pelo outro lado da estrada. Da mesma maneira um levita, ao chegar nesse lugar e o ver,

passou adiante pelo outro lado. Mas um samaritano que estava de viagem chegou onde ele estava e, ao vê-lo, foi tomado de compaixão. Aproximou-se, fez compressas em suas feridas, derramou óleo e vinho, depois colocou-o sobre a sua própria montaria e levou-o a uma estalagem, onde ficou tomando conta dele. No dia seguinte, pegou dois denários, deu-os ao dono da estalagem e disse: "Cuida dele, e o que gastares a mais, eu te pagarei quando voltar".

Quem dentre vós, se tiver um amigo, vai procurá-lo à meia-noite e lhe diz: "Amigo, empresta-me três pães, porque um amigo meu chegou de viagem e não tenho nada para lhe oferecer"; e ele responde de dentro: "Não me aborreças. A porta está fechada, e meus filhos e eu já estamos na cama. Não posso me levantar para te dar nada"? Ainda que ele não se levante para lhe dar nada por ser seu amigo, por causa de sua insistência ele se levantará e lhe dará tudo o que precisar.

Um homem tinha uma figueira plantada em sua vinha. Foi até ela procurar frutos, mas não encontrou nenhum. Então disse ao vinhateiro: "Há três anos venho procurar frutos nesta figueira e não encontro nenhum. Corta-a. Para que deixá-la ocupar espaço?" Mas ele respondeu: "Senhor, deixa-a em paz ainda este ano, para que eu cave em volta e coloque adubo. Se ela der frutos ano que vem, muito bem; senão, poderás cortá-la".

Pois quem de vós, querendo construir uma torre, primeiro não se senta para calcular as despesas e ver se tem dinheiro para terminar a obra? Do contrário, depois de construir o alicerce, pode descobrir que não tem dinheiro para acabar e todos que vêem isso começam a caçoar dele: "Este homem começou a construir, mas não conseguiu terminar". Ou ainda, qual o rei que, ao partir para guerrear com outro, primeiro não se senta para verificar se com dez mil soldados será capaz de enfrentar aquele que vem com vinte mil? Caso contrário, enquanto o outro ainda está muito longe, ele envia uma embaixada para perguntar as condições da paz.

Qual a mulher que, tendo dez moedas de prata, ao perder uma delas não acende uma lâmpada, varre a casa e procura com cuidado até finalmente encontrá-la? E, depois de encontrá-la, chama os amigos e os vizinhos, e diz: "Alegrai-vos comigo, pois encontrei a moeda que tinha perdido".

Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao pai: "Pai, dá-me a parte da herança que me cabe". E o pai dividiu seus bens entre eles. Poucos dias depois, o filho mais novo juntou tudo o que tinha e viajou para um país distante. Lá, dissipou sua herança numa vida devassa. Depois de ter gastado tudo, ocorreu no país uma grande fome e ele começou a passar por necessidades. Então ele foi empregar-se com

um dos cidadãos daquele país, que o mandou para os campos alimentar os porcos. Ele comeria de bom grado as vagens que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada. E, caindo em si, disse: "Quantos empregados de meu pai têm pão com fartura, enquanto eu estou aqui, morrendo de fome! Vou-me embora, procurar o meu pai e dizer-lhe: 'Pai, pequei contra os céus e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho. Trata-me como um de teus empregados'". Então partiu e foi ter com o pai. Mas enquanto ainda estava à alguma distância, seu pai o viu, teve pena, correu, abraçou-o e beijou-o. E o filho lhe disse: "Pai, pequei contra os céus e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho". Mas o pai disse aos criados: "Trazei depressa a melhor túnica para que ele a vista, colocai um anel em seu dedo e sandálias em seus pés. Trazei o novilho cevado e matai-o. Comamos e festejemos, pois este meu filho estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi encontrado". E começaram a festejar. O filho mais velho estava no campo. Quando, ao voltar, aproximou-se da casa, ouviu música e danças. Ele chamou um criado e perguntou o que estava acontecendo. Ele respondeu: "O teu irmão voltou e teu pai matou o novilho cevado, porque ele estava com saúde". Mas o filho ficou zangado e recusou-se a entrar. O pai saiu para rogar que entrasse, mas ele respondeu: "Durante todos esses anos eu te servi e nunca desobedeci às tuas ordens. No entanto, nunca me deste um cabrito para festejar com os meus amigos. Mas quando volta esse teu filho, que devorou os teus bens com prostitutas, matas para ele o novilho cevado"! Então o pai lhe disse: "Filho, tu sempre estás comigo, e tudo o que é meu é teu. Era preciso que festejássemos e nos alegrássemos, pois esse teu irmão estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi encontrado".

Um homem rico tinha um administrador que foi acusado de estar dissipando os seus bens. Ele chamou-o e disse: "O que é isso que ouço falar de ti? Presta contas de tua administração, pois não serás mais meu administrador". O administrador, então, refletiu: "O que farei agora que meu senhor me retira da administração? Não tenho forças para cavar e tenho vergonha de pedir esmolas. Já sei o que vou fazer para que as pessoas me recebam em suas casas depois de perder a administração". Convocou, então, os devedores de seu senhor um por um e disse ao primeiro: "Quanto deves ao meu senhor?" Ele respondeu: "Cem medidas de óleo". Então lhe disse: "Toma a tua conta, senta-te depressa e escreve cinquenta". Depois disse a outro: "E tu, quanto deves?" Ele respondeu: "Cem medidas de trigo". Ele lhe disse: "Toma a tua conta e escreve oitenta".

Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino, e todo dia se banqueteava com requinte. À sua porta vivia um pobre, coberto de chagas, chamado Lázaro. Ele desejava comer o que caía da mesa do rico. Até os cães vinham lamber as suas feridas. O pobre morreu e foi carregado pelos anjos até o seio de Abraão. O rico também morreu

e foi enterrado. No Hades, no meio de seus tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão, com Lázaro em seu seio. Então exclamou: "Pai Abraão, tem piedade de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo e me refresque a língua, pois estou sendo torturado pela chama". Mas Abraão disse: "Filho, lembra-te que durante a vida recebeste coisas boas, e Lázaro apenas coisas ruins; mas agora ele encontra consolo aqui e tu és atormentado. Além disso, existe um grande abismo entre nós, de modo que aqueles que querem passar daqui para junto de vós não o podem, nem tampouco os que estão aí podem vir até nós".

Numa cidade havia um juiz que não temia a Deus e não tinha consideração pelos homens. Nesta mesma cidade havia uma viúva que o procurava a toda hora, dizendo: "Faz-me justiça contra o meu adversário". Durante algum tempo, ele se recusou; mas depois refletiu: "Apesar de não temer a Deus e não ter consideração pelos homens, como esta viúva vive me importunando, vou fazer-lhe justiça, para que não me aborreça mais com a sua insistência".

Dois homens subiram ao Templo para rezar; um era fariseu e o outro publicano. O fariseu, de pé, orava consigo mesmo, da seguinte maneira: "Deus, eu te dou graças porque não sou como os outros homens, extorsionários, injustos, adúlteros, e nem como este coletor de impostos. Jejuo duas vezes por semana, pago o dízimo de tudo o que recebo". No entanto, o coletor de impostos, mantendo-se à distância, não erguia nem os olhos ao céu; ao invés disso, batia no peito, dizendo: "Deus, tem piedade de mim, que sou um pecador!" Este homem desceu para casa justificado, mais do que o outro.

Repito, mais uma vez, que estas palavras não são uma lista a ser lida. Também não são um sermão a ser pregado. São uma composição a ser tocada e um programa a ser executado. Este livro é um relato de sua orquestração inicial e de seus primeiros acordes. No final, como no começo, agora como então, há apenas a realização.

✧ *Prólogo* ✧

O Jesus Histórico

Tentar encontrar o Jesus real é como (no terreno da física atômica) tentar localizar uma partícula submicroscópica e determinar a sua carga. Não se pode ver a partícula diretamente, mas ela desloca partículas maiores cuja trajetória pode ser registrada numa chapa fotográfica. Se traçarmos essas trajetórias de volta a seu ponto de origem e se calcularmos a força necessária para movimentá-las dessa maneira, poderemos localizar e descrever a causa invisível. A história, obviamente, é bem mais complexa do que a física: a trajetória que liga a figura original às lendas que se tecem em torno dela não pode ser traçada com uma precisão matemática; é preciso sempre levar em conta a interferência de fatores desconhecidos. Conseqüentemente, o máximo que podemos conseguir é um resultado provável. No entanto, como diz Bishop Butler, "a probabilidade é o próprio fio condutor da vida".

Morton Smith (1978:6)

A pesquisa do Jesus histórico está virando uma piada acadêmica sem graça. Sempre houve historiadores que diziam que ela era inviável devido a problemas históricos. Sempre houve teólogos argumentando que ela não devia ser levada adiante devido a objeções de ordem teológica. E sempre houve estudiosos que utilizavam o primeiro argumento quando na verdade a sua preocupação era com o segundo. Pode-se dizer, entretanto, que essas são dificuldades negativas. O que está acontecendo agora, por outro lado, é um problema de ordem positiva. Trata-se do número cada vez maior de pesquisadores competentes (alguns deles de enorme reputação) produzindo retratos divergentes da figura de Jesus.

Um exemplo será o bastante para ilustrar essa questão. O discurso que Daniel J. Harrington fez ao tomar posse do cargo de presidente da Catholic Biblical Association na Universidade de Georgetown, no dia 6 de agosto de 1986, foi publicado tanto na sua versão original (1987a), quanto numa versão "adaptada e ampliada" (1987b). Nesta edição, ele apresenta "uma breve descrição das sete imagens diferentes de Jesus criadas por vários estudiosos nos últimos anos. As diferenças dizem respeito aos diversos ambientes judaicos que servem como pano de fundo para as suas concepções do Jesus

histórico" (36). Há o Jesus enquanto revolucionário político de S. G. F. Brandon (1967); enquanto mago, segundo Morton Smith (1978); enquanto figura carismática da Galiléia, segundo Geza Vermes (1981, 1984); enquanto um rabino da Galiléia, segundo Bruce Chilton (1984); enquanto um hillelita ou proto-fariseu, segundo Harvey Falk (1985); enquanto um essênio, também segundo Harvey Falk (1985); e enquanto um profeta escatológico, segundo E. P. Sanders (1985).

Nem todos os trabalhos desta lista são igualmente convincentes, mas a sua quantidade já é o bastante para demonstrar a profundidade do problema. Mesmo que a nossa preocupação seja delinear um perfil de Jesus dentro do ambiente judaico que o consenso apontou como o mais adequado, ainda corremos o risco de ter um retrato diferente para cada exegeta. Vários dos trabalhos acima — além de outros que poderiam ser acrescentados à lista, como Borg (1984) e Horsley (1987) — contêm elementos e *insights* que deveriam ser mantidos em sínteses futuras. Essa impressionante diversidade, no entanto, é considerada um motivo de vergonha no mundo acadêmico. É impossível evitar a desconfiança de que a pesquisa do Jesus histórico é um campo em que se pode fazer teologia e chamá-la de história, ou então fazer autobiografia e chamá-la de biografia, sem correr grandes riscos.

O problema da multiplicidade de conclusões discordantes a respeito de Jesus nos obriga a repensar a questão da teoria e do método. A metodologia empregada na pesquisa do Jesus histórico se encontra, no final deste século, aproximadamente no mesmo estágio em que se encontrava a metodologia arqueológica no final do século passado. Se um arqueólogo resolve escavar um terreno mais ou menos ao seu bel-prazer, pega o que lhe parece mais precioso ou raro e volta correndo para casa, para entregá-lo a um museu imperial, o que temos não é uma pesquisa arqueológica, mas uma pilhagem cultural. Sem uma estratigrafia científica, isto é, sem a localização exata de cada item na sua própria camada cronológica, pode-se tirar praticamente qualquer conclusão a partir de qualquer objeto. Mas se a arqueologia hoje em dia já descobriu a importância absoluta da estratigrafia, a pesquisa do Jesus histórico ainda perde tempo com uma espécie de pilhagem textual, com investigações a respeito da tradição de Jesus que não partem de uma estratigrafia geral, nem explicam porque se dá mais atenção a um determinado item em detrimento dos outros. Fica-se, então, com a impressão de que o pesquisador já sabe os resultados de sua busca antes dela começar.

Antes de começar a escrever este livro, portanto, eu já sabia que ele não poderia ser mais um conjunto de conclusões arbitrárias disputando um lugar entre as diversas imagens de Jesus apresentadas pela academia. Por mais que um trabalho deste tipo pudesse ter a sua validade, ele não faria mais do que aumentar a impressão de profundo subjetivismo que domina a pesquisa do Jesus histórico. Era preciso, portanto, enfrentar com toda a seriedade o problema da metodologia e seguir rigorosamente o método teórico a ser escolhido.

A metodologia que adotei para a pesquisa do Jesus histórico está baseada num triplo processo triádico: a campanha, a estratégia e as táticas, por assim dizer. A primeira tríade diz respeito à interação entre um nível macrocósmico, onde fiz uso da *antropologia* social intercultural e transtemporal, um nível mesocósmico, onde recorri à *história* helenística ou greco-romana, e um nível microcósmico, representado pela *literatura* composta por sentenças e episódios específicos, histórias, anedotas, confissões e interpretações a respeito de Jesus. Os recursos oferecidos por estes três níveis — o antropológico, o histórico e o literário — devem ser explorados por completo e com a mesma intensidade para se chegar a uma síntese eficaz. Gostaria de insistir um pouco mais neste ponto. Parto do princípio de que deve haver uma combinação igualitária e interativa destes elementos, a tal ponto que uma fraqueza em qualquer um deles ameace a integridade e a validade de todos os outros. Por enquanto, é muito difícil atingir este equilíbrio. O meu método exige, então, que se atinja o mesmo grau de sofisticação nesses três níveis ao mesmo tempo. Examinemos um exemplo. O capítulo treze, "Magia e refeição", é provavelmente o mais importante deste livro. A discussão das curas realizadas por Jesus que conduzimos neste capítulo exige uma integração de estudos antropológicos — que vão desde a pesquisa de Ioan Lewis sobre as religiões extáticas (1971), até os artigos de Allan Young sobre a antropologia das doenças (1982) e de Peter Worsley sobre sistemas medicinais fora do Ocidente (1982) — e de estudos históricos, englobando desde o livro de John Hull sobre a magia helenista e a tradição sinótica (1974) até o estudo de David Aune sobre o papel da magia no cristianismo primitivo (1980). As refeições de Jesus, também estudadas nesse capítulo, implicam igualmente numa integração de estudos antropológicos, como a pesquisa de Peter Farb e George Armelagos sobre a antropologia do ato de comer (1980), e estudos históricos, como o trabalho de Dennis Smith sobre as obrigações sociais no contexto das refeições comunitárias (1980). No entanto, os níveis antropológico e histórico exigem também uma sofisticação do nível literário ou textual, uma atenção cuidadosa à cronologia da estratificação, à multiplicidade de testemunhos e à combinação de retenção, mutação e criação dentro da própria tradição de Jesus.

Ao longo deste livro empreguei outros modelos e tipologias antropológicos, como por exemplo os livros *Power and Privilege: A Theory of Social Stratification* (*Poder e privilégio: uma teoria sobre a estratificação social*), de Gerhard Lenski (1966), *Why Men Rebel* (*Por que os homens se rebelam*), de Ted Robert Gurr (1970) e *Magic and the Millennium: A Sociological Study of Religious Movements of Protest Among Tribal and Third-World Peoples* (*A magia e o Milênio: um estudo sociológico dos movimentos religiosos de protesto em povos tribais e do terceiro mundo*), de Bryan Wilson (1973). No entanto, por mais que tomemos trabalhos de antropologia como modelos, não podemos nos esquecer de que qualquer estudo sobre o Jesus histórico vai depender da maneira como trabalhamos com o nível literário representado pelo pró-

prio texto. Daí a necessidade de uma segunda e uma terceira tríade que lidam diretamente com este nível textual. Mas antes, peço permissão para voltar atrás um pouco.

O leitor comum pode se perguntar por que haveria algum problema no nível textual ou literário da tradição de Jesus. Por acaso não existem quatro biografias, escritas por Mateus, Marcos, Lucas e João, sobre este camponês judeu que viveu no Mediterrâneo do século I? Essas obras não foram compostas num período de 75 anos depois de sua morte, por indivíduos ligados direta ou indiretamente a ele? Não é verdade que isso é o mesmo ou até mais do que possuímos a respeito de Tibério, imperador romano que foi seu contemporâneo, cuja vida foi retratada em biografias escritas por Veleio Pátérulo, Tácito, Suetônio e Dión Cássio, sendo que apenas o primeiro teve contato direto com ele (os outros escreveram a seu respeito num período de 75 a 200 anos depois de sua morte)? Qual é, então, o problema literário da tradição textual acerca de Jesus?

No fundo, é exatamente esse testemunho quádruplo — ignorando-se outros documentos externos a ele — que constitui o nosso problema literário. Se lemos estes quatro textos verticalmente, ou seja, do início ao fim e um depois do outro, ficamos com uma impressão geral de unidade, harmonia e conformidade. Mas se, ao contrário, eles forem lidos horizontalmente, destacando-se uma determinada unidade e comparando a maneira como ela é apresentada em uma, duas, três ou quatro versões, veremos que a discrepância, e não a conformidade, é a principal característica dos quatro textos. Já em meados do século II, tanto os pagãos que atacavam o cristianismo, como Celso, quanto os seus defensores — como Justino, Taciano e Marcião — tinham plena consciência dessas divergências, ainda que fossem apenas entre Mateus e Lucas, por exemplo. A solução mais óbvia seria converter essa pluralidade em unidade através de duas estratégias: eliminar todos os Evangelhos com a exceção de um, como sugeriu Marcião, ou então fazer uma colagem dos quatro textos de modo a formar uma única narrativa, solução que provavelmente antecedia a Justino, mas que este adotou juntamente com seu pupilo, Taciano. Essas duas soluções ainda funcionam de forma implícita até hoje. Problema: há duas versões do Pai-Nosso. Solução: citar Mateus e ignorar Lucas. Problema: há duas versões para a história do nascimento de Jesus. Solução: colocar os pastores e os Magos juntos em torno da manjedoura.

Ao longo dos últimos 200 anos, no entanto, estudos comparativos dos Evangelhos conseguiram apontar para algumas conclusões inquestionáveis. Primeiro, há outros Evangelhos fora do Novo Testamento. Segundo, os quatro Evangelhos intracanônicos não são uma coleção completa, nem uma seleção aleatória dos textos disponíveis: eles foram escolhidos deliberadamente num processo em que outros evangelhos foram rejeitados não só por questões de conteúdo, mas também de forma. Terceiro, retenção, desenvolvimento e criação do material acerca de Jesus são encontrados tanto em

fontes intracanonicas quanto extracanonicas. Quarto, as discrepâncias entre as diversas narrativas e versões não se devem apenas a falhas de memória nem a diferenças de ênfase, mas também a interpretações teológicas conscientes a respeito de Jesus. Resumindo, a presença contínua do Jesus ressurrecto e a experiência permanente do Espírito ofereciam aos transmissores da tradição de Jesus uma liberdade criativa que nunca nos atreveríamos a postular, caso o peso das evidências não a tornasse inquestionável. Mesmo quando Mateus ou Lucas, por exemplo, usam Marcos como uma fonte do que Jesus disse e fez, ou do que outras pessoas disseram e fizeram a Jesus, eles apresentam uma assustadora desenvoltura ao omitir, acrescentar, modificar, corrigir e criar certas passagens dentro das suas próprias narrativas — mas sempre, é claro, de acordo com a sua interpretação pessoal de Jesus. Os Evangelhos não são nem narrativas históricas, nem biografias (mesmo dentro dos esquemas flexíveis que guiavam estes dois gêneros na Antiguidade). Eles são exatamente aquilo de que passaram a ser chamados mais tarde: Evangelhos, ou "boas novas". Daí podem-se retirar duas advertências. O que é "bom" depende da interpretação ou opinião de um indivíduo ou de uma comunidade. E "novas" é mais plural do que se pensa.

A tradição acerca de Jesus, portanto, contém três grandes camadas: uma de retenção, em que se registram ao menos as palavras, atos e acontecimentos essenciais; outra de desenvolvimento, onde esses dados são aplicados a novas situações, problemas e circunstâncias imprevistas; e finalmente a de criação, onde não só se compõem novas sentenças e histórias, mas também se formam complexos mais amplos, cujo conteúdo foi modificado através deste mesmo processo. Helmut Koester resumiu a situação da seguinte maneira: "No século I e no início do século II, o número de evangelhos em circulação devia ser bem maior. Restam fragmentos de pelo menos uma dúzia deles, e qualquer um podia reescrevê-los, editá-los, revisá-los e combiná-los conforme desejasse (e muitos de fato faziam isso)" (1983:77). Esse, em linhas bastante gerais, é o problema textual da tradição de Jesus. Como fazer, então, para pesquisar essas camadas sedimentadas a fim de descobrir o que Jesus realmente fez e disse, e, mais importante, como fazer isso com alguma integridade acadêmica e validade metodológica? Não pretendo, aliás, dizer que outras camadas sejam ilícitas, inválidas, inúteis ou danosas. Não acho adequado chamar a primeira camada de "autêntica", como se as outras duas fossem ilegítimas. Posso falar de uma camada original e de outras de desenvolvimento e composição, ou então de retenção, desenvolvimento e criação, mas rejeito qualquer conotação pejorativa em relação aos dois últimos processos. Jesus deixou pensadores, e não memorizadores; discípulos, e não recitadores; pessoas, e não papagaios.

A segunda tríade da minha metodologia lida especificamente com o problema textual, que é uma consequência direta da própria natureza da tradição de Jesus. O seu primeiro estágio é o de *inventário*. Este estágio inicial exige uma listagem completa de todas as grandes fontes e textos, intra ou

extracanonicos, que serão utilizados. Eles devem ser colocados dentro de seu contexto histórico e literário, não só porque isso elimina algumas controvérsias, mas também porque assim o leitor tem como se situar ao estudar cada questão. Os passos adotados para elaborar este inventário podem ser discutidos, mas isso é apenas mais um motivo para situar cada problema da maneira mais clara possível.

O segundo estágio é o de *estratificação*, a colocação de cada fonte ou texto numa seqüência cronológica, de modo que o leitor possa saber o que data, digamos, de 30 a 60, 60 a 80, 80 a 120 ou 120 a 150 E.C. O inventário deste livro está distribuído justamente entre estes quatro estratos (apêndice 1).

O terceiro estágio é o de *testemunho*. Ele nos remete de volta ao inventário, mas agora os dados já estratificados são apresentados de acordo com a multiplicidade de testemunhos independentes dentro de cada complexo formado pelas fontes e textos da tradição de Jesus. A palavra fundamental aqui é independente. Se uma determinada unidade aparece em Mateus, Marcos, Lucas e João, temos quatro versões do mesmo acontecimento. Mas quais delas são independentes? Podem ser apenas duas, as de Marcos e João, ou até mesmo uma só, a de Marcos, por exemplo. É preciso realizar o mesmo juízo em cada complexo do inventário estratificado (ver apêndice 1).

Finalmente, temos a terceira tríade, que diz respeito à manipulação metodológica do inventário já organizado de acordo com a hierarquia cronológica da estratificação e a hierarquia numerada dos testemunhos. O primeiro de seus três elementos lida com a *seqüência de estratos*. A investigação deve começar do primeiro estrato e a partir daí trabalhar com o segundo, o terceiro e o quarto. Esta etapa mostra a enorme importância do primeiro estrato. Trata-se, em termos de disciplina metodológica, dos dados que estão mais próximos cronologicamente do Jesus histórico. O fato de estarem mais próximos em termos cronológicos, no entanto, não significa que sejam mais precisos historicamente. A nível teórico, uma unidade do quarto estrato pode ser mais autêntica do que uma do primeiro. Mas em termos de método, isto é, de disciplina acadêmica e de integridade de pesquisa, é preciso partir do primeiro. Este livro, por exemplo, vai se deter quase exclusivamente neste estrato. Isso não quer dizer, no entanto, que só se deva trabalhar com ele. São apenas limitações de espaço que me impedem de estudar os outros aqui. Creio, isso sim, que devemos trabalhar com os quatro dentro de sua seqüência cronológica, e que o uso adequado da metodologia exige que se dê uma ênfase especial ao primeiro. A partir dele é possível estabelecer uma hipótese de trabalho sobre o Jesus histórico que pode ser testada em relação aos outros. Na Abertura do livro, assim como no apêndice 1, dei indicações precisas do que considero ser o material proveniente do Jesus histórico. Esse material foi retirado dos quatro estratos, mas é preciso chamar atenção para o fato de que os juízos a respeito do segundo, terceiro e

quarto foram feitos a partir das conclusões obtidas no estudo deste primeiro estrato crucial.

O segundo elemento da minha última tríade é a *hierarquia dos testemunhos*. A minha metodologia parte do primeiro estrato e, dentro dele, dos complexos que apresentam a maior quantidade de testemunhos independentes. Um complexo do primeiro estrato que apresenta, digamos, sete testemunhos independentes deve ser estudado com uma enorme atenção. Admito, mais uma vez, que por razões de espaço neste livro, fui obrigado a agrupar os complexos em torno de temas como "João e Jesus", mas o meu fio condutor sempre foi a hierarquia de testemunhos dentro do primeiro estrato. E apesar de poder haver, teoricamente, a mesma quantidade de desenvolvimento e criação no primeiro quanto nos outros três, o meu método postula que, pelo menos neste estrato, tudo é autêntico até que se prove o contrário.

O elemento final desta tríade é a *classificação da singularidade*. Esse processo consiste em se evitar trabalhar com qualquer unidade encontrada em apenas um testemunho, mesmo que seja dentro do primeiro estrato. A minha intenção é fazer com que isso funcione como uma proteção e uma garantia. Um material encontrado em pelo menos duas fontes independentes do primeiro estrato não pode ter sido inventado por nenhuma delas. Já outro material do mesmo estrato que seja encontrado num único testemunho pode ter sido criado pela própria fonte. A repetição de testemunhos dentro do primeiro estrato traz a tradição o mais perto possível de seu ponto de origem, pelo menos em termos de uma objetividade formal. Gostaria de insistir mais uma vez na distinção entre teoria e método. Concordo que, a nível teórico, uma unidade encontrada em apenas uma fonte do terceiro estrato pode ser tão autêntica quanto outra encontrada em cinco testemunhos independentes do primeiro. Quando comecei a pesquisar o Jesus histórico há mais de vinte anos, dei uma enorme importância a 447 *O bom samaritano* [3/1], em Lucas 10,29-37 (1973). Ainda acredito em tudo o que disse sobre essa unidade, e não há nada neste livro que refute a imagem de Jesus que elaborei a partir dela. Mas olhando para trás, vejo que não utilizei o método mais adequado. Se tomei essa unidade como ponto de partida do meu trabalho, outra pessoa podia começar de qualquer outro texto, como por exemplo 405 *Cidades de Israel* [3/1], em Mateus 10,23. As estatísticas do meu inventário também indicaram que é preciso ter muito cuidado com a singularidade. O inventário abrange uma lista de 522 complexos. Destes, 180 contêm mais de um testemunho independente: 33 apresentam um testemunho múltiplo (mais de quatro); 42, triplo; 105, duplo. Há 342 complexos que abarcam um único testemunho. Em suma, dois terços dos complexos listados no apêndice 1 dentro da tradição de Jesus são fruto de um único testemunho.

Um exemplo pode facilitar a compreensão dessa descrição abstrata. No primeiro estrato do meu inventário aparece o seguinte item:

20 *O Reino e as Crianças* [1/4](1) *Ev. Tom.* 22,1-2

(2) Marcos 10,13-16 = Mateus 19,13-15 = Lucas 18,15-17

(3) Mateus 18,3

(4) João 3,1-10

É isso o que chamo de *complexo*. Ele possui quatro fontes, isto é, contém quatro testemunhos independentes, como indicam os números entre parênteses. Também apresenta seis unidades. A minha preocupação neste livro, no entanto, não é trabalhar com unidades, citando um determinado acontecimento ou texto e tentando descobrir se Jesus de fato fez ou disse aquilo, mas sim com complexos. O que me interessa é descobrir se o núcleo do complexo pode ser remetido a Jesus, mesmo levando em conta os processos de desenvolvimento e criação que tiveram lugar dentro dele. Em outras palavras, Jesus, utilizando não importa que tipo de linguagem, algum dia estabeleceu uma relação entre o Reino e as crianças? Sempre que cito um complexo, eu o registro da seguinte maneira: 20 *O Reino e as crianças* [1/4]. O primeiro número, neste caso 20, indica onde se encontra este complexo dentro do inventário do apêndice 1, de acordo com a cronologia dos estratos e a pluralidade de testemunhos. Os números no final, neste caso [1/4], servem para lembrar que estamos lidando com o estrato [1/] e estamos diante de [/4] testemunhos independentes. A minha regra de ouro *metodológica* é a seguinte: quanto menor for o número à esquerda da barra e maior for o número à direita, mais credibilidade se deve dar ao complexo. Tenho plena consciência, aliás, de que o apêndice 1 contém uma tamanha quantidade de dados, que se torna quase ilegível. Mas procurei apresentar ali o inventário total das fontes em que se baseia este livro, sem elevar o seu preço e tamanho a patamares impraticáveis. Além disso, assinalei com (+) ou (-) os complexos que, na minha opinião, eram originários ou não do Jesus histórico. Também empreguei o símbolo + para alguns textos cujo conteúdo metafórico ou metonímico tornavam simplificações positivistas desse tipo totalmente irrelevantes.

Espero ter deixado bastante claro que a minha metodologia não tem a pretensão de atingir uma objetividade espúria pelo simples fato de cada passo dessa pesquisa exigir um juízo acadêmico e uma decisão calculada. A minha preocupação não é obter uma objetividade inatingível, e sim trabalhar com o máximo de honestidade possível. O desafio que lanço aos meus colegas é aceitar esses procedimentos formais, ou, caso venham a rejeitá-los, substituí-los por outros mais eficazes. Trata-se, é claro, de procedimentos *formais*, que devem ser aplicados a um *material* específico. Cada pesquisador pode empregá-los na leitura de uma gama de fontes e textos diferentes. De qualquer maneira, os estudiosos do Jesus histórico pelo menos teriam uma metodologia em comum, ao invés de correrem atrás de conclusões disparatadas que são aceitas ou rejeitadas de forma mais ou menos arbitrária.

No que diz respeito às citações (ainda mais porque este livro seria bem menor sem elas), transcrevi por completo os documentos primários nos quais estão baseadas as minhas conclusões. Fiz isso porque não tenho a menor ilusão de que a maioria dos leitores, mesmo os mais eruditos, consultem sempre as referências bibliográficas. No caso de Josefo, por exemplo, é necessário citar os dois relatos (geralmente divergentes) que ele faz de quase todo incidente ocorrido nos três primeiros quartos do século I da Era Comum. A referência e a paráfrase não podem substituir a citação, principalmente neste caso. A propósito, os trechos entre chaves (< >) indicam seções que, de acordo com algum editor, foram suprimidas do manuscrito citado. Ao citar a literatura *secundária*, não perdi tempo transcrevendo passagens de outros estudiosos só para mostrar que eles estavam errados. Os autores citados, portanto, representam as minhas influências intelectuais e apontam para o leitor outros textos onde poderá encontrar uma discussão mais aprofundada dos assuntos abordados.

Gostaria de encerrar este prólogo com um breve agradecimento. Estou muito grato ao Departamento de Estudos Religiosos, à Faculdade de Ciências e Artes Liberais e à administração da De Paul University, que aceitaram o meu pedido de licença remunerada para trabalhar neste livro durante o inverno de 1988-89.

Epílogo

Quando Narciso morreu, as flores do campo ficaram desconsoladas e pediram ao rio algumas gotas d'água para chorarem por ele. "Ah!", respondeu o rio, "se todas as minhas gotas d'água fossem lágrimas, eu ainda não teria o suficiente para chorar por Narciso. Eu o amo". "Ah!", responderam as flores do campo, "como poderias ter amado Narciso? Ele era lindo". "Ele era lindo?", perguntou o rio. "Quem poderia saber melhor do que tu? Todo dia ele se debruçava em tuas margens e contemplava a sua beleza em tuas águas". "Eu o amava", respondeu o rio, "porque quando ele se debruçava sobre as minhas águas, eu via o reflexo de minhas águas em seus olhos".

Oscar Wilde, "O discípulo" (Ellmann, 356-357)

O termo *carisma* expressa mais uma relação do que uma qualidade pessoal. Essa relação envolve a aceitação de um líder por um grupo de seguidores, uma sanção de sua personalidade e uma investidura de poder por parte da sociedade. (...) *Carisma* é um conceito sociológico, e não psicológico (...) [ele] expressa um equilíbrio entre reivindicação e aceitação. Não se trata de um conceito dinâmico, que apresenta a explicação causal de um fenômeno: ele se refere a uma situação que já se estabeleceu, a um momento em que o líder já foi aceito, e não ao poder de um homem para fazer com que os acontecimentos tomem uma determinada direção.

Bryan Wilson (499)

O *Jesus histórico* deve ser compreendido dentro do judaísmo de seu tempo. No entanto, como a pesquisa moderna afirma com uma insistência cada vez maior, esse judaísmo era extremamente criativo e diversificado. No final do século II E.C., o judaísmo rabínico, assim como o cristianismo católico, estava lutando para projetar a sua ascendência sobre a história anterior, de modo que mais tarde seria difícil detectar essa pluralidade inicial em ambos os movimentos. De qualquer maneira, sem dúvida seria um erro afirmar que o judaísmo no tempo de Jesus era formal, normativa ou predominantemente rabínico. A distinção entre o judaísmo palestino e o da Diáspora também não é muito pertinente, ou útil. Trata-se de uma distinção geográfica, mas

não ideológica. Qual seria, por exemplo, a diferença ideológica entre Filon de Alexandria e Josefo de Jerusalém, dois judeus do século I, sendo que um fazia parte da Diáspora e o outro estava ligado à Palestina? Na época de Jesus, havia apenas um tipo de judaísmo, o judaísmo helenista, que reagia com toda a sua antiguidade e tradição a uma cultura greco-romana fortalecida pelo poder armado e por uma ambição imperial.

Jesus e o Judaísmo

Há, no entanto, uma distinção dentro do judaísmo helenista que ainda é válida e útil: trata-se da diferença entre o judaísmo *exclusivo* e o *inclusivo*, entre reações exclusivas e inclusivas ao helenismo. É preciso frisar logo de início que emprego estes termos de forma neutra. Não acredito que uma atitude exclusivista esteja sempre errada, ou que um movimento inclusivo seja sempre o mais adequado. O exclusivismo levado ao extremo pode significar a petrificação, o isolamento ou a perda de relevância. Um movimento inclusivo levado ao extremo pode trazer a abdicação, a traição e a desintegração. Ao falar de um judaísmo exclusivo, refiro-me a um tipo de judaísmo que procura conservar ao máximo as suas tradições, incorrendo num mínimo de conjunção, interação ou síntese com o helenismo a nível ideológico. Já por judaísmo inclusivo, entendo um tipo de judaísmo que procura adaptar os seus costumes tradicionais com a maior liberdade possível, buscando o máximo de associação, combinação ou colaboração com o helenismo a nível ideológico. Essa distinção, é claro, está dividida em diversos matizes; uma religião, uma cultura ou um povo, repito mais uma vez, podem perder a sua alma se optar por um extremo em qualquer direção.

Uma maneira de testar a validade dessa distinção é ler sincronicamente três grandes coleções de textos, publicados em vários volumes. Se tomarmos o *Corpus Papyrorum Judaicarum*, de Victor Tcherikover, *Greek and Latin Authors on Jews and Judaism* (Autores gregos e latinos sobre os judeus e o judaísmo), de Menahem Stern, e *The Old Testament Pseudepigrapha* (Os pseudepígrafos do Velho Testamento), de James Charlesworth, e compararmos textos desses livros que pertençam ao mesmo período, estaremos diante de indícios literários daquilo que os judeus diziam a respeito dos gentios e os gentios diziam a respeito dos judeus num momento específico. Não é sempre uma leitura agradável — em qualquer dos dois lados. Às vezes, porém, há aspectos positivos e, de qualquer maneira, isso mostra ao menos uma interação forçada entre os dois grupos. Na verdade, a agressividade do antijudaísmo pagão muitas vezes parece uma consequência do sucesso da atividade missionária judaica. Lembre-se do comentário amargo de Sêneca, o filósofo — filho de Sêneca, o Velho —, ao escrever, na década de 60 do século I da Era Comum, que "os hábitos dessa raça maldita passaram a ter tanta influência, que já se espalharam pelo mundo inteiro. Os vencidos passaram as suas leis para os

vencedores" (*De Superstitione*; Stern 1.431). Dois exemplos serão o bastante para se fazer um resumo de uma leitura sinótica mais ampla dessas três coleções inestimáveis.

Primeiro, a respeito de Deus. Na segunda metade do século II a.E.C., um judeu de Alexandria compôs a fictícia *Carta de Aisteas a Filócrates*, obra que foi descrita por George Nickelsburg como aquela que apresenta "no todo da nossa literatura (...) a avaliação mais positiva dos gregos e de sua cultura, e da possibilidade de uma coexistência pacífica e produtiva entre judeus e gregos" (1981, 165). Já John Collins a descreve como "um manifesto da auto-suficiência do judaísmo da Diáspora" (1983, 85). O seu autor judeu, assumindo a persona ficcional de um pagão, diz que os judeus "adoram o mesmo Deus — o Senhor e Criador do Universo — de todos os outros homens e de nós mesmos, Ó rei, apesar de o chamarmos com nomes diferentes, como Zeus ou Dis" (*Aristéias* 15; *APQT*, 2.96, ao invés da tradução em *OTP* 2.13). Essa admissão extraordinária de um judeu a respeito do paganismo é equiparada no século seguinte por um pagão, Marco Terêncio Varrão, ao falar do judaísmo. Apesar de ter sido partidário de Pompeu, ele foi perdoado por César e depois foi proscrito pelo Segundo Triunvirato. Fugiu e acabou se tornando, nas palavras de Menahem Stern, "o maior estudioso da república romana e o precursor da restauração religiosa na época de Augusto" (1.207). A maior parte de sua obra prodigiosa foi destruída, mas Santo Agostinho relata que "Varrão (...) pensava que o Deus dos judeus fosse o mesmo que Júpiter, pois acreditava que o nome com que era chamado não fazia diferença, desde que por ele se entendesse a mesma coisa. (...) Já que os romanos não costumavam adorar nada acima de Júpiter (...) e o consideravam o rei dos deuses, ao perceber que os judeus adoravam o Deus mais alto, ele não podia deixar de identificá-lo com Júpiter" (*Res Divinae*; Stern 1.210).

Por outro lado, os judeus também ridicularizavam os pagãos por adorem "ídolos de pedra de deuses mortos" (*Oráculos sibilinos* 3,588; *OTP* 1.375) e os pagãos falavam que os judeus adoravam a cabeça de um burro no seu templo, em Jerusalém (*Ápion, Aegyptiaca*; Stern 1.410).

Segundo, a respeito da moral. Com a ética acontecia o mesmo que com as imagens. Os judeus às vezes olhavam para o pior do paganismo e proclamavam a sua superioridade. Às vezes também olhavam para o que o paganismo tinha de melhor e afirmavam que as duas religiões eram equivalentes. E vice-versa. Na metade do século II a.E.C., o *Terceiro oráculo sibilino* acusava os fenícios, os egípcios, os romanos, os gregos, os persas, os gálatas e os asiáticos de terem transgredido "a lei sagrada do Deus imortal", no tocante ao adultério, ao homossexualismo e ao infanticídio (3,594-600, 764-766; *OTP* 1,375, 379). Ao mesmo tempo, um judeu desconhecido — que provavelmente viveu em Alexandria entre 30 a.E.C. e 40 E.C. —, utilizando hexâmetros jônicos para falar exatamente sobre estes três pontos, defendia o ponto de vista judeu através da pena de um mestre pagão, assumindo a identidade

de um famoso poeta de Mileto, de meados do século VI a.E.C. As *Sentenças de Pseudo-Focílides* ataca "a cama adúltera", "a mulher que destrói o bebê em seu ventre" e o "atira como comida aos cães e aos abutres", e investe contra "o coito de homem com homem" (178, 184, 185, 191; OTP, 2.580-581). Estas sentenças, é claro, não passam de uma invenção ou, se preferir, de uma fraude. No entanto, elas estão baseadas numa visão mais inclusiva do judaísmo e do paganismo, numa visão mais harmônica que pressupõe a existência de uma ética superior que não estaria ligada exclusivamente a uma revelação judaica, mas sim a uma lei natural acessível a todos. E quanto ao outro lado?

Diodoro, o Siciliano, um escritor do século I a.E.C., narra o que aconteceu entre 134 e 132 a.E.C., quando o asmoneu João Hircano viu-se sitiado em Jerusalém por Antíoco VII Sidetes, sendo forçado a pedir a paz. Os conselheiros antijudeus do monarca sírio, lembrando-o de como o seu antecessor, Antíoco IV Epífanes, atacara o Templo, sugeriram ao invés disso um genocídio imediato. A sua justificativa era que "Moisés, o fundador de Jerusalém e organizador da nação (...) tinha ordenado aos judeus que adotassem os seus costumes misantrópicos e anárquicos". Assim, eles aconselharam-no a "eliminar completamente essa raça, ou então abolir suas leis e forçá-los a mudar de hábitos" (*Bibliotheca Historica*; Stern, 1.183). Por outro lado, Numenio de Apaméia, na Síria, seguidor de Pitágoras e Platão e grande precursor dos neoplatonistas, fez o seguinte elogio filosófico ao judaísmo, num texto do século II E.C.: "O que é Platão, senão Moisés falando o grego da Ática"? (Stern, 2.209).

É preciso encarar três questões básicas para imaginar o início do século I E.C. sem a ilusão de união que o judaísmo rabínico e o cristianismo católico mais tarde projetariam sobre este período. É preciso pensar nestas questões, apesar de sempre nos terem ensinado que elas eram incogitáveis. Primeiro, o que teria acontecido com a dialética entre o judaísmo exclusivo e o inclusivo se este movimento tivesse continuado o seu desenvolvimento natural? Segundo, o judaísmo estaria disposto a abrir mão de certos princípios, como, por exemplo, a circuncisão, para aumentar o sucesso de seus missionários junto aos pagãos greco-romanos? Ou então, se o paganismo admitisse o caráter divino e moral do judaísmo, o judaísmo seria capaz de aceitar que se compartilhasse da sua mesa e que se realizassem casamentos com membros de outros povos? Terceiro, se o judaísmo tivesse podido seguir o seu desenvolvimento normal, ele teria convertido o império romano? Trata-se de questões puramente acadêmicas, mas vale a pena levantá-las, nem que seja apenas para combater a influência do judaísmo rabínico e do cristianismo católico, que sempre nos ensinaram a não discuti-las. São questões acadêmicas porque este processo não pôde seguir o seu curso natural. Em 65 anos, o judaísmo se revoltou três vezes contra Roma — primeiro na Palestina, em 70-73 E.C.; depois no Egito e regiões adjacentes, em 113-115 E.C.; e, finalmente, novamente na Palestina, em 132-135 E.C. Essas guerras

trouxeram dois resultados, que provavelmente têm a mesma importância para o futuro do judaísmo e do cristianismo. Primeiro, o Templo de Jerusalém foi destruído e os judeus foram expulsos da Judéia. Segundo, o judaísmo egípcio foi aniquilado. Isso facilitou a transição do judaísmo levítico para o rabínico e a ascendência do judaísmo exclusivo sobre o inclusivo. Considero essa afirmação — esteja ela correta ou não — uma avaliação neutra de um fato histórico, e não uma condenação moral implícita ou uma crítica religiosa indireta.

Um Camponês Judeu Cínico

Essas questões acadêmicas são importantes por dois motivos. Um é que Jesus foi interpretado, ao longo deste livro, sobre o pano de fundo do judaísmo inclusivo. Não estamos diante, entretanto, da síntese filosófica sofisticada, literária e elitista de um Filon de Alexandria. Trata-se, na verdade, de uma prática filosófica popular, oral e campesina de algo que poderia ser chamado (se dermos o mesmo peso para o substantivo e o adjetivo) de um Cinismo Judaico. O quarto capítulo deste livro deixa claro o que era um cínico. Ele se caracterizava por uma oposição à cultura da civilização mediterrânea que não se limitava à teoria e à contestação vazia; ela envolvia uma prática, um novo estilo de vida, uma maneira de se vestir, de comer, de viver e de se relacionar com as outras pessoas que mostrava o seu desprezo pelo apadrinhamento, pela honra e a vergonha. Eles eram *hippies* num mundo de *yuppies* augustinos. Jesus e seus seguidores — mas não João Batista e seus discípulos — se encaixam muito bem dentro *deste* contexto. Os cínicos greco-romanos, no entanto, davam mais atenção à praça do mercado do que à fazenda, e ao morador da cidade mais do que ao camponês. Eles não mostravam muito senso de disciplina coletiva, nem de ação comunitária. Jesus e seus seguidores, por outro lado, não se encaixavam muito bem dentro *deste* contexto. A segunda parte deste livro apresenta uma tipologia popular para as sublevações camponesas na Palestina do século I. Ela vai desde a violência humana do bandido, até a violência humana e divina do líder messiânico, a violência exclusivamente divina do profeta milenarista e a ausência de violência do manifestante. Mas ela também inclui o mago, um tipo que mal pode ser percebido por trás de uma profilaxia rabínica posterior. Jesus está mais próximo deste tipo do que de um profeta milenarista ou apocalíptico, como João Batista — que, ainda que nunca tenha atravessado o Jordão liderando as multidões, certamente provocava grandes aglomerações às margens do rio. Além disso, o batismo no Jordão nunca foi apenas uma questão de água: era também uma questão de história; não se tratava apenas de um batismo realizado como purificação, mas de uma libertação do imperialismo escravizador. O próprio estrato primário nos obriga, portanto, a fundir dois elementos separados: o curandeiro e o cínico, a magia e a refeição.

O Jesus histórico era, então, um *camponês judeu cínico*. A aldeia camponesa em que nasceu ficava perto da cidade greco-romana de Séforis. Não é improvável que conhecesse ou tivesse visto alguns cínicos. A sua obra, porém, era realizada nas fazendas e nas aldeias da Baixa Galiléia. A sua estratégia (implicitamente para si mesmo, mas explicitamente para os seus discípulos) era uma combinação de *curas gratuitas e refeições comunitárias*, um igualitarismo religioso e econômico que negava a estrutura hierárquica e patronal da religião judaica e do poder romano. Para não ser reconhecido como o novo intermediário de um novo Deus, ele se deslocava constantemente, sem nunca ter se instalado em Nazaré ou Cafarnaum. Ele não era um intermediário nem um mediador — mas sim, de forma um pouco paradoxal — alguém que anuncia que não deveria haver nenhum dos dois entre a humanidade e a divindade ou entre a humanidade e si mesma. Milagre e parábola, cura e refeição eram planejados para fazer com que os indivíduos tivessem um contato físico e espiritual imediato entre si e com Deus. Ele anunciava, em outras palavras, o reino sem intermediários de Deus.

Jesus e o Cristianismo

Este livro fala do Jesus histórico, e não da história do cristianismo primitivo. Porém, é impossível encerrá-lo sem alguns comentários sobre o que aconteceu depois de Jesus.

Creio, antes de tudo, que as duas seções anteriores são essenciais para se compreender a rápida propagação do cristianismo. Foi preciso a orientação ideológica e a prática missionária do judaísmo inclusivo, *além da* visão poderosa e da presença perdurável de Jesus, para que isso acontecesse. Jesus, enquanto um cínico judeu, já vivia, num nível popular, dentro do contexto de um judaísmo inclusivo que buscava uma síntese da tradição judaica e da gentia. No entanto, os movimentos mais amplos do campo para a cidade, da Palestina para a Diáspora e, talvez, do aramaico para o grego, também passavam pelas rotas e as estratégias já estabelecidas pelo judaísmo inclusivo e missionário. No final do século I, duas grandes religiões — o judaísmo rabínico e o cristianismo primitivo — estavam nascendo de uma matriz em comum. Cada uma afirmava ser a única continuação legítima dessa matriz, e ambas possuíam textos e tradições para prová-lo. Cada uma representava, na verdade, um salto igualmente válido, surpreendente e magnífico do passado para o futuro. Se Moisés voltasse à vida em torno de 200 E.C., seria difícil imaginar com qual das duas correntes ficaria mais espantado. Insisto, mais uma vez, que, ao associar o judaísmo exclusivo ao judaísmo rabínico e o judaísmo inclusivo ao cristianismo primitivo, não pretendo fazer uma comparação pejorativa para nenhuma das duas religiões. Ser humano significa buscar um equilíbrio entre particularidade e universalidade, e, apesar da balança sempre pender mais para um lado do que o outro, os dois extremos

são igualmente inumanos. Há o risco de se perder a alma nos dois opostos dessa escala; podemos (e devemos), então, nos perguntar: será que o judaísmo ofereceu muito pouco quando não conseguiu converter o império romano? Será que o cristianismo ofereceu demais quando conseguiu?

Isso nos traz a uma segunda questão. Uma melhor compreensão do Jesus histórico teria uma relevância permanente para o próprio cristianismo? Proponho que no cerne de qualquer cristianismo sempre existe — implícita ou explicitamente — uma dialética entre uma leitura histórica de Jesus e uma leitura teológica de Cristo. Em outras palavras, o cristianismo sempre foi um Jesus/Cristo/ismo. O próprio Novo Testamento contém uma grande quantidade de interpretações teológicas divergentes, sendo que cada uma aborda aspectos diferentes do Jesus histórico, ou seja, diferentes "jesuses" históricos. Uma tradição, por exemplo, pode estar interessada apenas nas sentenças, nos milagres ou na morte de Jesus, mas cada um desses focos pressupõe um Jesus histórico divergente que fez ou disse alguma coisa e morreu de uma determinada maneira. Creio, portanto, que diferentes visões do Jesus histórico estão sempre inseridas numa dialética com diferentes interpretações teológicas e que o Novo Testamento é uma expressão óbvia dessa pluralidade inevitável. Qualquer análise do Jesus histórico, no entanto, deve estar aberta aos métodos históricos disciplinares de sua época e deve ser capaz de enfrentar uma avaliação acadêmica sem qualquer tipo de alegação especial. Além disso, talvez seja importante questionar estes métodos e estas avaliações, pois se a história científica não pode lidar com alguém tão importante, ela talvez esteja indicando a sua própria vacuidade. Será preciso lembrar que a maneira como o século XIX sonhava com uma pesquisa histórica imparcial, objetiva e desapaixonada deve ser encarada como aquilo que ela realmente era, ou seja, uma ilusão metodológica para encobrir várias formas de poder social e controle imperialista? Este livro desafia o leitor no nível do método formal, da busca do material e da interpretação histórica. Ele parte do princípio de que sempre haverá imagens divergentes do Jesus histórico, que sempre haverá cristos diferentes construídos a partir delas e, acima de tudo, mostra que a estrutura do cristianismo sempre será a seguinte: *é assim que vemos o Jesus de então como o Cristo de agora*. Proponho, então, que a dialética entre os diversos "jesuses" ou "cristos" (ou Filhos, ou Senhores, ou Sabedorias, etc.) está no cerne da tradição e do cânone, é perfeitamente válida, e sempre esteve e provavelmente sempre estará conosco.

Mas como é possível reconciliar a idéia de um reino sem intermediários, de um Jesus que proclama a presença imediata de Deus, com interpretações cristãs como "Pois há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus", de 1 Timóteo 2,5, ou "Eis que ele é o mediador de uma nova aliança, para que aqueles que são chamados recebam a herança eterna que lhes foi prometida; pois houve uma morte que os redime das transgressões cometidas sob a primeira aliança" e "Jesus, mediador de uma nova aliança (...), o sangue aspergido, mais eloquente do que o sangue

de Abel", de Hebreus 9,15 e 12,24? No entanto, quando tentou definir com a maior clareza possível o significado de Jesus, o cristianismo insistiu que ele era "completamente Deus" e "completamente homem", que ele era, em outras palavras, a presença imediata do divino no humano. Não vejo, portanto, nenhuma contradição entre o Jesus histórico e a definição de Cristo, nenhuma traição na transição de um para o outro. Se houve alguma traição na transição de Cristo para Constantino é outra questão. Infelizmente, é possível que o fato de se imaginar Jesus como um intermediário ou um mediador tenha facilitado essa transformação imprópria (ver Malina 1987). É difícil, na verdade, deixar de ficar nervoso com esta descrição do banquete imperial que celebrou o encerramento do Concílio de Nicéia:

Destacamentos da guarda imperial e de outras tropas cercavam a entrada do palácio com espadas desembainhadas. Os homens de Deus puderam passar sem medo em meio aos soldados, até o coração dos aposentos imperiais, onde alguns sentaram-se à mesa junto com o imperador e outros reclinaram-se em divãs espalhados dos dois lados. Quem olhava tinha a impressão de que se tratava de uma imagem do reino de Cristo — de um sonho, ao invés da realidade. (Eusébio, *Vita Constantini* 3.15; Brown 1982,16)

A refeição e o reino ainda estão associados, mas agora os participantes são bispos, que, é claro, são do sexo masculino. Eles se reclinam, junto com o imperador, para serem servidos por outras pessoas. Talvez o cristianismo seja uma "traição" inevitável e necessária de Jesus, pois senão teria morrido entre os morros da Baixa Galiléia. Mas essa "traição" tinha que acontecer tão depressa, ser tão bem sucedida e ser desfrutada dessa maneira? Não seria possível manter uma dialética mais equilibrada entre o Jesus e o Cristo em Jesus Cristo?

Finalmente, há o problema da reconstituição. Este livro representa uma reconstituição feita por um pesquisador. Mas o que a reconstituição acadêmica tem a ver com a fé eclesiástica? O que a universidade tem a ver com a igreja?

O problema ficou claro há alguns anos atrás, quando Robert Funk, do Westar Institute, organizou o Seminário de Jesus, com o objetivo de estabelecer algum tipo de consenso acadêmico a respeito do Jesus histórico. Os estudiosos que aceitaram o seu convite aberto se encontraram duas vezes por ano, por mais de cinco anos, em vários seminários e universidades, e tentaram fazer um inventário do material que acreditavam ser proveniente de Jesus, separando-o de unidades que consideravam uma criação das tradições primitivas ou dos evangelistas. Depois de apresentar diversos trabalhos e discutir vários documentos, resolveram fazer uma votação. Para isso, utilizaram pedrinhas coloridas. Cada cor simbolizava uma opção: vermelho significava "Jesus disse isso"; rosa, "Jesus disse alguma coisa parecida com isso";

cinza, "Jesus não disse isso, mas algumas de suas idéias estão presentes aqui"; preto, "Jesus não disse isso, o conteúdo ou a perspectiva como ele é apresentado são de uma tradição diferente ou posterior". O uso de pedrinhas coloridas e urnas de votação sem dúvida tinha o objetivo de chamar a atenção da mídia, pois um dos propósitos do Seminário era informar o público dos problemas e das dificuldades, dos resultados e das conclusões da pesquisa contemporânea sobre o Jesus histórico. Houve, no entanto, objeções tanto de leigos quanto de estudiosos que criticavam a idéia de se fazer uma votação a respeito de Jesus, ou questionava a legitimidade, a validade ou a utilidade de se fazer uma reconstituição do Jesus histórico. Era como se um voto decisivo de um comitê acadêmico fosse uma idéia que não deveria ser aplicada a Jesus. Avaliar a tradição de Jesus numa escala de quatro não passava de presunção ou blasfêmia. No entanto, ainda que os leigos não saibam disso, todo estudioso está ciente de que o próprio texto em grego do Novo Testamento, em que toda tradução moderna está baseada, também é uma reconstituição, resultante de algum tipo de votação realizada por um comitê acadêmico formado por especialistas. E este processo também está calcado numa escala de quatro itens. A terceira edição do *Novo Testamento em grego* da United Bible Society classifica os textos mais controversos numa escala de A, B, C e D, nos comentários críticos ao pé de cada página. "Através das letras A, B, C e D", explica a introdução, "o Comitê procurou indicar o grau relativo de certeza — obtida através de considerações internas e indícios externos — a respeito da interpretação adotada no texto. A letra A significa que o texto é praticamente indiscutível, enquanto B indica que há ainda alguma dúvida. A letra C significa que há muitas dúvidas de que o texto ou o aparato contenha a melhor interpretação, enquanto D indica que há um grau de incerteza bastante elevado no que diz respeito à interpretação adotada no texto" (Aland et al., xii-xiii). Assim, por exemplo, o relato da Última Ceia em Lucas 22,17-20 recebe um C e Bruce Metzger, no comentário que faz para o comitê, menciona a opinião da maioria e a da minoria (173-177). Uma escala de cores ou uma escala de letras não faz muita diferença no processo. Pedrinhas, cédulas, mãos levantadas ou acenos de cabeça não alteram o fato da reconstituição acadêmica. Além disso, para complicar o problema, essa reconstituição acadêmica se dá através da comparação de manuscritos que datam — com uma pequena exceção, insignificante em termos textuais — de no mínimo 200 E.C. Daí a advertência de Helmut Koester: "A reconstituição da história textual dos Evangelhos canônicos no primeiro século da transmissão apresenta problemas gigantescos. A pressuposição de que a reconstituição do melhor arquétipo para a tradição do manuscrito corresponde mais ou menos ao texto autógrafo é bastante precária. Uma distância de mais de cem anos separa os arquétipos mais antigos de seus autógrafos. Os críticos de textos clássicos sabem que o primeiro século da transmissão é o período em que ocorrem as alterações mais drásticas. Os estudiosos do Novo Testamento têm sido muito ingênuos a este respeito" (1989b, 19). Ou

ainda, segundo François Bovon: "Temos que aprender a considerar os evangelhos do Novo Testamento, na forma em que existiam antes de 180 E.C., à mesma luz dos textos apócrifos. Nesse período, os evangelhos eram o que os apócrifos nunca deixaram de ser. Como os apócrifos, os evangelhos do Novo Testamento ainda não eram canônicos; eles não circulavam juntos [apenas Lucas e João aparecem no Papiro 45, por exemplo], e quando isso acontecia, não apareciam sempre na mesma ordem [o Codex Bezae, por exemplo, apresenta os evangelhos na seguinte ordem: Mateus, João, Lucas e Marcos]" (20).

Este livro, então, é uma reconstituição acadêmica do Jesus histórico. Ainda que se aceite os seus métodos formais e o material escolhido, é possível chegar a interpretações diferentes a respeito do Jesus histórico atingível. Esta obra e a busca pelo Jesus histórico, no entanto, não podem ser descartadas como uma *mera* reconstituição, como se isso invalidasse todo o projeto. Pois tudo é uma reconstituição. Para o cristão fiel, tanto a vida quanto o texto da Palavra de Deus são um processo graduado de reconstituição histórica (seja ele vermelho, rosa, cinza e preto, ou A, B, C e D). Se você não pode acreditar em nada que seja o resultado de uma reconstituição, então talvez não reste mais nada em que acreditar.

Apêndice 1

Um Inventário da Tradição de Jesus através da Estratificação Cronológica e de Testemunhos Independentes

A. Estratificação Cronológica

Primeiro Estrato [30-60 E.C.]

1. **Primeira epístola de Paulo aos tessalonicenses [1Ts]**. Escrita em Corinto no final da década de 50 E.C. (Koester 1982, 2.112).
2. **Epístola de Paulo aos gálatas [Gl]**. Escrita em Éfeso, talvez no inverno de 52-53 E.C. (Koester 1982, 2.116).
3. **Primeira epístola de Paulo aos coríntios [1Cor]**. Escrita em Éfeso, no inverno de 53-54 E.C. (Koester 1982, 2.121).
4. **Epístola de Paulo aos romanos [Rm]**. Escrita em Corinto, no inverno de 55-56 E.C. (Koester 1982, 2.138).
5. **Evangelho de Tomé I [Ev. Tomé I]**. Uma coleção de sentenças de Jesus, com um mínimo de ligação entre si, através de temas, palavras ou expressões em comum. Apesar de apresentar diversos diálogos, não narra nenhum milagre, não possui nenhuma conexão narrativa e não faz nenhum relato da paixão-ressurreição. Foi encontrado em três cópias fragmentadas em grego, descobertas em Oxirrínco (P. Oxy. 1, 654, 655; van Haelst ##593-595), e numa tradução para o copta (CG II,2), encontrada entre os códices de Nag Hammadi (Lambdin; Cameron 1982, 23-27). É possível que haja pelo menos duas camadas separadas dentro deste evangelho. Uma foi composta na década de 50 E.C., provavelmente em Jerusalém, sob a influência de Tiago (ver Ev. Tomé 12). Depois do martírio de Tiago, em 62 E.C., a coleção (e, provavelmente, a comunidade que a compôs) migrou para Edessa, na Síria. Lá, uma segunda camada foi acrescentada, talvez já na década de 60 ou 70, sob a influência de Tomé (ver Ev. Tomé 13). A coleção é independente

dos Evangelhos intracanonicos (Davies; Crossan 1985; ver, princ., Patterson). Estas duas camadas foram identificadas, de forma provisória, da seguinte maneira: a primeira camada, a de Tiago, pode ser encontrada nas unidades que apresentam um testemunho independente em outras fontes, e faria parte do primeiro estrato (Ev. Tomé I); a camada de Tomé aparece nos trechos que são característicos desta coleção, ou pelo menos da tradição de Tomé em geral, e está inserida no segundo estrato (Ev. Tomé II). Esta estratificação grosseira mostra a necessidade de elaborar uma mais adequada, mas também é um sinal de como esta coleção é antiga.

6. Fragmento evangélico Egerton [Ev. Eger.]. O *Evangelho de Egerton* é conhecido através de um único códice, que agora está separado em duas fontes diferentes: (a) Papyrus Egerton 2 (P. Lond. Christ 1; van Haelst #586), que contém 87 linhas danificadas, divididas em dois grandes fragmentos, um outro bem menor e um pequeno pedaço de papiro; (b) Papyrus Köln 255 (Inv. 608) acrescenta doze linhas que completam o final do fragmento 1, ou representam uma adição. O *Evangelho de Egerton* não deve ser lido dentro da apresentação e numeração de Bell e Skeat (1935a, 8-12; 1935b, 29-32; NTA, 1.96-97; Cameron 1982, 74-75), mas sim nas de Gronewald (138-142 & ilustração 5). Partindo do princípio de que o *Evangelho de Egerton* dependia dos textos intracanonicos, porém, Gronewald mudou a ordem dos fragmentos para 1, 3, 2. A ordem padrão de 1, 2, 3 é a mais neutra e, provavelmente, a preferível; daí a melhor edição atualmente ser a de Daniels (12-16). Acredita-se que o exemplar do códice date do início do século II ou do século III, mas a composição original, que é independente dos Evangelhos intracanonicos, pode datar da década de 50 E.C.

7. Papiro Vindobonensis Grego 2325 [P. Vienna G. 2325]. Um pequeno texto de sete linhas, encontrado em um papiro do século III (um rolo?). Costuma ser chamado de Fragmento de Fayum, pois foi descoberto nos arquivos provinciais de Fayum, no Egito, que foram adquiridos pelo arquiduque Rainer para integrar a biblioteca do império austro-húngaro em Viena (van Haelst #589). A *editio princeps* seria a de Bickell (1887) ou a de Wessely (1946, de 1907). Como Bickell, Wessely e Harnack (1889) argumentaram, o texto seria independente dos Evangelhos intracanonicos, fato que fica mais evidente no original em grego do que na tradução para o inglês (Hennecke et al., 1.115-116; James, 25).

8. Papiro de Oxirrincos 1224 [P. Oxy. 1224]. Dois fragmentos de um livro de papiros em grego, do início do século IV ou, talvez, até mesmo do final do século III, foram descobertos por B. P. Grenfell e A. S. Hunt em 1903-4, e publicados pelos dois em 1914. As páginas estão numeradas, e as trinta páginas que se encontram entre os fragmentos 1 e 2 mostram que eles talvez não façam parte do mesmo documento (Grenfell & Hunt 1914, 1-10 & ilustração 1; van Haelst #587). O fragmento 1 é muito pequeno, mas o fragmento 2 é grande o bastante para indicar que se trata de um texto independente dos Evangelhos intracanonicos.

9. Evangelho dos hebreus [Ev. Heb.]. Não existe nenhum fragmento deste evangelho; ele é conhecido apenas através de sete citações em textos patrísticos e é independente dos Evangelhos intracanonicos (Koester 1982, 2.223-224). Composto até a década de 50 E.C., no Egito, ele descreve a existência anterior, o advento, as sentenças e a aparição de Jesus depois da ressurreição. Jesus é encarado como uma encarnação da Sabedoria divina.

10. Evangelho das sentenças Q. Agora está inserido nos Evangelhos de Mateus e Lucas. Uma coleção das sentenças de Jesus que apresenta uma organização composicional mais elaborada do que o *Evangelho de Tomé*. Composto na década de 50 E.C., provavelmente em Tiberíades, na Galiléia, não possui nenhuma narrativa da paixão ou da ressurreição, mas está calcado no mesmo mito em torno da Sabedoria proposto pelo *Evangelho de Tomé* e o *Evangelho dos hebreus*. É possível que três camadas sucessivas tenham surgido ao longo de seu desenvolvimento: uma camada sapiencial (1Q), uma camada apocalíptica (2Q) e uma camada introdutória (3Q). Ele é citado de acordo com estas três rubricas (Kloppenborg 1987; 1988).

11. Coleção de milagres. Agora está inserida nos Evangelhos de Marcos e João. Dos sete milagres em João 2-9, os cinco que aparecem em João 5, 6 (dois), 9 e 11 apresentam um paralelo em Marcos, sendo citados na mesma ordem em Marcos 2, 6 (dois), 8 e *Marcos Secreto*. Coleções dos atos de Jesus, assim como as coleções de suas palavras, já estavam sendo compostas na década de 50 E.C.

12. Relato do apocalipse. Agora está inserido em *Didaqué* 16 e Mateus 24. Há uma fonte apocalíptica em comum por trás de *Did.* 16,3-8 e Mt 24,10-12, 30a, que não era conhecida por Marcos 13, ou que este evangelista preferiu não utilizar (Kloppenborg 1979).

13. Evangelho da cruz. Agora está inserido no *Evangelho de Pedro* [Ev. Pd.]. Continha, pelo menos, uma narrativa interligada da Crucificação e Deposição, em 1,1-2 e 2,5b-6,22, de Túmulo e Guardas, em 7,25 e 8,28-9,34, e de Ressurreição e Confissão, em 9,35-10,42 e 11,45-49. Composto até a década de 50 E.C., talvez em Séforis, na Galiléia, é a única fonte das narrativas da paixão intracanonicas (Crossan 1985; 1988a). Outra hipótese é que uma única Fonte da Paixão tenha sido utilizada independentemente por Marcos, João e o *Evangelho de Pedro* (Koester 1990, 220).

Segundo Estrato [60-80 E.C.]

14. Evangelho dos egípcios [Ev. Eg.]. Não existe nenhum fragmento deste evangelho; ele é conhecido apenas através de seis citações em textos patrísticos e é independente dos Evangelhos intracanonicos. O seu formato em diálogos é mais desenvolvido do que o do *Evangelho de Tomé* (Koester 1980b, 255-256), mas ambos contêm a mesma teologia em torno do celibato ascético como um pré-requisito necessário para restabelecer um estado ante-

rior a Adão, em que não havia uma separação entre homem e mulher (MacDonald). Foi composto no Egito, talvez na década de 60 E.C.

15. Evangelho secreto de Marcos [Marcos secreto]. A primeira versão do Evangelho de Marcos continha as narrativas de 130 *Ressurreição de um morto* [1/2], em 1v20-2r11a, depois de Marcos 10,32-34, e de 255 *A família do ressuscitado* [2/1], em 2r14b-2l6, depois de Marcos 10,35-46a (Smith 1973a; 1973b). Esta versão foi composta no início da década de 70 E.C., mas estas unidades imediatamente receberam uma interpretação erótica por gnósticos libertinos – protocarpocracianos, por assim dizer – semelhantes aos que Paulo encontrou em Corinto (Crossan 1985).

16. Evangelho de Marcos [Mc]. A segunda versão de Marcos expurgou estas passagens, mas deixou alguns de seus resíduos espalhados pelo seu texto. É possível que isso tenha sido feito, com um mínimo de reescrita, no final da década de 70 E.C. (Crossan 1985; ver Koester 1983).

17. Papiro de Oxirrincos 840 [P. Oxy. 840]. Este relato fragmentário de um debate entre Jesus e um sacerdote chefe fariseu é mais sofisticado, em termos formais, do que os debates no *Evangelho de Egerton* e Marcos 7. Pode, então, ser datado hipoteticamente em torno da década de 80 E.C. (Cameron 1982, 53).

18. Evangelho de Tomé II [Ev. Tomé II]. Ver os comentários feitos acima a respeito de *Evangelho de Tomé I* [Ev. Tomé I].

19. Coleção de diálogos. Agora está inserida no *Diálogo do Salvador* (CG III,5). Os diálogos entre Jesus, Judas, Mateus e Mariana, que compõem mais da metade deste documento, foram criados através da expansão de uma coleção de sentenças que é independente dos Evangelhos intracanônicos. Esta fonte ainda pode ser detectada com clareza em *Dial. Sal.* 124.23-127.18; 131.19-132.15; 137.3-147.22 (Pagels & Koester; Emmel et al.) e mostra um formato em diálogos mais sofisticado do que os de *Evangelho de Tomé* e *Evangelho das sentenças Q* (Koester, 1980b, 255-256).

20. Evangelho dos sinais ou Livro dos sinais. Agora está inserido no *Evangelho de João*. A teologia característica de João 2-14 envolve uma combinação de milagre e discurso, onde a *Coleção de milagres* é integrada a uma coleção independente de sentenças de Jesus, de modo que os milagres materiais tornam-se sinais que apontam – através dos discursos a que estão ligados – para realidades espirituais. O seu texto seria independente dos Evangelhos sinóticos de Marcos, Mateus e Lucas. Uma questão mais complicada é saber se ele fazia alguma menção a João Batista, ou, pior ainda, se apresentava uma narrativa da paixão e da ressurreição. Caso isso não seja verdade, a presença posterior destas passagens poderia depender dos relatos dos Evangelhos sinóticos.

21. Epístola aos colossenses [Cl]. Provavelmente não foi escrita pelo próprio Paulo, mas por um de seus alunos, que adotou este pseudônimo depois de sua morte (Koester 1982, 2.261-267).

Terceiro Estrato [80-120 E.C.]

22. Evangelho de Mateus [Mt]. Escrito em torno de 90 E.C., provavelmente em Antioquia, na Síria. Além de outros dados, baseou-se no Evangelho de Marcos e no *Evangelho das sentenças Q* para compor a sua narrativa anterior à paixão, e no Evangelho de Marcos e no *Evangelho da cruz* para compor o seu relato da paixão e da ressurreição (Crossan 1988a).

23. Evangelho de Lucas [Lc]. Talvez tenha sido escrito antes da década de 90 E.C., mas certamente antes de João 1-20, que está baseado na sua narrativa da paixão e da ressurreição. Assim como o Evangelho de Mateus, baseou-se, além de outros dados, no Evangelho de Marcos e no *Evangelho das sentenças Q* para compor a sua narrativa anterior à paixão, e no Evangelho de Marcos e no *Evangelho da cruz* para compor o seu relato da paixão e da ressurreição (Crossan 1988a).

24. Apocalipse de João [Ap]. Escrito na Ásia Menor, no final do século I E.C., por um líder da igreja chamado João, que fora exilado na ilha de Patmos, provavelmente durante o reinado de Domiciano (Koester 1982, 2.250).

25. Primeira epístola de Clemente [1Clem.]. Escrita em nome da igreja de Roma por Clemente, seu secretário, para a igreja de Corinto, logo depois da perseguição de Domiciano em 96-97 E.C. É independente dos Evangelhos intracanonicos (Koester 1957, 4-23; 1982, 2.287-292).

26. Epístola de Barnabé [Bar.]. Escrito no final do século I E.C., este texto dissecas as Escrituras judaicas, não só para obter um conhecimento mais profundo da lei ritual, mas principalmente para encontrar fundamentos bíblicos para o sofrimento e a morte de Jesus. A epístola é independente dos Evangelhos intracanonicos e aponta para a interpretação profética a partir da qual foi criada a tradição do *Evangelho da cruz* (Koester 1957, 124-158; 1982, 2.276-279; Crossan 1988a).

27. Didaqué 1,1-3a e 2,2-16,2 [Did.]. A primeira ordem da igreja foi escrita na Síria, no final do século I E.C. Apresenta uma explicação das virtudes e dos vícios, do ritual e da oração, dos ofícios e das funções. Com a exceção da inserção posterior de 1,3b-2,1 (Layton 1968), é independente dos Evangelhos intracanonicos. Ao contrário, é possível que a fonte apocalíptica por trás de *Did.* 16,3-5 fosse conhecida por Marcos 13 (Koester 1957, 159-241; 1982, 2.158-160) ou, o que é mais provável, por Mateus 24 (Kloppenborg 1979).

28. Pastor de Hermas [Herm. Vis.; Herm. Man.; Herm. Sim.]. Escrito em Roma, em torno de 100 E.C., está dividido em *Visões*, *Mandatos* e *Similitudes*. Propõe uma ordenação apocalíptica da vida moral. É independente dos Evangelhos intracanonicos (Koester 1957, 242-256; 1982, 2.257-261).

29. Epístola de Tiago [Tg]. Escrita na Síria, talvez em torno de 100 E.C. Aponta para a importância que Tiago de Jerusalém ainda tinha na época, em termos de ética e ofícios. Critica a má compreensão dos ensinamentos de Paulo (Koester 1982, 2.156-157).

30. Evangelho de João [Jo]. A primeira edição do Evangelho de João foi escrita no início do século II E.C., sob a pressão causada pela ascendência sinótica. Apresenta uma combinação do *Evangelho dos sinais* de João com as tradições sinóticas a respeito da paixão e ressurreição. Depende, ainda que de forma bastante criativa, do *Evangelho da cruz* e dos Evangelhos sinóticos para a sua narrativa da paixão e ressurreição (Crossan 1988a). O fragmento mais antigo de João que chegou até nós data de 125 E.C.

31-37. Cartas de Inácio, *Aos efésios* [In. Ef.]; *Aos magnésios* [In. Mag.]; *Aos trálios* [In. Tral.]; *Aos romanos* [In. Rom.]; *Aos filadélfios* [In. Fil.]; *Aos esmirnenses* [In. Esm.]; *A Policarpo* [In. Pol.]. Escritas por Inácio, bispo de Antióquia, na Síria, quando passou por Esmirna e Tróade, ao ser conduzido pela Ásia Menor para ser martirizado em Roma (100 E.C.). São independentes dos Evangelhos intracanonicos (Koester 1957, 24-61; 1982, 2.279-287).

38. Primeira epístola de Pedro [1Pd]. Escrita em Roma e atribuída a Pedro, foi enviada para encorajar os cristãos, que estavam sendo perseguidos em torno de 112 E.C. Esta situação é mais bem conhecida através das cartas de Plínio, o jovem, para Trajano (Koester 1982, 2.292-297).

39. Epístola de Policarpo aos filipenses 13-14 [Pol. Fil.]. Policarpo, que já era bispo de Esmirna na época de Inácio, foi martirizado em torno de 160 E.C. *Pol. 13-14* foi escrita antes de *Pol. 1-12* e foi enviada, pouco depois do martírio de Policarpo, juntamente com uma cópia das cartas de Inácio que havia sido encomendada pela igreja de Filipos (Harrison 1936; Koester, 1957, 112-123; 1982, 2.306-308).

40. Primeira epístola de João [1Jo]. Interpretações diferentes do Evangelho de João por gnósticos e católicos causaram um racha dentro da comunidade joanina. Esta epístola foi escrita para defender uma leitura católica deste texto (Brown 1979; 1982). A leitura oposta está presente em Atos de João 87-105 (Koester 1982, 2.192-198; Cameron 1982, 87-96).

Quarto Estrato [120-150 E.C.]

41. Evangelho de João II [Jo]. A existência de uma segunda edição de João fica clara pelo acréscimo de João 21, que mostra não só a ascendência dos sinóticos, mas também de Pedro. É possível que outros acréscimos, como, por exemplo, 1,1-18; 6,51b-58; 15-17 e as passagens sobre o Discípulo Amado, tenham sido feitos neste estágio posterior.

42. Atos dos apóstolos [At]. Apesar de provavelmente ter sido concebida como uma continuação do Evangelho de Lucas, com o qual formaria uma obra em dois volumes, tudo indica que foi escrito algum tempo depois de seu predecessor.

43. Apócrifo de Tiago [Ap. Tg.]. Este documento está baseado numa tradição de sentenças de Jesus, independentes dos Evangelhos intracanonicos, que remonta à década de 50 E.C. É impossível, porém, isolá-las como uma fonte unificada do século I. A última versão deste escrito de Nag Ham-

madi (CG 1,2) data da primeira metade do século II (Cameron 1982, 55-57; 1984; Williams 1985).

44. Primeira epístola a Timóteo [1Tm]. As três epístolas pastorais de 1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito foram escritas pelo mesmo autor, na região do Egeu, durante os anos tranquilos que se seguiram a 120 E.C. Foram escritas sob o pseudônimo de Paulo. 1 Timóteo gira em torno da ética e dos ofícios como uma defesa contra ataques gnósticos (Koester 1982, 2.297-305).

45. Segunda epístola a Timóteo [2Tm]. Escrita no formato de um testamento, 2 Timóteo era, originalmente, a última das três cartas pastorais, mas apresenta a mesma ênfase na ética e nos ofícios que caracterizam as outras duas (Koester 1982, 2.297-305).

46. Segunda epístola de Pedro [2Pd]. Esta carta atribuída a Pedro, que está apoiada em 1 Pedro e Judas, foi escrita no segundo quarto do século II E.C. (Koester 1982, 2.295-297).

47. Epístola de Policarpo aos Filipenses 1-12 [Pol.]. Esta seção do documento foi escrita algumas décadas depois de Pol. Fil. 13-14, ou seja, em torno de 140 E.C., quando houve uma crise na igreja de Filipos. Depende dos Evangelhos intracanônicos de Mateus e Lucas (Harrison 1936; Koester 1957, 112-123; 1982, 2.306-308).

48. Segunda epístola de Clemente [2Clem.]. É um tratado, atribuído ao mesmo autor de 1 Clemente pelos seus manuscritos, mas escrito em torno de 150 E.C. Depende dos Evangelhos intracanônicos de Mateus e Lucas, mas através de extratos combinados. Pode ser o escrito antignóstico mais antigo que se conhece do Egito (Koester 1957, 62-111; 1982, 2.233-236).

49. Evangelho dos nazarenos [Ev. Naz.]. Trata-se de cerca de 23 extratos de uma extensa tradução do Evangelho de Mateus do grego para o aramaico ou o siríaco, conhecidos apenas através de citações patrísticas e de anotações marginais numa família de 36 manuscritos, originários de uma edição do "Evangelho de Sião", de cerca de 500 E.C. A tradução data de meados do século II E.C. (Koester 1982, 2.201-202; Cameron 1982, 97-98).

50. Evangelho dos ebionitas [Ev. Eb.]. Os sete extratos deste Evangelho são citados por Epifânio no final do século IV E.C. O texto, escrito em meados do século II E.C., dependia de uma versão combinada dos Evangelhos de Mateus, Lucas e, talvez, Marcos (Koester 1982, 2.202-203; Cameron 1982, 103-104).

51. Didaqué 1,3b-2,1 [Did.]. Uma seção inserida mais tarde, depois da metade do século II, que depende dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, e que combina de forma cuidadosa e retórica as versões que estes Evangelhos apresentam de determinadas sentenças de Jesus (Layton 1968).

52. Evangelho de Pedro [Ev. Pd.]. O texto que chegou até nós do século II foi composto a partir do *Evangelho da cruz* e de unidades intracanônicas, como José e o enterro, em 6,23-24; As mulheres e o jovem, em 12,50-13,57; e Os discípulos e a aparição, em 14,60. A inserção dessas novas unidades são preparadas, respectivamente, por Pedido de enterro, em

2,3-5a, Chegada do jovem, em 11,43-44, e Ação dos discípulos, em 7,26-27 e 14,58-59. Este texto indica, assim como as duas edições do Evangelho de João, a ascendência dos sinóticos e de Pedro sobre as tradições da Síria ocidental (Crossan 1988a).

B. Testemunhos Independentes

Os números entre colchetes indicam a quantidade de itens dentro de cada categoria. O sinal + dentro dos colchetes separa os itens com mais de um testemunho independente, à sua esquerda, dos itens com um único testemunho, à direita. Há 522 itens no total. Destes, 180 possuem mais de um testemunho independente: 33 apresentam testemunhos múltiplos; 42, triplo; e 105, duplo. Há 342 com apenas um testemunho. Em suma, apenas cerca de um terço apresenta mais de um testemunho [522:180+342].

Os complexos foram marcados com um sinal de mais (+) ou menos (-), caso eu os considere provenientes do Jesus histórico ou da tradição de Jesus. O sinal (+), é claro, não se refere a todas as fontes e unidades de um determinado complexo; ele indica que, apesar de qualquer alteração ou desenvolvimento posterior, o cerne do complexo é originário do próprio Jesus. Esta sigla funciona melhor para palavras e sentenças do que para ações e acontecimentos. Ela simplesmente não se aplica a processos encarnados dramática e simbolicamente em eventos. Para chamar uma atenção especial para este tipo de fenômeno, utilizei o sinal \pm . Ele significa que a ação ou o acontecimento não ocorreu como um evento em algum lugar no tempo ou no espaço (daí o -), mas que representa uma historicização dramática de algo que ocorreu ao longo de um período de tempo bem mais amplo (daí o +).

A principal base de dados deste livro — isto é, complexos com mais de um testemunho do primeiro estrato — é apresentada a seguir, na forma de uma lista para uma referência rápida. Os outros complexos são citados de maneira mais concisa.

Primeiro Estrato [186:131+55]

(a) Testemunho Independente Múltiplo [29]

1+. Missão e mensagem: (1a) 1Cor 9,14; (1b) 1Cor 10,27; (2) Ev. Tomé 14,2; (3) 1Q: Lc 10,(1), 4-11 = Mt 10,7, 10b, 12-14; (4) Mc 6,7-13 = Mt 10,1, 8-10a, 11 = Lc 9,1-6; (5) Dial. Sal. 53b [139,9-10]; (6) Did. 11-13 [ver 11,4-6 & 13,1-2]; (7) 1Tm 5,18b.

2-. A volta apocalíptica de Jesus: (1) 1Ts 4,13-18; (2) Did. 16,6-8; (3) Mt 24,30a; (4) Mc 13,24-27 = Mt 24,29, 30b-31 = Lc 21,25-28; (5a) Ap 1,7; (5b) Ap 1,13; (5c) Ap 14,14; (6) Jo 19,37.

3 \pm . Pão e peixe: (1?) 1Cor 15,6; (2) Jo 6,1-15; (3a) Mc 6,33-44 = Mt

9,36; 14,13b-21 = Lc 9,11-17; (3b) Mc 8,1-10 = Mt 15,32-39; (4) Lc 24,13-33, 35; (5) Lc 24,41-43; (6) Jo 21,9, 12-13.

4+. Pedir, buscar e bater: (1a) Ev. Tomé 2 & P. Oxy. 654,2; (1b) Ev. Tomé 92,1; (1c) Ev. Tomé 94; (2) Ev. Heb. 4ab; (3) 1Q: Lc 11,9-10 = Mt 7,7-8; (4) Mc 11,24 = Mt 21,22; (5a) Dial. Sal. 9-12; (5b) Dial. Sal. 20d; (5c) Dial. Sal. 79-80; (6a) Jo 14,13-14; (6b) Jo 15,7; (6c) Jo 15,16; (6d) Jo 16,23-24; (6e) Jo 16,26.

5+. A crucificação de Jesus: (1) 1Cor 15,3b; (2a) Ev. Pd. 4,10-5,16, 18-20; 6,22; (2b) Mc 15,22-38 = Mt 27,33-51a = Lc 23,32-46; (2c) Jo 19,17b-25a, 28-36; (3) Bar. 7,3-5; (4a) 1Clem. 16,3-4 (= Is 53,1-12); (4b) 1Clem. 16,15-16 (= Sl 22,6-8); (5a) In. Mag. 11; (5b) In. Tral. 9,1b; (5c) In. Esm. 1.2

6±. Revelação a Pedro: (1) 1Cor 15,5a; (2a) Lc 24,12; (2b) Jo 20,2-10; (3) Lc 24,34; (4) In. Esm. 3.2a; (5) Jo 21,15-23.

7±. Da linhagem de Davi: (1a) Rm 1,3; (1b) 2Tm 2,8; (2) Mt 2,1-12; (3) Lc 2,1-20; (4) Jo 7,41-42; (5a) In. Esm. 1,1a; (5b) In. Ef. 18,2c; (5c) In. Tral. 9,1a.

8+. Onde e quando: (1a) Ev. Tomé 3,1 & P. Oxy. 654.3,1; (1b) Ev. Tomé 51; (1c) Ev. Tomé 113; (2) 2Q: Lc 17,23 = Mt 24,26; (3) Mc 13,21-23 = Mt 24,23-25; (4?) Dial. Sal. 16; (5) 1Q?: Lc 17,20-21.

9+. Quem tem ouvidos: (1a) Ev. Tomé 8,2; (1b) Ev. Tomé 21,5; (1c) Ev. Tomé 24,2; (1d) Ev. Tomé 63,2; (1e) Ev. Tomé 65,2; (1f) Ev. Tomé 96,2; (2a) Mc 4,9 = Mt 13,9 = Lc 8,8b; (2b) Mc 4,23 = Mt 13,43b; (3) Mt 11,15; (4) Lc 14,35b; (5) Ap. 2,7, 11, 17, 29; 3,6, 13, 22; 13,9.

10+. Recebendo aquele que enviou: (1) 1Q: Lc 10,16 = Mt 10,40; (2) Mc 9,36-37 = Mt 18,2, 5 = Lc 9,47-48a; (3) Did. 11,4-5; (4a) Jo 5,23b; (4b) Jo 12,44-50; (4c) Jo 13,20; (5) In. Ef. 6,1.

11-. O auge do pecado: (1) 1Ts 2,15; (2) Ev. Pd. 5,17; (3) Mt 23,32-33; (4a) Bar. 5,11; (4b) Bar. 14,5.

12-. Conhecendo o perigo: (1a) 1Ts 5,2; (1b) 2Pd 3,10; (2a) Ev. Tomé 21,3; (2b) Ev. Tomé 103; (3) 2Q: Lc 12,39-40 = Mt 24,43-44; (4a) Ap 3,3b; (4b) Ap 16,15a.

13-. Dois em um: (1a) Gl 3,27-28; (1b) 1Cor 12,13; (1c) Cl 3,10-11; (2) Ev. Tomé 22,3-4; (3) Ev. Eg. 5b; (4) 2Clem. 12,1-6.

14-. Olhos, ouvidos e mentes: (1a) 1Cor 2,9a; (1b) 1Clem. 34,8; (2) Ev. Tomé 17; (3) 2Q: Lc 10,23-24 = Mt 13,16-17; (4) Dial. Sal. 57a [140, 1-4].

15+. Contra o divórcio: (1) 1Cor 7,10-11; (2) 1ou2?Q: Lc 16,18 = Mt 5,31-32; (3) Mc 10,10-12 = Mt 19,9; (4) Herm. Man. 4.1,6b, 10.

16-. A ceia e a eucaristia: (1a) 1Cor 10,14-22; (1b) 1Cor 11,23-25; (2) Mc 14,22-25 = Mt 26,26-29 = Lc 22,15-19a [19b-20]; (3) Did. 9,1-4; (4) Jo 6,51b-58.

17±. A ressurreição de Jesus: (1) 1Cor 15,4b; (2) Ev. Pd. 9,35-10,40; (3) Bar. 15,9; (4a) In. Mag. 11,1c; (4b) In. Tral. 9,2a; (4c) In. Esm. 1.2b.

18. Revelação aos discípulos: (1) 1Cor 15,5b, 7b; (2) Mt 28,16-20; (3a) Lc 24,36-39; (3b) Jo 20,19-21; (4) In. Esm. 3.2b-3.

19+. O que entra no homem: (1) Ev. Tomé 14,3; (2) Mc 7,14-15; (3) Mt 15,10-11; (4a) At 10,14b; (4b) At 11,8b.

20+. O Reino e as crianças: (1) Ev. Tomé 22,1-2; (2) Mc 10,13-16 = Mt 19,13-15 = Lc 18,15-17; (3) Mt 18,3; (4) Jo 3,1-5, 9-10.

21+. A luz do mundo: (1) Ev. Tomé 24,1-3 & P. Oxy. 655,24d; (2) Mt 5,14a; (3a?) Dial. Sal. 14; (3b?) Dial. Sal. 34; (4a) Jo 8,12; (4b) Jo 11,9-10; (4c) Jo 12,35-36.

22+. Na própria pátria do profeta: (1) Ev. Tomé 31 & P. Oxy. 1.31; (2) Mc 6,1-6a = Mt 13,53-58; (3) Lc 4,16-24; (4) Jo 4,44.

23+. Todos os pecados serão perdoados: (1) Ev. Tomé 44; (2) 2Q: Lc 12,10 = Mt 12,32a; (3) Mc 3,28-30 = Mt 12,31, 32b; (4) Did. 11,7.

24+. Abençoados o útero: (1) Ev. Tomé 79,1-2; (2) 1Q?: Lc 11,27-28; (3?) Jo 13,17; (4?) Tg 1,25b.

25-. Previsão da traição de Pedro: (1) P. Vienna G. 2325; (2a) Mc 14,26-31 = Mt 26,30-35; (2b) Jo 13,36-38; (3) Lc 22,31-34; (4) Bar. 5,12.

26±. A concepção virginal de Jesus: (1) Ev. Heb. 1; (2) Mt 1,18-25; (3) Lc 1,26-38; (4a) In. Ef. 7,2; (4b) In. Ef. 18,2a; (4c) In. Ef. 19,1; (4d) In. Esm. 1,1b.

27+. Perdão por perdão: (1) 1Q: Lc 11,4a = Mt 6,12; (2) Mc 11,25 (26) = Mt 6,14-15; (3) Lc 6,37c; (4a) 1Clem. 13,2b; (4b) Pol. Fil. 2,3b.

28-. Diante dos anjos: (1a) 2Q: Lc 12,8-9 = Mt 10,32-33; (1b) 2Clem. 3,2 [de Mt 10,32]; (2) Mc 8,38 = Mt 16,27 = Lc 9,26; (3) Ap 3,5; (4) 2Tm 2,12b.

29±. Descida ao Inferno: (1a) Ev. Pd. 10,41-42; (1b) Mt 27,52-53; (2) Herm. Sim. 9.16,5; (3) In. Mag. 9,2; (4a?) 1Pd 3,19-20; (4b?) 1Pd 4,6.

(b) Testemunho Independente Triplo [36]

30±. Revelação a Tiago: (1) 1Cor 15,7a; (2) Ev. Tomé 12; (3) Ev. Heb. 7.

31+. Os primeiros e os últimos: (1) Ev. Tomé 4,2 & P. Oxy. 654.4.2; (2) 2Q: Lc 13,30 = Mt 20,16; (3) Mc 10,31 = Mt 19,30.

32+. O oculto torna-se evidente: (1a) Ev. Tomé 5,2 & P. Oxy. 654.5.2; (1b) Ev. Tomé 6,4 & P. Oxy 654.6.4; (2) 1Q: Lc 12,2 = Mt 10,26; (3) Mc 4,22 = Lc 8,17.

33-. A regra de ouro: (1) Ev. Tomé 6,3a & P. Oxy. 654.6.3a; (2) 1Q: Lc 6,31 = Mt 7,12; (3) Did. 1,2b.

34+. O semeador: (1) Ev. Tomé 9; (2) Mc 4,3-8 = Mt 13,3b-8 = Lc 8,5-8a; (3) 1Clem. 24,5.

35+. As sementes de mostarda: (1) Ev. Tomé 20,1-2; (2) 1ou2?Q: Lc 13,18-19 = Mt 13,31-32; (3) Mc 4,30-32 = Mt 13,31-32.

36+. A lâmpada coberta: (1) Ev. Tomé 33,2; (2) 2Q: Lc 11,33 = Mt 5,15; (3) Mc 4,21 = Lc 8,16.

37-. Roupa nova: (1) Ev. Tomé 37 & P. Oxy. 655.37; (2a) Dial. Sal. 49-52; (2b) Dial. Sal. 84-85; (3) Ev. Eg. 5a.

38+. As serpentes e as pombas: (1) Ev. Tomé 39,2 & P. Oxy. 655.39,2; (2a) Mt 10,16b; (2b) Ev. Naz. 7; (3) In. Pol. 2,2.

39-. A planta arrancada: (1) Ev. Tomé 40; (2) Mt 15,12-13; (3a) In. Tral. 11,1b; (3b) In. Fil. 3,1b.

40+. Quem tem e quem recebe: (1) Ev. Tomé 41; (2) 2Q: Lc 19:(25-)26 = Mt 25,29; (3) Mc 4,25 = Mt 13,12 = Lc 8,18b.

41-. As árvores e os corações: (1) Ev. Tomé 45; (2a) 1Q: Lc 6,43-45 = Mt 7,16-20; (2b) Mt 12,33-35; (3) In. Ef. 14,2b.

42-. As escrituras e Jesus: (1) Ev. Tomé 52; (2) Ev. Eg. 1 [5-23]; (3a) Jo 5,39-47; (3b) Jo 9,29.

43+. Bem-aventurados os pobres: (1) Ev. Tomé 54; (2a) 1Q: Lc 6,20 = Mt 5,3; (2b) Pol. Fil. 2,3e; (3) Tg 2,5.

44+. Carregando a própria cruz: (1) Ev. Tomé 55,2b; (2) 1Q: Lc 14,27 = Mt 10,38; (3) Mc 8,34 = Mt 16,24 = Lc 9,23.

45-. Pai e filho: (1) Ev. Tomé 61,4; (2) 2Q: Lc 10,22 = Mt 11,27; (3a) Jo 3,35b; (3b) Jo 13,3a.

46+. Os arrendatários: (1) Ev. Tomé 65; (2) Mc 12,1-9, 12 = Mt 21,33-41, 43-46 = Lc 20,9-16, 19; (3) Herm. Sim. 5.2,4-7.

47-. A pedra rejeitada: (1) Ev. Tomé 66; (2) Mc 12,10-11 = Mt 21,42 = Lc 20,17-18; (3) Bar. 6,4.

48+. Bem-aventurados os perseguidos: (1a) Ev. Tomé 68; (1b) Ev. Tomé 69,1; (2a) 1+2Q: Lc 6,22-23 = Mt 5,11-12; (2b) Mt 5,10; (2c) Pol. Fil. 2,3f; (3a) 1Pd 3,14a; (3b) 1Pd 4,14.

49+. O Templo e Jesus: (1) Ev. Tomé 71; (2a) Mc 14,55-59 = Mt 26,59-61; (2b) Mc 15,29-32a = Mt 27,39-43 = (!) Lc 23,35-37; (2c) At 6,11-14; (3) Jo 2,18-22.

50+. A colheita é grande: (1) Ev. Tomé 73; (2) 1Q: Lc 10,2 = Mt 9,37-38; (3) Jo 4,35.

51+. No deserto: (1) Ev. Tomé 78; (2) 2Q: Lc 7,24-27 = Mt 11,7-10; (3) Mc 1,2-3 = Mt 3,3 = Lc 3,4-6 = (?) Jo 1,19-23.

52-. O jugo e o fardo: (1) Ev. Tomé 90; (2) Mt 11,28-30; (3) Dial. Sal. 65-68.

53+. Sabendo o tempo: (1) Ev. Tomé 91,1-2; (2a) 2Q: Lc 12,54-56 = Mt 16,2-3; (2b) Ev. Naz. 13; (3?) Jo 6,30.

54-. Os cães e os porcos: (1) Ev. Tomé 93; (2) Mt 7,6; (3) Did. 9,5.

55+. César e Deus: (1) Ev. Tomé 100; (2) Ev. Eg. 3a [50-57a]; (3) Mc 12,13-17 = Mt 22,15-22 = Lc 20,20-26.

56-. Lábios sem coração: (1) Ev. Eg. 3c [61b-66]; (2) Mc 7,6-7 = Mt 15,7-9; (3) 1Clem. 15,2.

57+. Contra e a favor: (1) P. Oxy. 1224, 2 r i, linhas 2b-5; (2) 2Q: Lc 11,23 = Mt 12,30; (3) Mc 9,40 = Lc 9,50b.

58+. João batiza Jesus: (1) Ev. Heb. 2; (2a) Mc 1,9-11 = Mt 3,13-17 =

Lc 3,21-22; (2b) Ev. Naz. 2; (2c) Ev. Eb. 4; (2d) Jo 1,32-34; (2e) In. Esm. 1,1c; (3) In. Ef. 18,2d.

59+. Bem-aventurados os tristes: (1) 1Q: Lc 6,21b = Mt 5,4; (2) Dial. Sal. 13-14; (3) Jo 16,20, 22.

60-. Medida por medida: (1a) 1Q: Lc 6,38bc = Mt 7,2b; (2) Mc 4,24b; (3a) 1Clem. 13,2g; (1a/3b) Pol. Fil. 2,3d.

61-. O discípulo e o servo: (1) 1Q: Lc 6,40 = Mt 10,24-25; (2) Dial. Sal. 53c; (3a) Jo 13-16; (3b) Jo 15,20.

62-. O Espírito em julgamento: (1) 1Q: Lc 12,11-12 = Mt 10,19-20; (2) Mc 13,11 = Mt 10,19-20 = Lc 21,14-15; (3) Jo 14,26.

63+. Salvando a própria vida: (1) 1Q: Lc 17,33 = Mt 10,39; (2) Mc 8,35 = Mt 16,25 = Lc 9,24; (3) Jo 12,25-26.

64-. Os últimos dias: (1) Did. 16,3-5; (2) Mt 24,10-12; (3a) Mc 13,3-10, 12-20 = Mt 24,3-22 = Lc 21,7-13, 16-24; (3b) Mt 10,17-18; (3c) Lc 17,31-32.

65-. Pilatos e Antipas: (1a) Ev. Pd. 1,1 & 11,46; (1b) Mt 27,24-25; (1c) Lc 23,6-16; (2) In. Esm. 1,2; (3) At 4,24-28.

(c) Testemunho Independente Duplo [66]

66-. Os sábios e a capacidade de entender: (1) 1Cor 1,19; (2a) 1Q: Lc 10,21 = Mt 11,25-26; (2b) Ev. Naz. 9.

67-. Oculto desde a eternidade: (1) 1Cor 2,7; (2) Mt 13,35.

68±. Escondido dos demônios: (1) 1Cor 2,8; (2) In. Ef. 19,1b.

69-. A fé e a montanha: (1) 1Cor 13,2; (2) Mc 11,22-23 = Mt 21,21.

70+. Enterro de Jesus: (1) 1Cor 15,4a; (2a) Ev. Pd. 5,15b; 6,21; (2b) Mc 15,42-47 = Mt 27,57-61 = Lc 23,50-56; (2c) Jo 19,38-42; (2d) Ev. Pd. 2,3-5a; 6,23-24.

71+. A rede: (1) Ev. Tomé 8,1; (2) Mt 13,47-48.

72+. Fogo sobre a terra: (1) Ev. Tomé 10; (2) 1Q?: Lc 12,49.

73-. Quem é Jesus?: (1) Ev. Tomé 13; (2a) Mc 8,27-30 = Mt 16,13-20 = Lc 9,18-21; (2b) Ev. Naz. 14; (2c) Jo 6,67-69.

74+. A paz e a espada: (1) Ev. Tomé 16; (2) 2Q: Lc 12,51-53 = Mt 10,34-36.

75+. A hora da colheita: (1) Ev. Tomé 21,4; (2) Mc 4,26-29.

76+. O cisco e a trave: (1) Ev. Tomé 26 & P. Oxy. 1. 26; (2) 1Q: Lc 6,41-42 = Mt 7,3-5.

77-. Dois ou três: (1) Ev. Tomé 30 & P. Oxy. 1. 30; (2) Mt 18,20.

78+. A cidade sobre o monte: (1) Ev. Tomé 32 & P. Oxy. 1. 32; (2) Mt 5,14b.

79+. Proclamação às aberturas: (1) Ev. Tomé 33,1; (2) 1Q: Mt 10,27 = Lc 12,3.

80+. O guia cego: (1) Ev. Tomé 34; (2) 1Q: Lc 6,39 = Mt 15,14b.

81+. Casa de um homem forte: (1) Ev. Tomé 35; (2) Mc 3,27 = Mt 12,29 = Lc 11,21-22.

- 82+. *Contra a ansiedade:*** (1) Ev. Tomé 36 & P. Oxy. 655. 36; (2) 1Q: Lc 12,22-31 = Mt 6,25-33.
- 83-. *Procurando tarde demais:*** (1) Ev. Tomé 38,2; (2) Jo 7,34a, 36b.
- 84+. *Os que atrapalham os outros:*** (1a) Ev. Tomé 39,1 & P. Oxy. 655. 39,1; (1b) Ev. Tomé 102; (2) 2Q: Lc 11,52 = Mt 23,13.
- 85+. *Maior do que João:*** (1) Ev. Tomé 46; (2) 2Q: Lc 7,28 = Mt 11,11.
- 86+. *Os que servem a dois senhores:*** (1) Ev. Tomé 47,2; (2a) 1ou2?Q: Lc 16,13 = Mt 6,24; (2b) 2Clem. 6,1.
- 87+. *Bebendo vinho velho:*** (1) Ev. Tomé 47,3; (2) Lc 5,39.
- 88+. *Remendos e odres:*** (1) Ev. Tomé 47,4; (2) Mc 2,21-22 = Mt 9,16-17 = Lc 5,36-38.
- 89+. *Ódio à própria família:*** (1a) Ev. Tomé 55,1-2a; (1b) Ev. Tomé 101; (2) 1Q: Lc 14,25-26 = Mt 10,37.
- 90+. *As ervas daninhas plantadas:*** (1) Ev. Tomé 57; (2) Mt 13,24-30.
- 91-. *Tomado ou deixado:*** (1) Ev. Tomé 61,1; (2) 2Q: Lc 17,34-35 = Mt 24,40-41.
- 92-. *Conhecer o mistério:*** (1) Ev. Tomé 62,1; (2a) Marcos secreto f2r10; (2b) Mc 4,10-12 = Mt 13,10-11, 13-15 = Lc 8,9-10.
- 93-. *Em segredo:*** (1) Ev. Tomé 62,2; (2) Mt 6,3b.
- 94+. *O fazendeiro rico:*** (1) Ev. Tomé 63,1; (2) 1Q?: Lc 12,16-21.
- 95+. *O banquete:*** (1) Ev. Tomé 64,1-2; (2) 2Q: Lc 14,15-24 = Mt 22,1-13.
- 96+. *Bem-aventurados os que têm fome:*** (1) Ev. Tomé 69,2; (2) 1Q: Lc 6,21a = Mt 5,6.
- 97+. *A herança em disputa:*** (1) Ev. Tomé 72,1-3; (2) 1Q?: Lc 12,13-15.
- 98+. *A pérola:*** (1) Ev. Tomé 76,1; (2) Mt 13,45-46.
- 99+. *Tesouro nos céus:*** (1) Ev. Tomé 76,2; (2) 1Q: Lc 12,33 = Mt 6,19-20.
- 100-. *Jerusalém chorou:*** (1) Ev. Tomé 79,3; (2) Lc 23,27-31.
- 101+. *As raposas têm tocas:*** (1) Ev. Tomé 86; (2) 1Q: Lc 9,58 = Mt 8,19-20.
- 102+. *Por dentro e por fora:*** (1) Ev. Tomé 89; (2) 2Q: Lc 11,39-41 = Mt 23,25-26.
- 103+. *Dar sem esperar receber:*** (1) Ev. Tomé 95; (2a) 1Q: Lc 6,30, 34, 35b = Mt 5,42; (2b) Did. 1,4b, 5a.
- 104+. *O fermento:*** (1) Ev. Tomé 96,1; (2) 1ou2?Q: Lc 13,20-21 = Mt 13,33.
- 105+. *A verdadeira família de Jesus:*** (1) Ev. Tomé 99; (2a) Mc 3,19b-21, 31-35 = Mt 12,46-50 = Lc 8,19-21; (2b) 2Clem. 9,11; (2c) Ev. Eb. 5.
- 106+. *Jejum e casamento:*** (1) Ev. Tomé 104; (2) Mc 2,18-20 = Mt 9,14-15 = Lc 5,32-35.
- 107+. *A ovelha perdida:*** (1) Ev. Tomé 107; (2) 1ou2?Q: Lc 15,3-7 = Mt 18,12-14.
- 108+. *O tesouro:*** (1) Ev. Tomé 109; (2) Mt 13,44.

109-. A sua hora não havia chegado: (1) Ev. Eger. 2a [26-34]; (2a) Jo 7,30; (2b) Jo 8,20; (2c) Jo 10,31; (2d) Jo 10,39.

110+. Cura de um leproso: (1) Ev. Eger. 2b [35-47]; (2a) Mc 1,40-45 = Mt 8,1-4 = Lc 5,12-16; (2b) Lc 17,11-19.

111-. Invocação sem obediência: (1) Ev. Eger. 3b [57b-61a]; (2a) 1Q: Lc 6,46 = Mt 7,21; (2b) 2Clem. 4,2.

112-. O novo ensinamento de Jesus: (1) P. Oxy. 1224, 2 v i, linhas 1-5; (2) Mc 1,27b.

113+. Refeição com os pecadores: (1) P. Oxy. 1224, 2 v ii, linhas 1-7; (2a) Mc 2,13-17a = Mt 9,9-12 = Lc 5,27-31; (2b) Ev. Eb. 1c; (2c) Lc 15,1-2.

114+. Amai vossos inimigos: (1) P. Oxy. 1224, 2 r i, linhas 1-2a; (2a) 1Q: Lc 6,27-28, 35a = Mt 5,43-44; (2b) Pol. Fil. 12,3a; (2c) Did. 1,3b.

115+. A mensagem de João: (1a) 2Q: Lc 3,15-18 = Mt 3,11-12; (1b) At 13,24-25; (1c) Jo 1,24-31; (2) Mc 1,7-8.

116±. A tentação de Jesus: (1) 3Q: Lc 4,1-2a = Mt 4,1-2a; (2) Mc 1,12-13.

117-. Melhor do que os pecadores: (1a) 1Q: Lc 6,32-35 = Mt 5,45-47; (1b) 2Clem. 13,4a [de Lc 6,32]; (1c) Did. 1,3b; (2) In. Pol. 2,1.

118-. Julgamento por julgamento: (1a) 1Q: Lc 6,37a = Mt 7,1-2a; (2a) 1Clem. 13,2e; (2b) Pol. Fil. 2,3a.

119±. Cura de um menino distante: (1) 2Q: Lc 7,1-2 [3-6a] 6b-10 = Mt 8,5-10, 13; (2) Jo 4,46b-53.

120-. O Pai nosso: (1a) 1Q: Lc 11,(1)2-4 = (!) Mt 6,9-13; (1b) Ev. Naz. 5; (1c) Pol. Fil. 7,2a; (2) Did. 8,2b.

121+. A controvérsia sobre Beelzebu: (1a) 2Q: Lc 11,14-15, 17-18 = Mt 12,22-26; (1b) Mt 9,32-34; (2) Mc 3,22-26.

122-. Pedido de um sinal: (1a) 2Q: Lc 11,29-30 = Mt 12,38-40; (1b) Mt 16,4a; (1c) Ev. Naz. 11; (2a) Mc 8,11-13 = Mt 16,1, 4b = Lc 11,16.

123-. A luz do corpo: (1) 2Q: Lc 11,34-36 = Mt 6,22-23; (2) Dial. Sal. 8.

124+. Honrarias e saudações: (1) 2Q: Lc 11,43 = Mt 23,6b-7a; (2) Mc 12,38-40 = Mt 23,5-7 = Lc 20,45-46.

125-. Ranger de dentes: (1a) 2Q: Lc 13,28a = Mt 8,12b; (1b) Mt 13,42b; (1c) Mt 13,50b; (1d) Mt 22,13b; (1e) Mt 24,51b; (1f) Mt 25,30b; (2) Dial. Sal. 14e.

126+. Salgando o sal: (1) 1Q: Lc 14,34-35a = Mt 5,13; (2) Mc 9,50a.

127+. Doença e pecado: (1) Jo 5,1-9a, 14; (2) Mc 2,1-12 = Mt 9,1-8 = Lc 5,17-26.

128±. Andando sobre a água: (1) Jo 6,16-21; (2a) Mc 6,45-52 = Mt 14,22-27; (2b) Mc 4,35-41 = Mt 8,18, 23-27 = Lc 8,22-25.

129+. Cura de um cego: (1) Jo 9,1-7; (2) Mc 8,22-26.

130±. Ressurreição de um morto: (1) Jo 11,1-57; (2a) Marcos secreto 1v20-2r11a; (2b) Mc 14,51-52.

131-. Caçoam de Jesus: (1a) Ev. Pd. 3,6-9; (1b) Mc 15,16-20a = Mt 27,27-31a; (1c) Jo 19,1-3; (2a) Bar. 5,14; (2b) Bar. 7,7-11.

(d) Testemunho Único [55]

132-. Um milagre no plantio: (1) Ev. Eger. 4 [67-82]; **133-. Visão de Jesus:** (1) P. Oxy. 1224, 2 r ii, linhas 1-5; **134-. O Espírito enquanto mãe:** (1) Ev. Eb. 3; **135-. Alegria no amor:** (1) Ev. Eb. 5; **136-. Sofrendo pelo outro:** (1) Ev. Eb. 6; **137+. A advertência de João:** (1) 2Q: Lc 3,7-9a = Mt 3,7-10b; **138-. A árvore cortada:** (1a) 2Q: Lc 3,9b = Mt 3,10b, (1b) Mt 7,19; **139-. As três tentações de Jesus:** (1a) 3Q: Mt 4,2b-11 = Lc 4,2b-13, (1b) Ev. Naz. 3; **140+. A outra face:** (1a) 1Q: Lc 6,29 = Mt 5,38-41, (1b) Did. 1,4a; **141-. Como o vosso Pai:** (1a) 1Q: Lc 6,36 = Mt 5,48, (1b) Pol. Fil. 12,3b; **142-. A rocha e a areia:** (1) 1Q: Lc 6,47-49 = Mt 7,24-27; **143-. Resposta a João:** (1) 2Q: Lc 7,18-23 = Mt 11,2-6; **144-. Sabedoria justificada:** (1) 2Q: Lc 7,31-35 = Mt 11,16-19; **145+. Deixa os mortos:** (1) 1Q: Lc 9,59-60 = Mt 8,21-22; **146+. Olhando para trás:** (1) 1Q?: Lc 9,61-62; **147+. Cordeiros entre os lobos:** (1a) 1Q: Lc 10,3 = Mt 10,16a, (1b) 2Clem. 5,2; **148-. Cidades condenadas:** (1) 2Q: Lc 10,12-15 = Mt 11,15, 20-24; **149+. Boas dádivas:** (1) 1Q: Lc 11,11-13 = Mt 7,9-11; **150+. Por cujo poder:** (1) 2Q: Lc 11,19-20 = Mt 12,27-28; **151-. O retorno do demônio:** (1) 2Q: Lc 11,24-26 = Mt 12,43-45; **152-. Condenados pelos pagãos:** (1) 2Q: Lc 11,31-32 = Mt 12,41-42; **153-. O dizimo e a justiça:** (1) 2Q: Lc 11,42 = Mt 23,23; **154-. Como túmulos:** (1) 2Q: Lc 11,44 = Mt 23,27-28; **155-. Ajuda para carregar os fardos:** (1) 2Q: Lc 11,45-46 = Mt 23,4; **156-. Os túmulos dos profetas:** (1) 2Q: Lc 11,47-48 = Mt 23,29-31; **157-. Enviados da Sabedoria:** (1a) 2Q: Lc 11,49-51 = Mt 23,34-36, (1b) Ev. Naz. 17; **158-. A quem temer:** (1a) 1Q: Lc 12,4-5 = Mt 10,28, (1b) 2Clem. 5,4b; **159+. Deus e os pardais:** (1) 1Q: Lc 12,6-7 = Mt 10,29-31; **160+. Coração e tesouro:** (1) 1Q: Lc 12,34 = Mt 6,21; **161-. O mestre e o administrador:** (1) 2Q: Lc 12,42-46 = Mt 24,45-51a; **162-. Antes do julgamento:** (1a) 2Q: Lc 12,57-59 = Mt 5,25-26, (1b) Did. 1,5b; **163-. A porta estreita:** (1) 1Q: Lc 13,23-24 = Mt 7,13-14; **164-. A porta fechada:** (1) 2Q: Lc 13,25 = Mt 25,1-12; **165-. Afastai-vos de mim:** (1a) 2Q: Lc 13,26-27 = Mt 7,22-23, (1b?) 2Clem. 4,5, (1c?) Ev. Naz. 6; **166-. Patriarcas e gentios:** (1) 2Q: Lc 13,28-29 = Mt 8,11-12; **167-. Jerusalém condenada:** (1) 2Q: Lc 13,34-35 = Mt 23,37-39; **168+. O Reino e a violência:** (1a) 1ou2?Q: Lc 16,16 = Mt 11,12-14, (1b) Ev. Naz. 8; **169-. Nem uma vírgula:** (1) 1ou2?Q: Lc 16,17 = Mt 5,18; **170-. Condenação da tentação:** (1) 1ou2?Q: Lc 17,1 = Mt 18,7; **171-. Reprovação e perdão:** (1) 1ou2?Q: Lc 17,3 = Mt 18,15; **172+. Perdão ilimitado:** (1a) 1ou2?Q: Lc 17,4 = Mt 18,21-22, (1b) Ev. Naz. 15ab; **173-. O poder da fé:** (1) 1ou2?Q: Lc 17,5-6 = Mt 17,20; **174-. Como um raio:** (1) 2Q: Lc 17,24 = Mt 24,27; **175-. Como Noé:** (1) 2Q: Lc 17,26-27 = Mt 24,37-39a; **176-. Como Ló:** (1) 2Q: Lc 17,28-30 = Mt 24,39b; **177-. O corpo e os abutres:** (1) 2Q: Lc 17,37 = Mt 24,28; **178+. O dinheiro confiado:** (1a) 2Q: Lc 19,(11)12-24, 27 = Mt 25,14-28, (1b) Ev. Naz. 18; **179-. Sobre doze tronos:** (1) 2Q: Lc 22,28-30 = Mt 19,28; **180-. A pergunta de Pilatos:** (1a) Ev. Pd. pré-1,1 de 3,6, 9 (Filho de Deus) & 3,7; 4,11 (Rei de Israel), (1b) Mc

15,1-5 = Mt 27,1-2, 11-14 = Lc 23,1-5, (1c) Jo 18,28-38; 19,4-16; **181-**. **O povo se arrepende:** (1a) Ev. Pd. 7,25(!); 8,28, (1b) Lc 23,48; **182-**. **Os guardas no túmulo de Jesus:** (1a) Ev. Pd. 8,29-33, (1b) Mt 27,62-66, (1c) Ev. Naz. 22; **183-**. **Uma multidão visita o túmulo:** (1) Ev. Pd. 9,34; **184±**. **A transfiguração de Jesus:** (1a) Ev. Pd. 9,35-10,40, (1b) Mc 9,2-10 = Mt 17,1-9 = Lc 9,28-36, (1c) 2Pd 1,17-18; **185-**. **O relatório dos guardas:** (1) Ev. Pd. 11,45-49, (1b) Mt 28,11-15; **186±**. **O pesar dos apóstolos:** (1) Ev. Pd. 7,26-27; 14,58-59.

Segundo Estrato [178:26+152]

(a) Testemunho Independente Múltiplo [3]

187-. **Os virtuosos e os pecadores:** (1a) Mc 2,17b = Mt 9,13b = Lc 5,32, (1b) 2Clem. 2,4, (2) Lc 19,10, (3) Bar. 5,9, (4) 1Tm 1,15b; **188-**. **A hora imprevisível:** (1a) Mc 13,33-37; (1b) Mt 24,42; (1c) Mt 25,13; (2) Lc 12,35-38; (3) Lc 21,34-36; (4) Did. 16,1. **189-**. Melhor não ter nascido: (1) Mc 14,17-21 = Mt 26,20-25 = Lc 22,14, 21-23, (2) 1Clem. 46,8a, (3) Herm. Vis. 4.2,6b, (4a) Jo 6,70-71, (4b) Jo 13,18-19, (4c) Jo 13,21-30.

(b) Testemunho Independente Triplo [5]

190±. **Pescadores de homens:** (1a) Mc 1,16-20 = Mt 4,18-22, (1b) Ev. Eb. 1b, (2) Lc 5,4-11, (3) Jo 21,1-8; **191+**. **O líder como um servidor:** (1a) Mc 9,33-35 = Mt 18,1, 4 = Lc 9,46, 48b, (1b) Mc 10,41-45 = Mt 20,24-28, (1c) Mt 23,11, (2) Lc 22,24-27, (3) Jo 13,1-17; **192+**. **A mulher com a unção:** (1a) Mc 14,3-9 = Mt 26,6-13, (2a) Lc 7,36-50, (1b/2b) Jo 12,1-8, (3) In. Ef. 17,2; **193-**. **Os fariseus são como cegos:** (1) P. Oxy. 840. 2b, (2a) Mt 15,14a, (2b) Mt 23,16a, 17a, 19a, 24a, 26a, (3) Jo 9,41b; **194-**. **A carne e o espírito:** (1) Jo 3,6-8; (2) In. Fil. 7,1; (3) Dial. Sal. 35.

(c) Testemunho Independente Duplo [18]

195-. **A mulher e o nascimento:** (1a) Ev. Eg. 1, (1b) Ev. Eg. 2, (1c) Ev. Eg. 3, (1d) Ev. Eg. 4, (1e) Ev. Eg. 6, (2a) Dial. Sal. 58-59, (2b) Dial. Sal. 90-95; **196±**. **Do barco:** (1) Mc 4,1-2 = Mt 13,1-3a = Lc 8,4, (2?) Lc 5,1-3; **197+**. **Herodes corta a cabeça de João:** (1) Mc 6,17-29 = Mt 14,3-12a = (!) Lc 3,19-20, (2) Ap. Tg. 6,1-4; **198-**. **A mó e a tentação:** (1) Mc 9,42 = Mt 18,6 = Lc 17,2, (2) 1Clem. 46,8b; **199+**. **O Reino e os ricos:** (1a) Mc 10,23-27 = Mt 19,23-26 = Lc 18,24-27, (1b) Ev. Naz. 16b, (2) Herm. Sim. 9.20,1-4; **200-**. **Cem vezes mais como recompensa:** (1) Mc 10,28-30 = Mt 19,27, 29 = Lc 18,28-30, (2) Ap. Tg. 4,1a; **201-**. **O principal mandamento:** (1) Mc 12,28-34 = Mt 22,34-40, 46b = Lc 10,25-28, (2) Did. 1,2a; **202-**. **Filho de Davi:** (1) Mc 12,35-37 = Mt 22,41-46a = Lc 20,41-44, (2) Bar. 12,10-11; **203-**. **Oração contra a tentação:** (1a) Mc 14,32-42 = Mt 26,36-46 = Lc 22,39-46, (1b) Jo 12,27, (1c) Pol. Fil. 7,2b, (2) Ap. Tg. 4,1b; **204-**. **Água**

viva: (1) P. Oxy. 840. 2c, (2) Jo 4,14; **205-.** *Não provará da morte:* (1) Ev. Tomé 1 & P. Oxy. 654. 1; (2) Jo 8,51-52; **206-.** *Conhecendo a si mesmo:* (1) Ev. Tomé 3,2 & P. Oxy. 654. 3,2; (2) Dial. Sal. 30; **207-.** *Enterrado e ressuscitado:* (1) P. Oxy. 654. 5; (2) mortalha encontrada em Oxirrincos [van Haelst #596; NTA 1.300]; **208-.** *Vida e morte:* (1a) Ev. Tomé 11,1-2a; (1b) Ev. Tomé 111,1; (2) Dial. Sal. 56-57; **209-.** *A câmara nupcial:* (1) Ev. Tomé 75; (2) Dial. Sal. 50b; **210-.** *O lugar da vida:* (1) Dial. Sal. 27-30, (2) Jo 14,2-12; **211-.** *O mal do dia:* (1) Dial. Sal. 53a, (2) Mt 6,34b; **212-.** *Bem-aventurado daquele que faz:* (1) Jo 13,17, (2) Tg 1,25b.

(d) Testemunho Único [152]

213+. *João Batista:* (1a) Mc 1,4-6 = Mt 3,1, 4-6 = Lc 3,1-3, (1b) Ev. Eb. 2-3a; **214-.** *Reino e arrependimento:* (1a) Mc 1,14-15 = Mt 4,12, 17 = Lc 4,14-15 = (?) Jo 4,1-3, (1b) Mt 3,2; **215±.** *Na sinagoga de Cafarnaum:* (1a) Mc 1,21-28 = (!) Mt 4,13-16 = Lc 4,31-37, (1b) Mt 7,28-29, (1c) Jo 2,12; **216±.** *A sogra de Simão:* (1a) Mc 1,29-31 = Mt 8,14-15 = Lc 4,38-39, (1b) Ev. Eb. 1a; **217±.** *Curas e exorcismos:* (1) Mc 1,32-34 = Mt 8,16-17 = Lc 4,40-41; **218±.** *Para outros lugares:* (1a) Mc 1,35-39 = Mt 4,23 = Lc 4,42-44, (1b) Jo 2,12; **219-.** *Os grãos e o sabá:* (1) Mc 2,23-26 = Mt 12,1-7 = Lc 6,1-4; **220±.** *O Senhor e o sabá:* (1) Mc 2,27-28 = Mt 12,8 = Lc 6,5; **221-.** *A mão e o sabá:* (1a) Mc 3,1-6 = Mt 12,9-14 = Lc 6,6-11, (1b) Ev. Naz. 10; **222±.** *As multidões são curadas:* (1) Mc 3,7-10 = Mt 4,24-25 = Lc 6,17-19; **223-.** *Os demônios são silenciados:* (1) Mc 3,11-12 = Mt 12,15-16 = Lc 4,41; **224-.** *Doze discípulos são escolhidos:* (1a) Mc 3,13-19a = Mt 10,2-4 = Lc 6,12-16, (1b) Ev. Eb. 1d, (1c) At 1,13b; **225-.** *Interpretação da parábola do semeador:* (1) Mc 4,13-20 = Mt 13,18-23 = Lc 8,11-15; **226-.** *Ouvi e atendei:* (1) Mc 4,24a = Lc 8,18a; **227-.** *Falando através de parábolas:* (1) Mc 4,33-34 = Mt 13,34; **228±.** *O endemoninhado geraseno:* (1) Mc 5,1-20 = Mt 8,28-34 = Lc 8,26-39; **229+.** *Cura de duas mulheres:* (1) Mc 5,21-43 = Mt 9,18-26 = Lc 8,40-56; **230+.** *Entre as aldeias:* (1) Mc 6,6b = Mt 9,35 = Lc 8,1; **231-.** *O que Herodes disse de Jesus:* (1) Mc 6,14-16 = Mt 14,1-2 = Lc 9,7-9; **232-.** *Os discípulos voltam:* (1) Mc 6,30-32 = Mt 14,12b-13a = Lc 9,10; **233±.** *Curas em Genesaré:* (1) Mc 6,53-56 = Mt 14,34-36; **234-.** *Mãos sujas:* (1a) Mc 7,1-5 = Mt 15,1-2, (1b) Lc 11,37-38; **235-.** *Man-damento e tradição:* (1a) Mc 7,8-13 = Mt 15,3-6, (1b) Ev. Naz. 12; **236-.** *O que sai de dentro:* (1) Mc 7,17-23 = Mt 15,15-20; **237±.** *Cura de uma me-nina distante:* (1) Mc 7,24-30 = Mt 15,21-23, 25-28; **238+.** *Cura de um surdo-mudo:* (1) Mc 7,31-37 [ver Mt 15,29-31]; **239-.** *O fermento dos fari-seus:* (1) Mc 8,14-21 = Mt 16,5-12 = (!) Lc 12,1; **240-.** *Profecia da paixão-ressurreição:* (1a) Mc 8,31-33 = Mt 16,21-23 = Lc 9,22, (1b) Mc 9,9b = Mt 17,9b, (1c) Mc 9,12b = Mt 17,12b, (1d) Mc 9,30-32 = Mt 17,22-23 = Lc 9,43b-45, (1e) Lc 17,25, (1f) Mc 10,32-34 = Mt 20,17-19 = Lc 18,31-34, (1g) Mt 26,1-2, (1h) Mc 14,21 = Mt 26,24 = Lc 22,22, (1i) Mc 14,41 = Mt 26,45b, (1j) Lc 24,7; **241-.** *Qual o proveito?:* (1a) Mc 8,36 = Mt 16,26a = Lc 9,25,

(1b) 2Clem. 6,2; 242-. **O preço da vida:** (1) Mc 8,37 = Mt 16,26b; 243-. **Alguns presentes aqui:** (1) Mc 9,1 = Mt 16,28 = Lc 9,27; 244-. **Elias veio:** (1) Mc 9,11-13 = Mt 17,10-13; 245±. **Cura de um menino possuído:** (1) Mc 9,14-29 = Mt 17,14-21 = Lc 9,37-43a; 246+. **Um estranho que faz exorcismos:** (1) Mc 9,38-39 = Lc 9,49-50a; 247-. **Copo d'água:** (1) Mc 9,41 = Mt 10,42; 248-. **Mão, pé e olho:** (1a) Mc 9,43-48 = Mt 18,8-9, (1b) Mt 5,29-30; 249-. **Salgados com fogo:** (1) Mc 9,49; 250-. **Sal e paz:** (1) Mc 9,50b; 251-. **Jesus vai para a Judéia:** (1) Mc 10,1 = Mt 19,1-2 = (!) Lc 9,51; 252-. **Moisés e o divórcio:** (1) Mc 10,2-9 = Mt 19,3-8; 253-. **O homem rico:** (1a) Mc 10,17-22 = Mt 19,16-22 = Lc 18,18-23, (1b) Ev. Naz. 16a; 254-. **O batismo de Jesus:** (1a) Mc 10,35-40 = Mt 20,20-23, (1b) Lc 12,50; 255+. **A família do ressuscitado:** (1a) Marcos secreto 2r14b-16, (1b) Mc 10,46a; 256±. **Cura de Bartimeu:** (1a) Mc 10,46b-52 = Mt 20,29-34 = Lc 18,35-43, (1b) Mt 9,27-31; 257-. **Entrada em Jerusalém:** (1a) Mc 11,1-10 = Mt 21,1-9 = Lc 19,28-40, (1b) Jo 12,9-19; 258-. **Entrada no Templo:** (1) Mc 11,11a = Mt 21,10-11; 259-. **Betânia à noite:** (1) Mc 11,11b = Mt 21,17 = Lc 21,37-38; 260-. **A figueira amaldiçoada:** (1) Mc 11,12-14, 20-21 = Mt 21,18-20; 261-. **Com que autoridade?:** (1) Mc 11,27-33 = Mt 21,23-27 = Lc 20,1-8; 262-. **Sobre a ressurreição:** (1) Mc 12,18-27 = Mt 22,23-33 = Lc 20,27-40; 263-. **As casas das viúvas:** (1) Mc 12,40 = Mt 23,14 = Lc 20,47; 264-. **As duas moedinhas da viúva:** (1) Mc 12,41-44 = Lc 21,1-4; 265-. **Ainda nesta geração:** (1) Mc 13,28-32 = Mt 24,32-36 = Lc 21,29-33; 266-. **Complô contra Jesus:** (1) Mc 14,1-2 = Mt 26,3-5 = Lc 22,1-2; 267-. **Prometem dinheiro a Judas:** (1a) Mc 14,10-11 = Mt 26,14-16 = Lc 22,3-6, (1b) Jo 13,27a; 268-. **Os preparativos para a Páscoa:** (1a) Mc 14,12-16 = Mt 26,17-19 = Lc 22,17-14, (1b) Ev. Eb. 7; 269±. **Jesus é preso:** (1a) Mc 14,43-50 = Mt 26,47-56 = Lc 22,47-53, (1b) Jo 18,1-12, 20; 270-. **A pergunta do sacerdote:** (1a) Mc 14,53, 60-65 = Mt 26,57, 62-68 = Lc 22,54a, 63-71, (1b) Jo 18,13-14, 19-24; 271-. **As três negações de Pedro:** (1a) Mc 14,54, 66-72 = Mt 26,58, 69-75 = Lc 22,54b-62, (1b) Ev. Naz. 19, (1c) Jo 18,15-18, 25-27; 272-. **A libertação de Barrabás:** (1a) Mc 15,6-15 = Mt 27,15-23, 26 = Lc 23,18-25, (1b) Jo 18,39-40, (1c) At 3,13-14, (1d) Ev. Naz. 20; 273-. **Simão Cireneu:** (1a) Mc 15,20b-21 = Mt 27,31b-32 = Lc 23,26, (1b!) Jo 19,17a; 274-. **As mulheres na crucificação:** (1a) Mc 15,40-41 = Mt 27,55-56 = Lc 23,49, (1b) Jo 19,25b-27; 275-. **O túmulo vazio:** (1a) Mc 16,1-8 = Mt 28,1-10 = Lc 24,1-11, (1b) Jo 20,1, 11-18, (1c) Ev. Pd. 11,44; 12,50-13,57; 276-. **O grande tormento:** (1) P. Oxy. 840. 1; 277. **Purificação pela água?:** (1) P. Oxy. 840. 2a; 278-. **O homem e a criança:** (1) Ev. Tomé 4,1 & P. Oxy. 654. 4,1; 279-. **À vossa vista:** (1) Ev. Tomé 5,1 & P. Oxy. 654. 5,1; 280-. **Sobre as mentiras:** (1) Ev. Tomé 6,2 + 3b & P. Oxy. 654. 6,2 + 3b; 281-. **O homem e o leão:** (1) Ev. Tomé 7 & P. Oxy. 654. 7; 282-. **Dois e um:** (1) Ev. Tomé 11,2b; 283-. **Jejum, oração, esmola:** (1) Ev. Tomé 6,1 + 14,1; 284-. **Vosso Pai:** (1) Ev. Tomé 15; 285-. **Início e fim:** (1) Ev. Tomé 18,1-3; 286-. **Antes de ser criado:** (1) Ev. Tomé 19,1; 287-. **Pedras e**

árvores: (1) Ev. Tomé 19,2; 288-. **Crianças no campo:** (1) Ev. Tomé 21,1-2; 289-. **Os poucos escolhidos** (1) Ev. Tomé 23; 290+. **Ama a teu irmão:** (1) Ev. Tomé 25; 291-. **Jejum e sabá:** (1) Ev. Tomé 27 & P. Oxy. 1,27; 292-. **Bêbados, cegos e vazios:** (1) Ev. Tomé 28; 293-. **A carne como pobreza:** (1) Ev. Tomé 29; 294-. **Desejo de ouvir:** (1) Ev. Tomé 38,1 & P. Oxy. 655. 38,1; 295+. **Tornai-vos passantes:** (1) Ev. Tomé 42; 296-. **Das minhas palavras:** (1) Ev. Tomé 43; 297+. **Cavalos e arcos:** (1) Ev. Tomé 47,1; 298-. **A unidade e a montanha:** (1a) Ev. Tomé 48, (1b) Ev. Tomé 106; 299-. **Os solitários e os eleitos:** (1) Ev. Tomé 49; 300-. **Se perguntarem:** (1) Ev. Tomé 50; 301-. **A verdadeira circuncisão:** (1) Ev. Tomé 53; 302-. **Superior ao mundo:** (1a) Ev. Tomé 56, (1b) Ev. Tomé 80; 303+. **Bem-aventurado o sofredor:** (1) Ev. Tomé 58; 304-. **Prestai atenção agora:** (1) Ev. Tomé 59; 305-. **O samaritano e o cordeiro:** (1) Ev. Tomé 60; 306-. **Jesus e Salomé:** (1) Ev. Tomé 61,2-5; 307-. **Sabendo o tudo:** (1) Ev. Tomé 67; 308-. **De dentro de vós:** (1) Ev. Tomé 70; 309-. **A cisterna:** (1) Ev. Tomé 74; 310-. **A luz e o tudo:** (1) Ev. Tomé 77,1; 311+. **Pedra e madeira:** (1) Ev. Tomé 77,2 & P. Oxy. 1. 77,2; 312-. **As riquezas e o poder:** (1) Ev. Tomé 81; 313-. **Perto do fogo:** (1) Ev. Tomé 82; 314-. **A luz do Pai:** (1) Ev. Tomé 83; 315-. **As imagens primordiais:** (1) Ev. Tomé 84; 316-. **A morte de Adão:** (1) Ev. Tomé 85; 317-. **Corpo e alma:** (1) Ev. Tomé 87; 318-. **Anjos e profetas:** (1) Ev. Tomé 88; 319-. **Antes e agora:** (1) Ev. Tomé 92,2; 320+. **O jarro vazio:** (1) Ev. Tomé 97; 321+. **O assassino:** (1) Ev. Tomé 98; 322-. **O filho da prostituta:** (1) Ev. Tomé 105; 323-. **Da minha boca:** (1) Ev. Tomé 108; 324+. **Descobrimdo o mundo:** (1) Ev. Tomé 110; 325. **Descobrimdo a si mesmo:** (1) Ev. Tomé 111,2; 326-. **Carne e alma:** (1) Ev. Tomé 112; 327-. **Pedro e Maria:** (1) Ev. Tomé 114; 328-. **Sábio e virtuoso:** (1) Dial. Sal. 4-7; 329-. **Renúncia do poder:** (1) Dial. Sal. 19-20; 330-. **Este cosmo empobrecido:** (1) Dial. Sal. 25-26; 331-. **A pedra e a palavra:** (1) Dial. Sal. 31-34; 332-. **Visão de Deus:** (1) Dial. Sal. 41-46; 333-. **A verdadeira regra:** (1) Dial. Sal. 47-50; 334-. **Completude e falta:** (1) Dial. Sal. 54-55; 335-. **Os vivos e os mortos:** (1) Dial. Sal. 56-57; 336-. **O lugar da ausência:** (1) Dial. Sal. 60-64; 337-. **Amor e bondade:** (1) Dial. Sal. 73-74; 338-. **Tesouros do cosmo:** (1) Dial. Sal. 69-70; 339-. **A vitória perfeita:** (1) Dial. Sal. 71-72; 340-. **Amor e bondade:** (1) Dial. Sal. 73-74; 341-. **Fê e conhecimento:** (1) Dial. Sal. 75-76; 342-. **Chegando ao lugar:** (1) Dial. Sal. 77-78; 343-. **Compreendendo tudo:** (1) Dial. Sal. 81-82; 344-. **Vosso Pai:** (1) Dial. Sal. 86-87; 345-. **As sobras:** (1) Dial. Sal. 88-89; 346-. **As obras desfeitas:** (1) Dial. Sal. 97-98; 347-. **Espírito e luz:** (1) Dial. Sal. 99-102; 348-. **Compreendendo as obras:** (1) Dial. Sal. 103-104; 349-. **Água em vinho:** (1) Jo 2,1-11; 350-. **Jesus a Nicodemos:** (1) Jo 3,11-21; 351-. **A samaritana:** (1) Jo 4,1-42; 352-. **Sobre o Pai:** (1) Jo 5,19-38; 353-. **O pão da vida:** (1) Jo 6,22-50; 354-. **Disputa sobre Jesus:** (1) Jo 6,59-66; 355-. **Jesus nos tabernáculos:** (1) Jo 7,1-52 & 8,12-59; 356-. **Cegueira e visão:** (1) Jo 9,8-41; 357-. **Dar a vida pelos outros:** (1a) Jo 10,1-21, (1b) Jo

15,13, (1c) 1Jo 3,16; 358-. **A festa da Dedicção:** (1) Jo 10,22-42; 359-. **Os pagãos visitam Jesus:** (1) Jo 11,20-36a; 360-. **Crença em Jesus:** (1) Jo 11,36b-50; 361-. **Hora da glória:** (1) Jo 12,20-24, 28-34; 362-. **Profecia da descrença:** (1) Jo 12,37-43; 363-. **O discurso de Jesus na ceia:** (1) Jo 13,31-17,26; 364±. **Estes foram escritos:** (1a) Jo 20,30-31, (1b) Jo 21,25.

Terceiro Estrato [123:23+100]

(a) Testemunho Independente Múltiplo [1]

365-. **Dando e recebendo:** (1) 1Clem. 2,1, (2) Did. 1,5, (3) Herm. Man. 2,4b, (4) At 20,35b.

(b) Testemunho Independente Triplo [1]

366-. **Bem-aventurados os mansos:** (1) Mt 5,5, (2) Bar. 19,4, (3) Did. 3,7.

(c) Testemunho Independente Duplo [21]

367±. **Nascimento de Jesus:** (1a) Mt 1-2, (1b) Ev. Naz. 1, (2a) Lc 1-2, (2b) Ev. Eb. 3b; 368-. **Genealogia de Jesus:** (1) Mt 1,1-17, (2) Lc 3,23-38; 369-. **A estrela da revelação:** (1) Mt 2,1-12, (2) In. Ef. 19,2-3; 370-. **Misericórdia por misericórdia:** (1) Mt 5,7, (2a) 1Clem. 13,2a, (2b) Pol. Fil. 2,3c; 371+. **Oração e perdão:** (1) Mt 5,23-24, (2) Did. 14,2; 372+. **Contra os juramentos:** (1a) Mt 5,33-37, (1b) Mt 23,22, (2) Tg 5,12; 373-. **Sobre a oração:** (1) Mt 6,5-6, (2) Did. 8,2a; 374-. **Sobre o jejum:** (1) Mt 6,16-18, (2) Did. 8,1; 375-. **Atando e desatando:** (1a) Mt 16,19, (1b) Mt 18,18, (2) Jo 20,23; 376-. **O poder da oração:** (1) Mt 18,19, (2) In. Ef. 5,2b; 377-. **Capaz de receber:** (1) Mt 19,12b, (2) In. Esm. 6,1b; 378-. **Os chamados e os escolhidos:** (1) Mt 22,14, (2) Bar. 4,14b; 379+. **Exaltação e humilhação:** (1) Mt 23,12, (2a) Lc 14,11, (2b) Lc 18,14; 380-. **O suicídio de Judas:** (1) Mt 27,3-10, (2) At 1,15-20a; 381±. **Ensinar e batizar:** (1) Mt 28,16-20, (2) Did. 7,1; 382-. **Dádiva por dádiva:** (1) Lc 6,38a, (2) 1Clem. 13,2d; 383-. **O dever do servo:** (1) Lc 17,7-10, (2) Herm. Sim. 5.2, 4-7; 384-. **Ódio à hipocrisia:** (1) Did. 4,12, (2) Ap. Tg. 6,7; 385-. **O proveito final da fé:** (1) Did. 16,2b, (2) Bar. 4,9; 386-. **Ver para crer:** (1) Jo 20,24-29, (2a) Ap. Tg. 8,3, (2b) Ap. Tg. 3,3-5; 387-. **O lugar de onde:** (1) Ev. Pd. 13,56b, (2a) Ap. Tg. 2,2a, (2b) Ap. Tg. 9,5b.

(d) Testemunho Único [100]

388-. **O sermão da montanha:** (1) Mt 5,1-2; 389-. **Bem-aventurados os puros:** (1) Mt 5,8; 390-. **Bem-aventurados os que promovem a paz:** (1) Mt 5,9; 391-. **As vossas boas obras:** (1) Mt 5,16; 392-. **Não vim para abolir:** (1) Mt 5,17; 393-. **O menor mandamento:** (1) Mt 5,19; 394-. **Uma virtude maior:** (1) Mt 5,20; 395-. **Contra a raiva:** (1a) Mt 5,21-22, (1b)

Ev. Naz. 4; 396-. **Contra a luxúria:** (1) Mt 5,27-28; 397-. **Devoção diante dos homens:** (1) Mt 6,1; 398-. **Sobre as esmolas:** (1) Mt 6,2-3a, 4; 399-. **Os gentios e a oração:** (1) Mt 6,7-8; 400-. **Preocupação com o amanhã:** (1) Mt 6,34a; 401-. **Na pele do cordeiro:** (1) Mt 7,15; 402-. **Misericórdia, e não sacrifício:** (1) Mt 9,13a; 403-. **As ovelhas perdidas de Israel:** (1a) Mt 10,5b-6, (1b) Mt 15,24; 404-. **Dar sem receber:** (1) Mt 10,8b; 405-. **Cidades de Israel:** (1) Mt 10,23; 406-. **O mestre e sua casa:** (1) Mt 10,25b; 407-. **Hospitalidade e recompensa:** (1) Mt 10,41; 408-. **Ensinar e pregar:** (1) Mt 11,1; 409-. **O servo que foi escolhido:** (1) Mt 12,17-21; 410-. **Por tuas palavras:** (1) Mt 12,36-37; 411-. **Explicação das ervas daninhas plantadas:** (1) Mt 13,36-43a; 412-. **Explicação da rede:** (1) Mt 13,59-50; 413-. **Pedro afunda:** (1) Mt 14,28-33; 414-. **Aos seus pés:** (1) Mt 15,29-31 [ver Mc 7,31-37]; 415-. **A criança humilde:** (1) Mt 18,4; 416-. **Desprezo pelos pequeninos:** (1) Mt 18,10; 417-. **Excomunhão da igreja:** (1) Mt 18,16-17; 418+. **O servo impiedoso:** (1) Mt 18,23-34; 419+. **Os trabalhadores da vinha:** (1) Mt 20,1-15; 420-. **No trono de Moisés:** (1) Mt 23,1-3; 421-. **Sobre os títulos:** (1) Mt 23,8-10; 422-. **Para um prosélito:** (1) Mt 23,15; 423-. **Contra o casuismo:** (1) Mt 23,16-22; 424-. **O mosquito e o camelo:** (1) Mt 23,24; 425-. **O juízo final:** (1) Mt 25,31-46; 426-. **O escriba do Reino:** (1) Mt 13,51-52; 427+. **O Reino e os eunucos:** (1) Mt 19,10-12a; 428+. **Os dois filhos:** (1) Mt 21,28-32; 429-. **A taxa do Templo:** (1) Mt 17,24-27; 430-. **A confissão das crianças:** (1) Mt 21,14-16; 431-. **A concepção de João:** (1) Lc 1,5-25; 432-. **Nascimento de João:** (1) Lc 1,57-80; 433-. **Jesus aos doze anos:** (1) Lc 2,41-52; 434-. **A ética de João:** (1) Lc 3,10-14; 435-. **A preferência pelos gentios:** (1) Lc 4,25-27; 436-. **Sobre o trabalho durante o sabá:** (1) Depois de Lc 6,1-4, em Codex Beza [D]; 437-. **Ai dos ricos:** (1) Lc 6,24; 438-. **Ai dos que estão saciados:** (1) Lc 6,25a; 439-. **Ai dos que riem:** (1) Lc 6,25b; 440-. **Ai dos que são exaltados:** (1) Lc 6,26; 441-. **Condenação por condenação:** (1) Lc 6,37b; 442-. **O filho da viúva é ressuscitado:** (1) Lc 7,11-17; 443-. **Depois de rejeitar João:** (1) Lc 7,29-30; 444±. **As mulheres junto de Jesus:** (1) Lc 8,2-3; 445-. **A má acolhida dos samaritanos:** (1) Lc 9,52-55; 446-. **A volta dos setenta:** (1) Lc 10,17-20; 447+. **O bom samaritano:** (1) Lc 10,29-37; 448-. **Marta e Maria:** (1) Lc 10,38-42; 449+. **O amigo importuno:** (1) Lc 11,5-8; 450-. **Os adversários observam Jesus:** (1) Lc 11,53-54; 451-. **O pequeno rebanho:** (1) Lc 12,32; 452-. **Muito e mais:** (1) Lc 12,47-48; 453-. **Arrependei-vos ou perecereis:** (1) Lc 13,1-5; 454+. **A árvore estéril:** (1) Lc 13,6-9; 455-. **O aleijado e o sabá:** (1) Lc 13,10-17; 456-. **Em direção a Jerusalém:** (1) Lc 13,22; 457-. **Jesus e Herodes:** (1) Lc 13,31-33; 458-. **O hidrópico e o sabá:** (1) Lc 14,1-6; 459-. **O lugar à mesa:** (1) Lc 14,7-10; 460-. **Convide os indesejados:** (1a) Lc 14,12-14, (1b) Lc 14,21b; 461+. **O construtor da torre:** (1) Lc 14,28-30; 462+. **O rei em guerra:** (1) Lc 14,31-32; 463-. **Renunciar a tudo:** (1) Lc 14,33; 464+. **A moeda perdida:** (1) Lc 15,8-10; 465+. **O filho pródigo:** (1) Lc 15,11-32; 466+. **O adminis-**

trador desonesto: (1) Lc 16,1-7; 467-. **Os filhos deste mundo:** (1) Lc 16,8; 468-. **O dinheiro iniquo:** (1) Lc 16,9; 469-. **Fiel e infiel:** (1a) Lc 16,10-12, (1b) 2Clem. 8,5b [de Lc 16,10a]; 470-. **O elevado e o abominável:** (1) Lc 16,14-15; 471+. **Lázaro e o homem rico:** (1) Lc 16,19-31; 472-. **O dia está chegando:** (1) Lc 17,22; 473+. **O juiz injusto:** (1) Lc 18,1-8; 474+. **O fariseu e o publicano:** (1) Lc 18,9-14; 475-. **A salvação para Zaqueu:** (1) Lc 19,1-9; 476-. **A confissão dos discípulos:** (1) Lc 19,28-40; 477-. **Jerusalém destruída:** (1) Lc 19,41-44; 478-. **Duas espadas são o bastante:** (1) Lc 22,35-38; 479-. **O Espírito prometido:** (1a) Lc 24,44-49, (1b) At 1,1-8, (1c) Jo 20,19-22; 480±. **Ascensão de Jesus:** (1a) Lc 24,50-52, (1b) At 1,9-11; 481-. **Ação por ação:** (1) 1Clem. 13,2c; 482-. **Bondade por bondade:** (1) 1Clem. 13,2f; 483-. **Só através do sofrimento:** (1) Bar. 7,11b; 484-. **Preparação para as reuniões:** (1) Did. 16,2a; 485-. **Os discípulos encontram novos discípulos:** (1) Jo 1,35-42; 486-. **Jesus e Natanael:** (1) Jo 1,43-51; 487-. **Jesus batiza:** (1) Jo 3,22-36.

Quarto Estrato [35:0+35]

(a) Testemunho Único [35]

488-. **No princípio:** (1) Jo 1,1-18; 489-. **Matias substitui Judas:** (1) At 1,20b-26; 490-. **Os céus se abriram:** (1) At 7,55-56; 491-. **O Reino e a completude:** (1) Ap. Tg. 2,1-4; 492-. **Tornai-vos completos:** (1) Ap. Tg. 3,6-9; 493-. **O Reino e a cruz:** (1) Ap. Tg. 4,1b-5,5; 494-. **A cabeça da profecia:** (1) Ap. Tg. 6,1-4; 495-. **Em segredo e às claras:** (1) Ap. Tg. 6,5; 496-. **Ide à minha frente:** (1) Ap. Tg. 6,6; 497-. **O broto de palmeira:** (1) Ap. Tg. 6,8; 498-. **Ascensão e parábolas:** (1) Ap. Tg. 6,9-10; 499-. **O grão de trigo:** (1) Ap. Tg. 6,11; 500-. **O filho precisa do pai:** (1) Ap. Tg. 6,15b; 501-. **Ao se perseguir a si mesmo:** (1) Ap. Tg. 6,16; 502-. **É mais fácil:** (1) Ap. Tg. 6,17; 503-. **Pesar e sofrimento:** (1) Ap. Tg. 6,18; 504-. **Se tivesse sido assim:** (1) Ap. Tg. 6,19; 505-. **Jesus enquanto intercessor:** (1) Ap. Tg. 6,22b; 506-. **Não é preciso um intercessor:** (1) Ap. Tg. 7,2b; 507-. **Sede com estranhos:** (1) Ap. Tg. 7,3a; 508-. **Alma e carne:** (1) Ap. Tg. 7,7; 509-. **Poucos nos céus:** (1) Ap. Tg. 7,8; 510-. **Espiga de grãos:** (1) Ap. Tg. 8,1-2; 511-. **Casa para se abrigar:** (1) Ap. Tg. 8,4; 512-. **Para o Pai:** (1) Ap. Tg. 8,5; 513-. **Quem não é:** (1) Ap. Tg. 8,6; 514-. **O Reino se torna um deserto:** (1) Ap. Tg. 8,7a; 515-. **Ser como Jesus:** (1) Ap. Tg. 8,7b; 516-. **O Reino e a vida:** (1) Ap. Tg. 9,1-4; 517-. **Três vezes abençoados:** (1) Ap. Tg. 9,9; 518-. **Pequeno e grande:** (1) 2Clem. 8,5a; 519-. **Escolhido e dado:** (1) Ev. Naz. 23; 520-. **Ira pelo sacrifício:** (1) Ev. Eb. 6; 521-. **Perdão para a adúltera:** (1) Jo 7,53-8,11; 522-. **Finais tardios para Marcos:** (1) Final mais curto (depois de Mc 16,1-8); (2) Final mais longo (= Mc 16,9-20); (3) Dito livre (depois de Mc 16,14).

Apêndice 2

Tipos e Trajetórias dos Distúrbios Camponeses na Antiga Palestina Romana

A. Manifestantes [7 casos entre 4 a.E.C. e 65 E.C.]

[1] 4 a.E.C.: Diante de Arquelau, a respeito de impostos e prisioneiros, em GJ 2,4 = AJ 17.204-205; [2a] 16-17 E.C.: Diante de Pilatos, por causa dos estandartes icônicos em Jerusalém, em GJ 2,169-174 = AJ 18.55-59; [= 2b?] 16-17 E.C.: Diante de Pilatos, a respeito dos escudos simbólicos em Jerusalém, em Fílon, *Embaixada a Gaio*, 299-305; [3] 26-36 E.C.: Diante de Pilatos, por este ter usado o tesouro do Templo para construir o aqueduto de Jerusalém, em GJ 2.175-177 = AJ 18.60-62; [4] 39-41 E.C.: Diante de Petrônio, a respeito da estátua de Calígula no Templo, em GJ 2.185-203 = AJ 8.261-309 e Fílon, *Embaixada a Gaio*, 203-348; [5] 48-52 E.C.: Diante de Cumano, a respeito da indecência de um soldado romano no Templo, em GJ 2.224-227 = AJ 20.108-112; [6] 48-52 E.C.: Diante de Cumano, por causa do desrespeito de um soldado romano por uma cópia da Torá, em GJ 2.229-231 = AJ 20.115-117; [7] 65 E.C.: Diante de Céstio Galo, a respeito do governador Floro, em GJ 2.280-281.

B. Profetas [10 casos entre c.30 E.C. e 73 E.C.]

[1] c.30 E.C.: João Batista, em AJ 18.116-119; [2] 36 E.C.: O profeta samaritano, em AJ 18.85-89; [3] 44-46 E.C.: Teúdas, em AJ 20.97-98 e At 5,36; [4] 52-60 E.C.: Profetas anônimos (comentário generalizado), em GJ 2.258-260 = AJ 20.167b-168; [5] 52-60 E.C.: O profeta egípcio, em GJ 2.261-263 = AJ 20.169-171 e At 21,38; [6] 60-62 E.C.: Profetas anônimos, em AJ 20.188; [7] 62-70 E.C.: Jesus, filho de Ananias, em GJ 6.300-309; [8] 70 E.C.: Profeta anônimo, em GJ 6.283-285; [9] 70 E.C.: Profetas anônimos (comentário generalizado), em GJ 6.286; [10?] 73 E.C.: Jônatas, o tecelão, em GJ 6.437-450.

C. Bandidos [11 casos entre 47 a.E.C. e 68-69 E.C.]

[1] 47 a.E.C.: Ezequias, o líder bandido, em *GJ* 1.204-207 = *AJ* 14.159-179; [2] 37 a.E.C.: Os bandidos das cavernas da Galiléia, em *GJ* 1.304-313 = *AJ* 14.414-430; [3] 44-46 E.C.: Tolomeu, o líder bandido, em *AJ* 20.5; [4] 48-52 E.C.: Bandidos perto de Bet-horon, em *GJ* 2.228-229 = *AJ* 20.113-114; [5] 51-52 E.C.: Eleazar, filho de Deineu, e Alexandre lideram uma revolta, em *GJ* 2.232-246 = *AJ* 20.118-136; [6] 52-60 E.C.: Eleazar, filho de Deineu, é capturado depois de uma carreira de 21 anos como chefe-bandido, em *GJ* 2.253 = *AJ* 20.161; [7] 60-62 E.C.: Bandidos anônimos (comentário generalizado), em *GJ* 2.271 = *AJ* 20.185; [8] 64-66 E.C.: Bandidos anônimos (comentário generalizado), em *GJ* 2.278b-279 = *AJ* 20.255b-257; [9] 66-67 E.C.: Exército de bandidos sob o comando de Josefo na Galiléia, em *GJ* 2.568-576 = *Autobiografia* 77-78; [10] 66-67 E.C.: Jesus, o líder bandido, perto de Ptolemaida, em *Autobiografia* 104-111; [11] 68-69 E.C.: Surgimento dos zelotas como uma coalizão de grupos de bandidos em Jerusalém, em *GJ* 4.135-138 (nota 4.442-448).

D. Messias [5 casos entre 4 a.E.C. e 68-70 E.C.]

[1] 4 a.E.C.: Judas, filho do líder bandido Ezequias, na Galiléia, em *GJ* 2.56 = *AJ* 17.271-272; [2] 4 a.E.C.: Simão, o escravo de Herodes, na Peréia, em *GJ* 2.57-59 = *AJ* 17.273-277a; [3] 4 a.E.C.: Atronges, o pastor, na Judéia, em *GJ* 2.60-65 = *AJ* 17.278-284; [4] 66 E.C.: Manaém, filho (neto) de Judas, o galileu (arrendatários liderando camponeses), em *GJ* 2.433-434 [= 408, 425], 444; [5] 68-70 E.C.: Simão, filho de Gioras (Bargiora), em *GJ* 2.521; 2.652-654 = 4.503-507; 4.508-510; 4.529; 7.26-36, 154.

Apêndice 3

Inventário das Sentenças Sobre João Batista [18:6+12]

Primeiro Estrato [8:5+3]

[1] 58. João batiza Jesus [1/3]; [2] 51. No deserto [1/3]; [3] 115. A mensagem de João [1/2]; [4] 85. Maior do que João [1/2]; [5] 106. Jejum e casamento [1/2]; [6] 143. Resposta a João [1/1]; [7] 144. Sabedoria justificada [1/1]; [8] 168. O Reino e a violência [1/1].

Segundo Estrato [5:1+4]

[1] 197. Herodes corta a cabeça de João [2/2]; [2] 213. João Batista [2/1]; [3] 231. O que Herodes disse de Jesus [2/1]; [4] 244. Elias veio [2/1]; [5] 261. Com que autoridade? [2/1]

Terceiro Estrato [5:0+5]

[1] 428. Os dois filhos [3/1]; [2] 431. A concepção de João [3/1]; [3] 432. Nascimento de João [3/1]; [4] 443. Depois de rejeitar João [3/1]; [5] 487. Jesus batiza [3/1].

Apêndice 4

Inventário das Sentenças sobre o Filho do Homem [40:14+26]

É preciso ler este inventário com muito cuidado, por causa de um aspecto muito importante. Sempre que há mais de uma fonte (com a exceção de um único caso), a expressão Filho do Homem aparece em apenas uma delas. Às vezes, ela aparece em apenas uma unidade de uma determinada fonte. Indicarei em cada caso qual unidade ou fonte apresenta a expressão. Quando não houver uma anotação deste tipo, isso significa que ela aparece em todos os textos de uma fonte. Em outras palavras, a equação 40:14+26 não significa que há 14 exemplos de testemunhos independentes múltiplos para a expressão Filho do Homem, mas sim que há 14 complexos em que ela aparece pelo menos uma vez. Há um único caso em que a expressão Filho do Homem apresenta um testemunho independente múltiplo; trata-se de 101. *As raposas têm tocas* [1/2], em que Filho do Homem ocorre em duas fontes independentes. No que diz respeito à expressão Filho do Homem, então, a equação numérica é 40:1+39.

A. Sentenças sobre o Filho do Homem Apocalíptico [18:6+12]

Primeiro Estrato [9:5+4]

[1] 2. *A volta apocalíptica de Jesus* [1/6], mas Filho do Homem aparece apenas em Mc; [2] 28. *Diante dos anjos* [1/4], mas Filho do Homem aparece apenas em Mc; [3] 12. *Conhecendo o perigo* [1/4], mas Filho do Homem aparece apenas em Q; [4] 30. *Revelação a Tiago* [1/3], mas Filho do Homem aparece apenas no Ev. Eb.; [5] 122. *Pedido de um sinal* [1/2], mas Filho do Homem aparece apenas em Q; [6] 179. *Sobre doze tronos* [1/1]; [7] 174. *Como um raio* [1/1]; [8] 175. *Como Noé* [1/1]; [9] 176. *Como Ló* [1/1].

Segundo Estrato [3:1+2]

[1] 188. *A hora imprevisível* [2/4], mas Filho do Homem aparece apenas

em Lc; [2] 243. Alguns presentes aqui [2/1]; [3] 270. A pergunta do sacerdote [2/1].

Terceiro Estrato [5:0+5]

[1] 411. Explicação das ervas daninhas plantadas [3/1]; [2] 405. Cidades de Israel [3/1]; [3] 425. O juízo final [3/1]; [4] 472. O dia está chegando [3/1]; [5] 473. O juiz injusto [3/1].

Quarto Estrato [1:0+1]

[1] 490. Os céus se abriram [4/1].

B. Sentenças sobre o Filho do Homem Terreno [10:8+2]

Primeiro Estrato [5:4+1]

[1] 101. As raposas têm tocas [1/2], sendo que Filho do Homem aparece nas duas fontes; [2] 23. Todos os pecados serão perdoados [1/4], mas Filho do Homem aparece apenas em Q; [3] 73. Quem é Jesus? [1/2], mas Filho do Homem aparece apenas em Mt 16,13-20; [4] 48. Bem-aventurados os perseguidos [1/3], mas Filho do Homem aparece apenas em Lc 6,22-23; [5] 144. Sabedoria justificada [1/1], mas Filho do Homem aparece apenas em Q.

Segundo Estrato [4:3+1]

[1] 187. Os virtuosos e os pecadores [2/4], mas Filho do Homem aparece apenas em Lc 19,10; [2] 191. O líder como um servidor [2/3], mas Filho do Homem aparece apenas em Mc; [3] 127. Doença e pecado [2/2], mas Filho do Homem aparece apenas em Mc; [4] 220. O Senhor e o sabá [2/1].

Terceiro Estrato [1:1+0]

[1] 386. Ver para crer [3/2], mas Filho do Homem aparece apenas em Ap. Tg. 3,3-5.

C. Sentenças sobre a Ascensão do Filho do Homem Sofredor [2:0+2]

Segundo Estrato [2:0+2]

[1] 240. Profecia da paixão-ressurreição [2/1], mas Filho do Homem aparece apenas em Mc; [2] 269. Jesus é preso [2/1], mas Filho do Homem aparece apenas em Lc 22,47.

D. Sentenças de João sobre o Filho do Homem [10:0+10]

Segundo Estrato [10:0+10]

[1] 486. Jesus e Natanael [2/1]; [2] 350. Jesus a Nicodemos [2/1]; [3] 352. Sobre o Pai [2/1]; [4] 353. O pão da vida [2/1]; [5] 354. Disputa sobre Jesus [2/1]; [6] 355. Jesus nos tabernáculos [2/1]; [7] 356. Cegueira e visão [2/1]; [8] 361. Hora da glória [2/1]; [9] 362. Profecia da descrença [2/1]; [10] 363. O discurso de Jesus na ceia [2/1].

Apêndice 5

Inventário das Sentenças sobre o Reino [77:33+44]

É preciso ler este inventário com o mesmo cuidado que a lista das sentenças sobre o Filho do Homem, e pelo mesmo motivo. Além disso, ele é bem mais complicado. O inventário geral A apresenta todos os complexos em que o termo Reino aparece em pelo menos uma unidade de uma fonte. Indicarei em cada caso qual fonte ou texto contém a expressão. Quando não aparece uma anotação deste tipo, isso significa que ela surge em todos os textos de uma determinada fonte. No entanto, foi preciso organizar um inventário especial (B), para listar os exemplos em que a expressão Reino aparece em mais de uma fonte independente em cada complexo. Assim, enquanto a equação numérica para os complexos que apresentam o termo Reino em algum ponto de seus textos é 77:33+44, a equação para aqueles em que Reino aparece em pelo menos duas fontes independentes é 77:12+65.

A. Inventário Geral dos Ditos sobre o Reino [77:33+44]

Primeiro Estrato [43:28+15]

[1] 1. *Missão e mensagem* [1/7], mas Reino aparece apenas em Q e, talvez, na fonte de Marcos; compare Mc 6,12 com 1,15, e veja Lc 9,2; [2] 3. *Pão e peixe* [1/6], mas Reino aparece apenas em Lc 9,11; [3] 5. *A crucificação de Jesus* [1/5], mas Reino aparece apenas em Lc; [4] 8. *Onde e quando* [1/5], mas Reino aparece em apenas duas fontes: 1a, 1c, 5; [5] 16. *A ceia e a eucaristia* [1/4], mas Reino aparece apenas em Mc; [6] 13. *Dois em um* [1/4], mas Reino aparece em apenas duas fontes: 1, 3; [7] 20. *O Reino e as crianças* [1/4], em que Reino aparece nas quatro fontes; [8] 26. *A concepção virginal de Jesus* [1/4], mas Reino aparece apenas em Lc; [9] 35. *As sementes de mostarda* [1/3], em que Reino aparece nas três fontes; [10] 46. *Os arrendatários* [1/3], mas Reino aparece apenas em Mt; [11] 43. *Bem-aventurados os pobres* [1/3], em que Reino aparece nas três fontes; [12] 48. *Bem-aventurados os perseguidos* [1/3], mas Reino aparece apenas em Mt 5,10; [13] 120. *O Pai nosso*

[1/2], em que Reino aparece nas duas fontes: 1a, 2; [14] 70. *Enterro de Jesus* [1/2], mas Reino aparece apenas em Mc; [15] 111. *Invocação sem obediência* [1/2], mas Reino aparece apenas em Mt; [16] 71. *A rede* [1/2], mas Reino aparece apenas em Mt; [17] 73. *Quem é Jesus?* [1/2], mas Reino aparece apenas em Mt; [18] 75. *A hora da colheita* [1/2], mas Reino aparece apenas em Mc; [19] 82. *Contra a ansiedade* [1/2], mas Reino aparece apenas em Q; [20] 84. *Os que atrapalham os outros* [1/2], mas Reino aparece apenas em Mt; [21] 85. *Maior do que João* [1/2], em que Reino aparece nas duas fontes; [22] 90. *As ervas daninhas plantadas* [1/2], em que Reino aparece nas duas fontes; [23] 92. *Conhecer o mistério*, mas Reino aparece apenas em Mc; [24] 95. *O banquete* [1/2], mas Reino aparece apenas em Q; [25] 98. *A pérola* [1/2], em que Reino aparece nas duas fontes; [26] 104. *O fermento* [1/2], em que Reino aparece nas duas fontes; [27] 105. *A verdadeira família de Jesus* [1/2], mas Reino aparece apenas em Ev. Tomé 99; [28] 108. *O tesouro* [1/2], em que Reino aparece nas duas fontes; [29] 291. *Jejum e sabá* [1/1]; [30] 299. *Os solitários e os eleitos* [1/1]; [31] 313. *Perto do fogo* [1/1]; [32] 320. *O jarro vazio* [1/1]; [33] 321. *O assassino* [1/1]; [34] 327. *Pedro e Maria* [1/1]; [35] 145. *Deixa os mortos* [1/1], mas Reino aparece apenas em Lc; [36] 146. *Olhando para trás* [1/1]; [37] 150. *Por cujo poder* [1/1]; [38] 164. *A porta fechada* [1/1], mas Reino aparece apenas em Mt; [39] 166. *Patriarcas e gentios* [1/1]; [40] 168. *O Reino e a violência* [1/1]; [41] 178. *O dinheiro confiado* [1/1], mas Reino aparece apenas em Lc; [42] 179. *Sobre doze tronos* [1/1], mas Reino aparece apenas em Lc; [43] 180. *A pergunta de Pilatos* [1/1], mas Reino aparece apenas em Jo.

Segundo Estrato [14:5+9]

[1] 191. *O líder como um servidor* [2/3], mas Reino aparece apenas em Mt; [2] 64. *Os últimos dias* [2/3], mas Reino aparece apenas em Mt 24,14 e Lc 21,31; [3] 199. *O Reino e os ricos* [2/2], em que Reino aparece nas duas fontes; [4] 200. *Cem vezes mais como recompensa* [2/2], mas Reino aparece apenas em Lc; [5] 201. *O principal mandamento* [2/2], mas Reino aparece apenas em Mc; [6] 214. *Reino e arrependimento* [2/1], mas Reino aparece apenas em Mc e Mt; [7] 218. *Para outros lugares* [2/1], mas Reino aparece apenas em Mt e Lc; [8] 225. *Interpretação da parábola do semeador* [2/1], mas Reino aparece apenas em Mt; [9] 230. *Entre as aldeias* [2/1], mas Reino aparece apenas em Mt e Lc; [10] 243. *Alguns presentes aqui* [2/1], em que Reino aparece em todos os textos de Mc; [11] 248. *Mão, pé e olho* [2/1], mas Reino aparece apenas em Mc; [12] 254. *O batismo de Jesus* [2/1], mas Reino aparece apenas em Mt; [13] 257. *Entrada em Jerusalém* [2/1], mas Reino aparece apenas em Mc; [14] 265. *Ainda nesta geração* [2/1], mas Reino aparece apenas em Lc.

Terceiro Estrato [10:0+10]

[1] 393. *O menor mandamento* [3/1]; [2] 394. *Uma virtude maior* [3/1]; [3] 411. *Explicação das ervas daninhas plantadas* [3/1]; [4] 426. *O escriba do Reino* [3/1]; [5] 418. *O servo impiedoso* [3/1]; [6] 427. *O Reino e os eunucos* [3/1]; [7] 419. *Os trabalhadores da vinha* [3/1]; [8] 428. *Os dois filhos* [3/1]; [9] 425. *O juízo final* [3/1]; [10] 451. *O pequeno rebanho* [3/1].

Quarto Estrato [10:0+10]

[1] 491. *O Reino e a completude* [4/1]; [2] 492. *Tornai-vos completos* [4/1]; [3] 493. *O Reino e a cruz* [4/1]; [4] 497. *O broto de palmeira* [4/1]; [5] 499. *O grão de trigo* [4/1]; [6] 502. *É mais fácil* [4/1]; [7] 509. *Poucos nos céus* [4/1]; [8] 510. *Espiga de grãos* [4/1]; [9] 514. *O Reino se torna um deserto* [4/1]; [10] 516. *O Reino e a vida* [4/1].

B. Inventário Especial das Sentenças sobre o Reino

Este inventário lista apenas os doze complexos onde pelo menos duas fontes independentes contêm a expressão Reino. Isso é indicado pelo código numérico $[x/y = z]$ colocado depois do título do complexo, onde x indica o estrato, y é o número de testemunhos da sentença e z é o número de testemunhos em que aparece a expressão Reino. Os complexos são apresentados de acordo com a frequência deste termo. Um asterisco indica a fonte ou unidade onde surge a palavra Reino e os colchetes mostram qual expressão é empregada para se falar do Reino: R = Reino, RD = Reino de Deus, RP = Reino do Pai e RC = Reino dos Céus.

Primeiro Estrato [11]

[1] 20. *O Reino e as crianças* $[1/4 = 4]$: *(1) Ev. Tomé 22,1-2[R]; *(2) Mc 10,13-16 [RD] = Mt 19,13-15 [RC] = Lc 18,15-17 [RD]; *(3) Mt 18,3 [RC]; *(4) Jo 3,1-10 [RD].

[2] 35. *As sementes de mostarda* $[1/3 = 3]$: *(1) Ev. Tomé 20,1-2 [RD]; (2) 1ou2?Q: Lc 13,18-19 [RD] = Mt 13,31-32 [KC]; (3) Mc 4,30-32 [RD] = Mt 13,31-32 [RC].

[3] 43. *Bem-aventurados os pobres* $[1/3 = 3]$: *(1) Ev. Tomé 54 [RC]; *(2a) 1Q: Lc 6,20 [RD] = Mt 5,3 [RC]; *(2b) Pol. Fil. 2,3e [RD]; *(3) Tg 2,5 [R].

[4] 8. *Onde e quando* $[1/5 = 2]$: *(1a) Ev. Tomé 3,1 [R] & P. Oxy. 654.3,1 [R(D?)/(C?)]; (1b) Ev. Tomé 51 [-]; *(1c) Ev. Tomé 113 [RP]; (2) 2Q: Lc 17,23 [-] = Mt 24,26 [-]; (3) Mc 13,21-23 [-] = Mt 24,23-25 [-]; (4?) Dial. Sal. 16 [-]; *(5) Lc 17,20-21 [RD].

[5] 13. *Dois em um* $[1/4 = 2]$: (1a) Gl 3,27-28; (1b) 1Cor 12,13; (1c) Cl 3,10-11; *(2) Ev. Tomé 22,3-4 [R]; (3) Ev. Eg. 5b [-]; *(4) 2Clem. 12,1-6 [RD, seu R, R de meu P].

[6] 120. *O Pai nosso* [1/2 = 2]: *(1a) 1Q: Lc 11,(1)2-4 [RP] = (!) Mt 6,9-13 [RP]; (1b) Ev. Naz. 5 [-]; (1c) Pol. Fil. 7,2a [-]; *(2) Did. 8,2b [RP].

[7] 85. *Maior do que João* [1/2 = 2]: *(1) Ev. Tomé 46 [R]; *(2) 2Q: Lc 7,28 [RD] = Mt 11,11 [RC].

[8] 90. *As ervas daninhas plantadas* [1/2 = 2]: *(1) Ev. Tomé 57 [RP]; *(2) Mt 13,24-30 [RC].

[9] 98. *A pérola* [1/2 = 2]: *(1) Ev. Tomé 76,1 [RP]; *(2) Mt 13,45-46 [RC].

[10] 104. *O fermento* [1/2 = 2]: *(1) Ev. Tomé 96,1 [RP]; *(2) 1ou2?Q: Lc 13,20-21 [RD] = Mt 13,33 [RD].

[11] 108. *O tesouro* [1/2 = 2]: *(1) Ev. Tomé 109 [R]; *(2) Mt 13,44 [RC].

Segundo Estrato [1]

[1] 199. *O Reino e os ricos* [2/2 = 2]: *(1a) Mc 10,23-27 [RD] = Mt 19,23-26 [RC/RD] = Lc 18,24-27 [RD], *(1b) Ev. Naz. 16b [RC], *(2) Herm. Sim. 9.20,1-4 [RD].

C. Inventário de Outros Textos sobre o Reino

(1) Atos dos Apóstolos: 1,3, 6; 8,12; 14,22; 19,8; 20,25; 28,23, 31; (2) Paulo: 1Ts 2,12; Gl 5,21; 1Cor 4,20; 6,9-10; 15,24, 50; Rm 14,17; (3) Pseudo-Paulo: 2Ts 1,5; Ef 5,5(!); Cl 1,13(!); 2Tm 4,1, 18; (4) Outros textos do Novo Testamento: Hb 2,8; 11,23; 12,28; Tg 2,5; 2Pd 1,11(!); Ap 1,6, 9; 5,10; 11,15(!); 12,10; (5) Padres da Igreja: 1Clem. 42,3; 50,3; 2Clem. 9,6; In. Fil. 3,3 [de 1Cor 6,9-10]; Pol. Fil. 5,3 [de 1Cor 6,9-10]; Bar. 4,13; Herm. Sim. 9.15,3; 9.29,2.

Apêndice 6

Inventário dos Milagres de Jesus [32:9+23]

Primeiro Estrato [9:8+1]

[1] 3. Pão e peixe [1/6]; [2] 110. Cura de um leproso [1/2]; [3] 119. Cura de um menino distante [1/2]; [4] 121. A controvérsia sobre Beelzebu [1/2]; [5] 127. Doença e pecado [2/2]; [6] 128. Andando sobre a água [1/2]; [7] 129. Cura de um cego [1/2]; [8] 130. Ressurreição de um morto [1/2]; [9] 184. A transfiguração de Jesus [1/1].

Segundo Estrato [19:1+18]

[1] 190. Pescadores de homens [2/3]; [2] 215. Na sinagoga de Cafarnaum [2/1]; [3] 216. A sogra de Simão [2/1]; [4] 217. Curas e exorcismos [2/1]; [5] 221. A mão e o sabá [2/1]; [6] 222. As multidões são curadas [2/1]; [7] 223. Os demônios são silenciados [2/1]; [8] 228. O endemoninhado geraseno [2/1]; [9] 229. Cura de duas mulheres [2/1]; [10] 231. O que Herodes disse de Jesus [2/1]; [11] 233. Curas em Genesaré [2/1]; [12] 237. Cura de uma menina distante [2/1]; [13] 238. Cura de um surdo-mudo [2/1]; [14] 245. Cura de um menino possuído [2/1]; [15] 246. Um estranho que faz exorcismos [2/1]; [16] 256. Cura de Bartimeu [2/1]; [17] 260. A figueira amaldiçoada [2/1]; [18] 269. Jesus é preso [2/1]; [19] 349. Água em vinho [2/1].

Terceiro Estrato [4:0+4]

[1] 429. A taxa do Templo [3/1]; [2] 442. O filho da viúva é ressuscitado [3/1]; [3] 455. O aleijado e o sabá [3/1]; [4] 458. O hidrópico e o sabá [3/1].

Apêndice 7

Estratos do Evangelho de Pedro

Podem-se distinguir três estratos no *Evangelho de Pedro* (Crossan 1988a). Os seus títulos e conteúdos são apresentados na tabela a seguir:

<i>Estrato Original</i>	<i>Estrato Redacional</i>	<i>Estrato Intracanonico</i>
(1a) Crucificação e Deposição (1,1-2 & 2,5b-6,22)	(2a) Pedido de Enterro (2,3-5a) = Preparação para 3a	(3a) José e o Enterro (6,23-24)
(b) Túmulo e Guardas (7,25 & 8,28-9,34)	(2b) Chegada do Jovem (11,43-44) = Preparação para 3b	(3b) As Mulheres e o Jovem (12,50-13,57)
(1c) Ressurreição e Confissão (9,35-10,42 & 11,45-49)	(2c) Ação dos Discípulos (7,26-27 & 14,58-59) = Preparação para 3c	(3c) Os Discípulos e a Aparição (14,60...)

Apresento a seguir o texto do *Evangelho de Pedro* (NTA 1.183-187; Cameron 1982, 78-82). Os diferentes estratos, com os seus respectivos subtítulos, serão indicados da seguinte maneira: o estrato original, ou Evangelho da Cruz (1abc), está impresso em tipos normais; o estrato redacional, ou conectivo (2abc), está em negrito; o estrato intracanonico (3abc) está em negrito e itálico.

(1a) *Crucificação e Deposição [iniciado]*

[1,1] Mas nenhum dos judeus lavou as mãos, nem Herodes, nem nenhum de seus juizes. E como não queriam lavar as mãos, Pilatos se levantou. [1,2] Então o rei Herodes ordenou que o Senhor fosse levado embora, e disse: "O que ordenei que fizésseis a ele, fazei".

(2a) **Pedido de Enterro**

[2,3] Lá estava José, amigo de Pilatos e do Senhor, e, sabendo que esta-

vam para crucificá-lo, foi a Pilatos e suplicou que lhe fosse entregue o corpo para ser enterrado. [2,4] Então Pilatos foi até Herodes e pediu-lhe o corpo. [2,5a] E Herodes disse: "Irmão Pilatos, ainda que ninguém tivesse reclamado o corpo, teríamos que enterrá-lo, pois o sabá se aproxima. Porque está escrito na lei: o sol não deve se pôr sobre alguém que foi condenado à morte".

(1a) Crucificação e Deposição [completo]

[2,5b] E ele o entregou ao povo na véspera do pão ázimo, a sua festa. [3,6] Então pegaram o Senhor e o empurraram com pressa, dizendo: "Saude-mos o Filho de Deus agora que temos poder sobre ele". [3,7] E vestiram-no com uma túnica púrpura, sentaram-no na cadeira de juiz e disseram: "Julgue com justiça, ô Rei de Israel!" [3,8] E um deles trouxe uma coroa de espinhos e a colocou na cabeça do Senhor. [3,9] Outros que estavam lá cuspiram em seu rosto, e outros ainda esbofetearam-no, cutucaram-no com uma vara e alguns ridicularizaram-no, dizendo: "Com tamanha honra, saudemos o Filho de Deus". [4,10] Então trouxeram dois malfeitores e o crucificaram no meio deles. Mas ele ficou em paz, pois não sentia nenhuma dor. [4,11] Depois de prepararem a cruz, escreveram sobre ela: este é o rei de Israel. [4,12] Depois tiraram-lhe as roupas, colocaram-nas diante dele e as dividiram entre si através do sorteio. [4,13] Mas um dos malfeitores os repreendeu, dizendo: "Encontramos o sofrimento por causa dos atos perversos que cometemos, mas este homem, que se tornou o salvador dos homens, que mal ele vos fez"? [4,14] Então ficaram zangados com ele e ordenaram que as suas pernas não fossem quebradas, para que morresse em grandes tormentos. [5,15] Agora era meio-dia e uma escuridão cobriu toda a Judéia. E eles ficaram ansiosos e preocupados, com medo de que o sol já tivesse se posto, pois ele ainda estava vivo. <Porque> foi escrito para eles: o sol não deve se pôr sobre alguém que foi condenado à morte. [5,16] E um deles disse: "Dai fel e vinagre para ele beber". Fizeram a mistura e lhe deram para beber. [5,17] Então cumpriram todas as coisas e completaram a medida de pecado que pesava sobre os seus ombros. [5,18] E muitos saíram carregando lâmpadas <e> por pensarem que era noite, foram dormir (ou: tropeçaram). [5,19] Então o Senhor gritou: "Meu poder, Ó poder, tu me abandonaste"! Depois de dizer isso, foi arrebatado. [5,20] Na mesma hora, o véu do templo de Jerusalém se rasgou ao meio. [6,21] E então os judeus retiraram os pregos das mãos do Senhor e o deitaram no chão. A terra toda tremeu e houve um grande medo. [6,22] Então o sol brilhou <novamente> e viram que era a nona hora.

(3a) José e o Enterro

[6,23] E os judeus se alegraram e entregaram o corpo a José para que pudesse enterrá-lo, pois tinha visto o bem que ele (Jesus) fizera.

[6,24] Então ele tomou o Senhor, lavou-o, cobriu-o de linho e levou-o para o seu próprio sepulcro, que se chamava o Jardim de José.

(1b) Túmulo e Guardas [iniciado]

[7,25] Então os judeus, os anciãos e os sacerdotes, percebendo o mal que haviam feito contra si mesmos, começaram a se lamentar e a dizer: "Ai de nós pelos nossos pecados, o julgamento e o fim de Jerusalém estão próximos".

(2c) Ação dos Discípulos [iniciado]

[7,26] Mas chorei com meus amigos e, com o coração ferido, nós nos escondemos, pois éramos perseguidos por eles como malfeitores e pessoas que desejavam incendiar o templo. [7,27] Por causa destas coisas, fizemos jejum, lamentando e chorando noite e dia, até o sabá.

(1b) Túmulo e Guardas

[8,28] Mas os escribas, os fariseus e os anciãos estavam reunidos e ouviam todas as pessoas murmurarem e baterem no peito, dizendo "Se estes sinais extraordinários ocorreram na sua morte, então vede como ele era virtuoso"! [8,29] Os anciãos ficaram com medo e foram até Pilatos, implorando e dizendo: [8,30] "Dá-nos alguns soldados para que possamos vigiar o seu sepulcro por três dias, a fim de que os seus discípulos não venham roubar o seu corpo e depois as pessoas pensem que ele ressuscitou dos mortos, fazendo-nos mal". [8,31] Então Pilatos cedeu-lhes o centurião Petrônio, com alguns soldados, para vigiar o sepulcro. [8,32] Os anciãos e os escribas foram com eles até o sepulcro. E todos os que estavam lá, junto com o centurião e os soldados, rolaram uma grande pedra, colocaram-na na entrada do sepulcro [8,33] e a lacraram com sete selos; depois armaram uma tenda e ficaram de vigília. [9,34] De manhã cedo, quando amanheceu o sabá, veio uma multidão de Jerusalém e de todo o campo em volta para ver o sepulcro que tinha sido selado.

(1c) Ressurreição e Confissão [iniciado]

[9,35] Na noite em que amanheceu o dia do Senhor, quando os soldados, dois a dois em cada guarda, estavam de vigia, uma voz muito alta trovejou nos céus; [9,36] então viram os céus se abrirem e dois homens descerem numa grande claridade, aproximando-se do sepulcro. [9,37] A pedra que fora colocada na entrada do sepulcro começou a rolar sozinha, revelando

uma passagem no lado; quando o sepulcro estava aberto, os dois jovens entraram. [10,38] Quando os soldados viram isso, despertaram o centurião e os anciãos — pois eles também estavam lá para assistir à vigília. [10,39] Enquanto estavam contando o que tinham visto, viram novamente três homens saírem do sepulcro, dois deles sustentando o terceiro, seguidos de uma cruz. [10,40] A cabeça dos dois atingia os céus, mas a cabeça daquele que conduziam pela mão ultrapassava os céus. [10,41] E ouviram uma voz gritando dos céus: "Pregaste para aqueles que dormem", [10,42] e da cruz veio a resposta, "Sim".

(2b) A Chegada do Jovem

[11,43] Aqueles homens, então, parlamentararam entre si para ir relatar isso a Pilatos. [11,44] Enquanto ainda estavam debatendo, os céus se abriram mais uma vez, e um homem desceu e entrou no sepulcro.

(1c) Ressurreição e Confissão [completo]

[11,45] Quando aqueles que estavam na companhia do centurião viram isso, foram correndo à noite falar com Pilatos, abandonando o sepulcro que estavam guardando; relataram o que tinham visto, pois estavam cheios de inquietude, dizendo: "Em verdade ele era o Filho de Deus". [11,46] Pilatos respondeu e disse: "Não estou manchado com o sangue do Filho de Deus, fostes vós que decidistes tal coisa". [11,47] Então todos foram até ele, implorando e suplicando para que ordenasse ao centurião e aos soldados que não contassem a ninguém o que tinham visto. "Pois será melhor para nós", disseram, "tornar-nos culpados do maior pecado diante de Deus, do que cair nas mãos do povo dos judeus e sermos apedrejados". Pilatos, então, ordenou ao centurião e aos soldados que não contassem nada.

(3b) As Mulheres e o Jovem

[12,50] Bem cedo, na manhã do dia do Senhor, Maria Madalena, uma discípula do Senhor — com medo dos judeus, que estavam inflamados de raiva, ela não tinha feito diante do sepulcro aquilo que as mulheres costumam fazer quando um ente querido morre — levou [12,51] com ela as suas amigas e foi até o sepulcro onde ele estava enterrado. [12,52] Tinham medo que os judeus as vissem e disseram: "Apesar de não termos podido chorar e lamentar no dia em que ele foi crucificado, façamos isso agora, no seu sepulcro. [12,53] Mas quem afastará para nós a pedra que está colocada na entrada do sepulcro, para que possamos entrar, sentar-nos ao seu lado e fazer o que é preciso? — [12,54] pois a pedra era grande — e temos medo que

alguém nos veja. Se não pudermos fazer isso, pelo menos deixaremos na entrada o que trouxemos para celebrar a sua memória; choraremos e nos lamentaremos até voltarmos para casa". [13,55] Foram e encontraram o sepulcro aberto. Então se aproximaram, abaixaram-se e viram um jovem sentado no meio do sepulcro, belo e vestindo uma túnica ofuscante, que lhes disse: [13,56] "O que viestes fazer aqui? Quem procurais? Aquele que foi crucificado? Ele se ergueu e partiu. Mas se não acreditais, vinde até aqui e contemplai o lugar onde estava deitado, pois ele não está mais aqui. Ele ressuscitou e voltou para o lugar de onde foi enviado". [13,57]. Então as mulheres fugiram, cheias de medo.

(2c) Ação dos Discípulos

[14,58] Era o último dia do pão ázimo e muitos partiram, de volta para as suas casas, pois a festa estava no fim. [14,59] Mas nós, os doze discípulos do Senhor, choramos e nos lamentamos, e cada um, cheio de pesar pelo que havia acontecido, foi à sua casa.

(3c) Os Discípulos e a Aparição

[14,60] Mas eu, Simão Pedro, e meu irmão, André, pegamos nossas redes e fomos para o mar. Conosco estava Levi, filho de Alfeu, que o senhor...

Bibliografia

Abreviaturas

AAA = American Anthropological Association; **AnBib** = *Analecta Biblica*; **ANF** = *The Ante-Nicene Fathers* (Roberts et al.); **ANRW** = *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* (Temporini & Haase); **APOT** = *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament* (Charles); **ARA** = *Annual Review of Anthropology*; **BA** = *Biblical Archaeologist*; **BAR** = *Biblical Archeology Review*; **BASOR** = *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*; **BETL** = *Bibliotheca Ephemeridum Theologicarum Lovaniensium*; **BZNW** = *Beihefte zur ZNW*; **CA** = *Current Anthropology*; **CAH** = *The Cambridge Ancient History* (Cook et al.); **CBQ** = *Catholic Biblical Quarterly*; **CRINT** = *Compendia Rerum Iudaicarum ad Novum Testamentum* (Safrai & Stone); **ETL** = *Ephemerides Theologicae Lovanienses*; **HR** = *History of Religions*; **HTR** = *Harvard Theological Review*; **HTS** = *Harvard Theological Studies*; **IEJ** = *Israel Exploration Journal*; **JA** = *Jewish Antiquities*, de Josefo (Thackeray); **JAAR** = *Journal of the American Academy of Religion*; **JBL** = *Journal of Biblical Literature*; **JJS** = *Journal of Jewish Studies*; **JR** = *Journal of Religion*; **JSJ** = *Journal for the Study of Judaism*; **JSNT** = *Journal for the Study of the New Testament*; **JSS** = *Journal of Semitic Studies*; **JSSR** = *Journal for the Scientific Study of Religion*; **JW** = *Jewish War*, de Josefo (Thackeray); **LCL** = *Loeb Classical Library*; **NMS** = *Nag Hammadi Studies*; **NT** = *Novum Testamentum*; **NTA** = *New Testament Apocrypha* (Hennecke, Schneemelcher, & Wilson); **NTS** = *New Testament Studies*; **OTP** = *The Old Testament Pseudepigrapha* (Charlesworth); **PEQ** = *Palestine Exploration Quarterly*; **P.Oxy** = *Oxyrhynchus Papyri*; **SBL** = *Society of Biblical Literature*; **SBLDS** = *SBL Dissertation Series*; **SBLMS** = *SBL Monograph Series*; **SBLRBS** = *SBL Resources for Biblical Study*; **SBLSBS** = *SBL Sources for Biblical Studies*; **SBLSCS** = *SBL Septuagint and Cognate Studies*; **SBLSP** = *SBL Seminar Papers*; **SBLTT** = *SBL Texts and Translations*; **SBT** = *Studies in Biblical Theology*; **SC** = *The Second Century*; **SNTSMS** = *Society for New Testament Studies Monograph Series*; **SSM** = *Social Science and Medicine*; **TS** = *Theological Studies*; **TU** = *Texte und Untersuchungen zur Geschichte der altchristlichen Literatur*; **ZkT** = *Zeitschrift für katholische Theologie*; **ZNW** = *Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft*; **ZTK** = *Zeitschrift für Theologie und Kirche*.

Achtmemeier, Paul J. "Toward the Isolation of Pre-Markan Miracle Catenae". *JBL* 89,265-291. 1970.

———. "The Origin and Function of the Pre-Markan Miracle Catenae". *JBL* 91,198-221. 1972.

Aland, Kurt, et al. *The Greek New Testament*. 3^a ed., New York, United Bible Societies.

Allegro, John. "Further Messianic References in Qumran Literature". *JBL* 75,182-187. 1956.

- . "Fragments of a Qumran Scroll of Eschatological Midrasim". *JBL* 77,350-354. 1958.
- Attridge, Harold W. "The Gospel According to Thomas: Appendix: The Greek Fragments". In *Nag Hammadi Codex II,2-7*. 2 vols. Editado por Bentley Layton, vol. 1, pp. 96-128. Nag Hammadi Studies 20-21. The Coptic Gnostic Library. Leiden, Brill, 1989.
- Aune, David E. "Magic in Early Christianity". *ANRW* 2.23.1507-1557. 1980.
- Avi-Yonah, M. "The Caesarea Inscription of the Twenty-four Priestly Courses". In *The Teacher's Yoke: Studies in Memory of Henry Trantham*, editado por E. Jerry Vardaman e James Leo Garrett, Jr., pp. 46-57. Waco, Baylor Univ. Press, 1964.
- Bagatti, Bellarmino. *Excavations in Nazareth*. Vol. 1, *From the Beginning till the XII Century*, traduzido por E. Hoade. Publicações do Studium Biblicum Franciscanum 17. Jerusalém, Franciscan Printing Press, 1969.
- Bailey, D. R. Shackleton. *Cicero*. New York, Scribner's, 1971.
- Barb, A. A. "The Survival of the Magic Arts". In *The Conflict Between Paganism and Christianity in the Fourth Century*, editado por Arnaldo Momigliano, pp. 100-125. Oxford-Warburg Studies. Oxford, Clarendon Press, 1963.
- Barnett, P. W. "The Jewish Sign Prophets — A.D. 40-70: Their Intentions and Origin". *NTS* 27,679-697. 1980-81.
- Basore, J. W., Gummere, R. M. Corcoran, T. H. e Miller, F. J., trad. *Seneca*. 10 vols. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1917-72.
- Bell, H. Idris, e Skeat, T. C. *Fragments of an Unknown Gospel and Other Early Christian Papyri*. Londres, Oxford Univ. Press, 1935a.
- . *The New Gospel Fragments*. Londres, Oxford Univ. Press, 1935b.
- Berman, Dennis. "Hasidim in Rabbinic Traditions". In *SBLSP 1979*, 2 vols., editado por Paul J. Achtemeier, vol. 2, pp. 15-33. SBLSP 17. Missoula, Scholars Press, 1979.
- Betz, Hans Dieter, ed. *The Greek Magical Papyri in Translation, Including the Demotic Spells*. Chicago e Londres, Univ. of Chicago Press, 1986.
- Bickell, Gustav. "Ein Papyrusfragment eines nichtkanonischen Evangeliums". *ZkT* 9,498-504. 1885.
- . "Zu dem Papyrusevangelium". *ZkT* 10,208-209. 1886.
- . "Das nichtkanonische Evangelienfragment". In *Mittheilungen aus der Sammlung der Papyrus Erzherzog Rainer*, editado por Joseph Karabacek, vol. 1, nos. 3-4, pp. 53-61. Viena, Verlag der k. k. Hof- und Staatsdruckerei, 1887. = *Papyrology on Microfiche*, série 2, vol. 40, no. 1. Missoula, Scholars Press (para a Sociedade Americana de Papirologistas).
- Blok, Anton. "The Peasant and the Brigand: Social Banditry Reconsidered". *Comparative Studies in Society and History* 14,494-503. 1972.
- Boissevain, Jeremy. 1969. "Patrons as Brokers". *Sociologische Gids* 16,379-86.
- . *Friends of Friends: Networks, Manipulators and Coalitions*. New York, St. Martin's Press, 1974.
- Boissevain, Jeremy, et al. "Toward an Anthropology of the Mediterranean". *CA* 20,81-93. 1979.
- Bokser, Baruch M. "Wonder-Working and the Rabbinic Tradition: The Case of Hama ben Dosa". *JSJ* 16,42-92. 1985.
- Borg, Marcus J. *Conflict, Holiness and Politics in the Teachings of Jesus*. Studies in the

- Bible and Early Christianity 5. New York e Toronto, Edwin Mellen Press, 1984.
- _____. "A Temperate Case for a Non-eschatological Jesus". *Forum* 2/3, 81-102. 1986.
- Bourguignon, Erika. *Possession*. Chandler and Sharp Series in Cross-cultural Themes. São Francisco, Chandler and Sharp, 1976.
- Bovon, François. "The Synoptic Gospels and the Noncanonical Acts of the Apostles". *HTR* 81, 19-36. 1988.
- Brandon, S. G. F. *Jesus and the Zealots: A Study of the Political Factor in Primitive Christianity*. New York, Scribner's, 1967.
- Braudel, Fernand. *The Mediterranean and the Mediterranean World in the Age of Philip II*. 2 vols. Traduzido por Siân Reynolds. New York, Harper & Row, 1972.
- Brinton, Crane. *The Anatomy of Revolution*, 1938.
- Broshi, Magen. "The Role of the Temple in the Herodian Economy". *JJS* 38, 31-37. 1987.
- Brown, Peter R. L. Resposta a "The Problem of Miraculous Feedings in the Graeco-Roman World", de Robert M. Grant. In *Protocol of the Forty-second Colloquy* (14 de março, 1982), pp. 16-24. Berkeley, Center for Hermeneutical Studies in Hellenistic and Modern Culture, The Graduate Theological Union and the Univ. of California, 1982.
- Brown, Raymond E. *The Gospel According to John: I-XII and XIII-XXI*. 2 vols., com uma paginação contínua. Garden City, Doubleday, 1966-70.
- _____. "The Relation of 'The Secret Gospel of Mark' to the Fourth Gospel". *CBQ* 36, 466-485, 1974.
- _____. *The Community of the Beloved Disciple*. New York, Paulist Press, 1979.
- Brunt, Peter A. "Josephus on Social Conflicts in Roman Judaea". *Klio* 59, 149-153. 1977.
- Büchler, A. *Types of Jewish-Palestinian Piety from 70 B.C.E.-70 C.E.: The Ancient Pious Man*. New York, Ktav, 1968. (Primeira edição de 1922.)
- Bynum, Caroline Walker. *Jesus as Mother: Studies in the Spirituality of the High Middle Ages*. Publicações do Centro de Estudos Medievais e Renascentistas, UCLA, 16. Berkeley e Los Angeles, Univ. of California Press, 1982.
- _____. *Holy Feast and Holy Fast: The Religious Significance of Food to Medieval Women*. Berkeley e Los Angeles, Univ. of California Press, 1987.
- Cameron, Ronald D. *The Other Gospels: Non-canonical Gospel Texts*. Filadélfia, Westminster Press, 1982.
- _____. *Sayings Traditions in the Apocryphon of James*. HTS 34. Filadélfia, Fortress Press, 1984.
- _____. "Seeing Is Not Believing: The History of a Beatitude in the Jesus Tradition". *Forum* 4/1, 47-57. 1988.
- Carney, Thomas F. *The Shape of the Past: Models and Antiquity*. Lawrence, Coronado Press, 1975.
- Carrier, Constance. *The Poems of Propertius*. Bloomington, Indiana Univ. Press, 1963.
- Cary, Earnest, ed. *Dio's Roman History*. 9 vols. LCL. Cambridge, Harvard Univ Press, 1905-06.
- Chadwick, Henry. *The Sentences of Sextus: A Contribution to the History of Early Christian Ethics*. Texts and Studies, nova série. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1959.

- _____. "Some Reflections on the Character and Theology of the Odes of Solomon". In *Kyriakon, Festschrift Johannes Quasten*, 2 vols., editado por Patrick Granfield e Josef A. Jungmann vol. 1, pp. 266-270. Münster, Aschendorff, 1970.
- Charles, R. H., ed. *The Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*. 2 vols. Oxford, Clarendon Press, 1913.
- Charlesworth, James H. *Jesus Within Judaism: New Light from Exciting Archeological Discoveries*. The Anchor Bible Reference Library. New York, Doubleday, 1988.
- Charlesworth, James H., ed. *The Old Testament Pseudepigrapha*. 2 vols. Garden City, Doubleday, 1983-85.
- Chilton, Bruce D. *A Galilean Rabbi and His Bible: Jesus' Use of the Interpreted Scripture of His Time*. Wilmington, Glazier, 1984.
- Cohen, Shaye J. D. *Josephus in Galilee and Rome: His Vita and Development as a Historian*. Columbia Studies in the Classical Tradition 8. Leiden, Brill, 1979.
- _____. *From the Maccabees to the Mishnah*. Library of Early Christianity. Filadélfia, Westminster Press, 1987.
- _____. "Roman Domination. The Jewish Revolt and the Destruction of the Second Temple". In *Ancient Israel: A Short History from Abraham to the Roman Destruction of the Temple*, editado por Hershel Shanks, pp. 205-235. Washington, Biblical Archeology Society, 1988.
- Cohoon, James Wilfred e Lamar Crosby, H. trad. *Dio Chrysostom*. 5 vols. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1932-51.
- Collins, John J. "The Heavenly Representative: The 'Son of Man' in the Similitudes of Enoch". In *Ideal Figures in Ancient Judaism: Profiles and Paradigms*, editado por John J. Collins e George W. E. Nickelsburg, pp. 111-133. SBLSCS 12. Chico, Scholars Press, 1980.
- _____. *Between Athens and Jerusalem: Jewish Identity in the Hellenistic Diaspora*. New York, Crossroad, 1983.
- _____. *The Apocalyptic Imagination: An Introduction to the Jewish Matrix of Christianity*. New York, Crossroad, 1984a.
- _____. *Daniel with an Introduction to Apocalyptic Literature*. Forms of the Old Testament Literature 20. Grand Rapids, Eerdmans, 1984b.
- Colson, F. H., et al. *Philo*. 12 vols. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1929-62.
- Cook, S. A., Adcock, F. E. e Charlesworth, M. P., *The Augustan Empire, BC. to A.D. 70*. Vol. 10 de CAH. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1934.
- Corbett, Philip B. *Petronius*. Twayne's World Authors Series 97. New York, Twayne Publishers, 1970.
- Cotter, Wendy J. "The Children in the Market-place". NT 24, 289-304. 1987.
- _____. "Children Sitting in the Agora: Q(Luke) 7:31-35". Forum 5/2, 63-82. 1989.
- Crossan, John Dominic. *In Parables: The Challenge of the Historical Jesus*. New York, Harper & Row, 1973.
- _____. "Empty Tomb and Absent Lord (Mark 16:1-18)". In *The Passion in Mark: Studies on Mark 14-16*, editado por Werner H. Kelber, pp. 135-152. Filadélfia, Fortress Press, 1976.
- _____. *Finding Is the First Act: Trove Folktales and Jesus' Treasure Parable*. Se-meia Supplements 9. Missoula, Scholars Press; Pittsburgh, Fortress Press, 1979.
- _____. *In Fragments: The Aphorisms of Jesus*. São Francisco, Harper & Row, 1983a.

- _____. "Kingdom and Children: A Study in the Aphoristic Tradition". *Semeia* 29, 75-95. 1983b.
- _____. *Four other Gospels: Shadows on the Contours of Canon*. Mineápolis, Winston Press, Seabury Books, 1985.
- _____. *Sayings Parallels: A Workbook for the Jesus Tradition*. Foundations and Facets. Filadélfia, Fortress Press, 1986.
- _____. *The Cross That Spoke: The Origins of the Passion Narrative*. São Francisco, Harper & Row, 1988a.
- _____. "Aphorism in Discourse and Narrative". *Semeia* 43, 121-140. 1988b.
- _____. "Thoughts on Two Extracanonial Gospels". *Semeia* 49, 155-168. 1990.
- Dalton, George. "Peasantries in Anthropology and History". *CA* 13, 385-415. 1972.
- Dalton, William Joseph. *Christ's Proclamation to the Spirits: A Study of 1 Peter 3:18-4:6*. AnBib 23. Rome, Pontifical Biblical Institute, 1965.
- Dunby, H. *The Mishnah*. Londres, Oxford Univ. Press, 1967.
- Daniélou, Jean. *A History of Early Christian Doctrine Before the Council of Nicaea*. Traduzido por John Austin Baker e David Smith. 3 vols. Filadélfia, Westminster Press, 1964-77.
- Daniels, Jon B. "The Egerton Gospel: Its Place in Early Christianity". Tese de doutorado apresentada na Claremont Graduate School, sob orientação de James M. Robinson. Ann Arbor, University Microfilms International (no prelo), 1989.
- Denker, Frederick W. *Benefactor: Epigraphic Study of a Graeco-Roman and New Testament Semantic Field*. St. Louis, Clayton Publishing House, 1982.
- Davies, Stevan L. *The Gospel of Thomas and Christian Wisdom*. New York, Seabury Press, 1983.
- Davis, John. *The People of the Mediterranean: An Essay in Comparative Social Anthropology*. Library of Man. Londres, Routledge & Kegan Paul, 1977.
- Davis, W. Hersey. *Greek Papyri of the First Century*. Chicago, Ares Publishers, 1933.
- Davisson, William I., e Harper, James E., *European Economic History*. Vol. 1, *The Ancient World*. New York, Appleton-Century-Crofts, 1972.
- Ste. Croix, G. E. M. "Suffragium: From vote to Patronage". *British Journal of Sociology* 5, 33-48. 1954.
- _____. "Karl Marx and the History of Classical Antiquity". *Arethusa* 8, 7-41. 1975.
- Douglas, Mary. *Natural Symbols: Explorations in Cosmology*. New York, Random House, Pantheon Books, 1970.
- Downing, F. Gerald. "Cynics and Christians". *NTS* 30, 584-593. 1984.
- _____. *Jesus and the Threat of Freedom*. Londres, SCM Press, 1987.
- _____. *Christ and the Cynics: Jesus and Other Radical Preachers in First-Century Tradition*. JSOT Manuals 4. Sheffield, Sheffield Academic Press (JSOT Press), 1988.
- Dudley, Donald Reynolds. *A History of Cynicism: From Diogenes to the 6th Century A.D.* Hildesheim, Olms, 1967. (Primeira edição de 1937.)
- Duff, James D., trad. *Lucan: The Civil War (Pharsalia)*. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1928.
- Durry, Marcel. *Éloge funèbre d'une matrone romaine (Éloge dit de Turia)*. Paris, Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1950.
- Dyson, Stephen L. "Native Revolts in the Roman Empire". *Historia* 20, 239-274. 1971.

- Eddy, Samuel K. *The King Is Dead: Studies in the Near Eastern Resistance to Hellenism, 334-31 B.C.* Lincoln, Univ. of Nebraska Press, 1961.
- Edwards, Douglas R. "First Century Urban/Rural Relations in Lower Galilee: Exploring the Archeological and Literary Evidence". In SBLSP 988, editado por David J. Lull, pp. 169-182. SBLSP 27. Atlanta, Scholars Press, 1988.
- Edwards, Richard A. "The Eschatological Correlative as a *Gattung* in the New Testament". ZNW 60, 9-20. 1969.
- . *The Sign of Jonah in the Theology of the Evangelists and Q*. SBT 2/18. Naperville, Allenson, 1971.
- Edwards, Richard A. e Wild, Robert A. *The Sentences of Sextus*. SBLTT 22. Early Christian Literature 5. Chico, Scholars Press, 1981.
- Eisenstadt, Shlomo N., e René Lemarchand, eds. *Political Clientelism. Patronage and Development*. Contemporary Political Sociology 3. Beverly Hills, Sage, 1981.
- Eisenstadt, Shlomo N. e Roniger Louis. "Patron-Client Relations as a Model of Structuring Social Exchange". *Comparative Studies in Society and History* 22, 42-77. 1980.
- . *Patrons, Clients and Friends: Interpersonal Relations and the Structure of Trust in Society*. Themes in the Social Sciences. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1984.
- Ellmann, Richard. *Oscar Wilde*. New York, Knopf, 1988.
- Emmel, Stephen. "Indexes of Words and Catalogues of Grammatical Forms". In *Nag Hammadi Codex II,2-7*, 2 vols., editado por Bentley Layton, vol. 1, pp 261-336. NHS 20-21. The Coptic Gnostic Library. Leiden, Brill, 1989.
- Emmel, Stephen, Koester, Helmut e Pagels, Elaine. *Nag Hammadi Codex III,5: The Dialogue of the Savior*. NHS 26. The Coptic Gnostic Library. Leiden, Brill, 1984.
- Epstein, I., ed. *The Babylonian Talmud*. 35 vols. Londres, Soncino, 1935-52.
- Fairclough, Henry Rushton. *Horace: Satires, Epistles, Ars Poetica*. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1926.
- Falk, Harvey. *Jesus the Pharisee: A New Look at the Jewishness of Jesus*. New York, Paulist Press, 1985.
- Farb, Peter e Armelagos, George. *Consuming Passions: The Anthropology of Eating*. Boston, Houghton Mifflin, 1980.
- Feeley-Harnik, Gillian. *The Lord's Table: Eucharist and Passover in Early Christianity. Symbol and Culture*. Filadélfia, Univ. of Pennsylvania Press, 1981.
- Feldman, Louis H. *Josephus and Modern Scholarship (1937-1980)*. New York, Walter de Gruyter, 1984.
- Finegan, Jack. *The Archaeology of the New Testament: The Life of Jesus and the Beginning of the Early Church*. Princeton, Princeton Univ. Press, 1969.
- Finley, Sir Moses I. *The Ancient Economy*. Berkeley e Los Angeles, Univ. of California Press, 1973.
- Fiorenza, Elisabeth Schüssler. In *Memory of Her: A Feminist Theological Reconstruction of Christian Origins*. New York, Crossroad, 1983.
- Fitzgerald, Robert, trad. *Virgil: The Aeneid*. New York, Random House, 1981.
- Fitzmyer, Joseph A. "'4Q Testimonia' and the New Testament". TS 18, 513-537. 1957.
- . *Resenha de An Aramaic Approach to the Gospels and Acts*, 3^a ed., de Matthew Black. CBQ 30, 417-428. 1968.

- _____. "Crucifixion in Ancient Palestine, Qumran Literature, and the New Testament". *CBQ* 40, 493-513. 1978.
- _____. "Another View of the 'Son of Man' Debate". *JSNT* 4, 58-68. 1979a.
- _____. "The New Testament Title 'Son of Man' Philologically Considered". In *A Wandering Aramean: Collected Aramaic Essays*, pp. 143-160. SBLMS 25. Missoula, Scholars Press, 1979b.
- _____. *The Gospel According to Luke*. 2 vols. com uma paginação contínua. Anchor Bible 28-28A. Garden City, Doubleday, 1981-85.
- Fowler, Robert M. *Loaves and Fishes: The Function of the Feeding Stories in the Gospel of Mark*. SBLDS 54. Chico, Scholars Press, 1981.
- Frankfurter, David T. M. "The Origin of the Miracle-List Tradition and Its Medium of Circulation". In *SBLSP 1990*, editado por David J. Lull, pp 344-374. SBLSP 29. Atlanta, Scholars Press, 1990.
- Freyne, Seán. "The Galileans in the Light of Josephus' Vita". *NTS* 26: 397-413. 1979-80.
- _____. *Galilee from Alexander the Great to Hadrian, 323 B.C.E. to 145 C.E.: A Study of Second Temple Judaism*. Centro de Estudos do Judaísmo e do Cristianismo na Antiguidade da Universidade de Notre Dame 5. Wilmington, Glazier; Notre Dame, Univ. of Notre Dame Press, 1980a.
- _____. "The Charismatic". In *Ideal Figures in Ancient Judaism: Profiles and Paradigms*, editado por John J. Collins e George W. E. Nickelsburg, pp. 223-258. SBLSCS 12. Chico, Scholars Press, 1980b.
- _____. "Bandits in Galilee: A Contribution to the Study of Social Conditions in First-Century Palestine". In *The Social World of Formative Christianity and Judaism*, editado por Jacob Neusner, Peder Borgen, Ernest S. Frerichs, Richard Horsley, pp. 50-68. Filadélfia, Fortress Press, 1988.
- Gallagher, Eugene V. *Divine Man or Magician? Celsus and Origen on Jesus*. SBLDS 64. Chico, Scholars Press, 1982.
- Gellner, Ernest e Waterbury, J., eds. *Patrons and Clients in Mediterranean Societies*. Londres, Duckworth, 1977.
- Gilmore, David D. "Anthropology of the Mediterranean Area". *ARA* 11, 175-205. 1982.
- Gilmore, David D., ed. *Honor and Shame and the Unity of the Mediterranean*. Publicação especial de AMA 22. Washington, AMA, 1987.
- Goodman, Martin. "The First Jewish Revolt: Social Conflict and the Problem of Debt". *JJS* 33, 422-434. 1982.
- _____. *State and Society in Roman Galilee, A.D. 132-212*. Centro de Estudos Hebraicos de Pós-graduação de Oxford. Totowa, Rowman and Allanheld, 1983.
- _____. *The Ruling Class of Judaea: The Origins of the Jewish Revolt Against Rome A.D. 66-70*. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1987.
- Green, William Scott. "Palestinian Holy Men: Charismatic Leadership and Rabbinic Tradition". *ANRW* 2.19.619-647. 1979.
- Grenfell, Bernard Pyne e Hunt, Arthur Surridge. *The Oxyrhynchus Papyri*. Partes 1-2, Nos. 1-207, 208-400. Londres, Oxford Univ. Press, 1898-99.
- _____. "Uncanonical Gospel". In *The Oxyrhynchus Papyri*, parte 10, nos. 1224-1350, pp. 1-10 e ilustração 1. Londres, Oxford Univ. Press, 1914.
- Gronewald, Michael. "Unbekanntes Evangelium oder Evangelienharmonie (Fragment aus dem 'Evangelium Egerton') pp 136-145 in *Kölner Papyri* (P. Köln), Band 6.

- Abhandlungen der Rheinisch-Westfälischen Akademie der Wissenschaften, Sonderreihe Papyrologica Coloniensia 7. Opladen, West deutscher Verlag, 1987.
- Gurr, Ted Robert. *Why Men Rebel*. Princeton, Princeton Univ. Press, 1970.
- Haas, Nico. "Anthropological Observations on the Skeletal Remains from Giv'at ha Mivtar". *IEJ* 20, 38-59, ilustrações 18-24. 1970.
- Haines, Charles Reginald, trad. *The Correspondence of Marcus Cornelius Fronto with Marcus Aurelius Antoninus, Lucius Verus, Antoninus Pius, and Various Friends*. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1919-20.
- Hamel, Gildas H. *Poverty and Charity in Roman Palestine, First Three Centuries C.E.* Ann Arbor, University Microfilms International, 1983.
- Hands, Arthur Robinson. *Charities and Social Aid in Greece and Rome. Aspects of Greek and Roman Life*. Londres, Thames & Hudson, 1968.
- Harmon, A. M., K. Kilburn, e M. D. Macleod, trad. *Lucian*. 8 vols. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1913-67.
- Hamack, Adolf. "Anhang: Das Evangelienfragment von Fajjum". In *Agrapha. Ausser-canonische Evangelienfragmente.*, de Alfred Resch, pp. 481-497. TU 4. Leipzig, Hinrichs, 1889.
- Harrington, Daniel I. "The Jewishness of Jesus: Facing Some Problems". *CBQ* 49, 1-13. 1987a.
- . "The Jewishness of Jesus". *Bible Review* 3.1 (primavera), 33-41 [trata-se de uma versão "adaptada e expandida" do artigo publicado em 1987a.]. 1987b.
- Harrison, P. N. *Polycarp's Two Epistles to the Philippians*. Cambridge, Cambridge University Press, 1936.
- Hedrick, Charles W. "The Treasure Parable in Matthew and Thomas". *Forum* 2/2, 41-56. 1986.
- Hellholm, David, ed. *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East*. Procedimentos do Colóquio Internacional sobre Movimentos Apocalípticos, em Uppsala, 12-17 de agosto, 1979. Tübingen, Mohr, Siebeck, 1983.
- Hennecke, Edgar, e Wilhelm Schneemelcher, eds., R. McL. Wilson, trad. e ed. *New Testament Apocrypha*. 2 vols. Filadélfia, Westminster Press, 1963-65.
- Heseltine, Michael, trad. *Petronius*. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1913.
- Hicks, R. D., ed. *Diogenes Laertius: Lives of Eminent Philosophers*. 2 vols. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1925.
- Hiers, Richard H. e Kennedy, Charles A., 1976. "The Bread and Fish Eucharist in the Gospels and Early Christian Art". *Perspectives in Religious Studies* 3, 20-47.
- Hills, Julian Victor. *Tradition and Composition in the "Epistula Apostolorum"*. Ann Arbor, University Microfilms International, 1985.
- . *Tradition and Composition in the Epistula Apostolorum*. Harvard Dissertations in Religion 24. Mineapolis, Fortress Press, 1990a.
- . "Tradition, Redaction, and Intertextuality: Miracle Lists in 'Apocryphal Acts as a Test Case". In *SBLSP 1990*, editado por David J. Lull, pp. 375-390. SBLSP 29. Atlanta, Scholars Press, 1990b.
- Hobsbawm, Eric John. *Primitive Rebels: Studies in Archaic Forms of Social Movement in the 19th and 20th Centuries*. New York, Norton, 1965. [Publicado originalmente em 1959, sob o título de *Social Bandits and Primitive Rebels*].
- . "Social Banditry: Reply". *Comparative Studies in Society and History* 14, 503-505. 1972.

- _____. "Peasants and Politics". *Journal of Peasant Studies* 1, 3-22. 1973a.
- _____. "Social Banditry". In *Rural Protest: Peasant Movements and Social Change*, editado por Henry A. Landsberger, pp. 142-157. New York, Barnes & Noble, 1973b.
- _____. *Bandits*. 2^a ed. Middlesex, Penguin Books, 1985. (Primeira edição: 1969.)
- Hock, Richard F. *The Working Apostle: An Examination of Paul's Means of Livelihood*. Ann Arbor, University Microfilms International, 1974.
- _____. "Simon the Shoemaker as an Ideal Cynic". *Greek, Roman, and Byzantine Studies* 17, 41-53. 1976.
- Höistad, Ragnar. *Cynic Hero and Cynic King*. Uppsala, Bloms,
- Hollenbach, Paul W. "Jesus, Demoniacs, and Public Authorities: A Socio-Historical Study". *JAAR* 99, 567-588. 1981.
- _____. "The Conversion of Jesus: From Jesus the Baptizer to Jesus the Healer". *ANRW* 2.25.196-219. 1982.
- Hooper, William Davis e Ash, Harrison B., eds. "Marcus Porcius Cato: On Agriculture" e "Marcus Terentius Varro: On Agriculture". In *Cato and Varro: De Re Rustica*, pp. 1-157 e 159-529. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1934.
- Hopkins, Ian W. J. "The City Region in Roman Palestine". *PEQ* 12, 19-32. 1980.
- Horsfall, Nicholas. "Some Problems in the 'Laudatio Turiae'". *Bulletin of the Institute of Classical Studies (Londres)* 30, 85-98 e ilustrações 9-15. 1983.
- Horsley, Gregory H. R., ed. *New Documents Illustrating Early Christianity: A Review of the Greek Inscriptions and Papyri published in 1976-79*, 4 vols. North Ryde, N.S.W., Australia, The Ancient History Documentary Research Centre of Macquarie University, 1981-87.
- Horsley, Richard A. "Josephus and the Bandits". *JSJ* 10, 37-63. 1979a.
- _____. "The Sicarii: Ancient Jewish Terrorists". *JR* 59, 435-458. 1979b.
- _____. "Ancient Jewish Banditry and the Revolt against Rome, A.D. 66-70". *CBQ* 43, 409-432. 1981.
- _____. 1984. "Popular Messianic Movements Around the Time of Jesus". *CBQ* 46, 471-493.
- _____. "Like One of the Prophets of Old: Two Types of Popular Prophets at the Time of Jesus". *CBQ* 47, 435-463. 1985.
- _____. "High Priests and the Politics of Roman Palestine: A Contextual Analysis of the Evidence in Josephus". *JSJ* 17, 23-55. 1986a.
- _____. "The Zealots, Their Origin, Relationships and Importance in the Jewish Revolt". *NT* 28.159-192. 1986b.
- _____. 1986c. "Popular Prophetic Movements at the Time of Jesus, Their Principal Features and Social Origins". *JSNT* 26, 3-27.
- _____. *Jesus and the Spiral of Violence: Popular Jewish Resistance in Roman Palestine*. São Francisco, Harper & Row, 1987.
- _____. "Bandits, Messiahs, and Longshoremen: Popular Unrest in Galilee around the Time of Jesus". In *SBLSP 1988*, editado por David J. Lull, pp. 183-199. *SBLSP* 27. Atlanta, Scholars Press, 1988.
- _____. *Sociology and the Jesus Movement*. New York, Crossroad, 1989.
- Horsley, Richard A. e Hanson, John S. *Bandits, Prophets, and Messiahs: Popular Movements in the Time of Jesus*. New Voices in Biblical Studies, editado por Adela Yarbro Collins e John J. Collins. Mineápolis, Winston, Press, Seabury Books, 1985.

- Hull, John M. *Hellenistic Magic and the Synoptic Tradition*. SBT 2/28. Naperville, Al-lenson, 1974.
- Humphries, Rolfe. *The Loves, The Art of Beauty, The Remedies for Love, and The Art of Love*. Bloomington, Indiana Univ. Press, 1957.
- Hunt, A. S., e C. C. Edgar. *Select Papyri*. 3 vols. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1932-41.
- Irwin, K. M. Resposta a "The Problem of Miraculous Feedings in the Graeco-Roman World", de Robert M. Grant. In *Protocol of the Forty-second Colloquy* (14 de março de 1982), pp. 25-27. Berkeley, Centro de Estudos Hermenêuticos sobre a Cultura Helenística e a Moderna, The Graduate Theological Union e Univ. of California, 1982.
- Isenberg, Sheldon R. "Power Through Temple and Torah in Greco-Roman Palestine". In *Christianity, Judaism and Other Greco-Roman Cults*, Studies for Morton Smith at Sixty, editado por Jacob Neusner, parte 2: Early Christianity, pp. 24-52. *Studies in Judaism in Late Antiquity* 12,2. Leiden, Brill, 1975.
- Isenberg, Sheldon R. e Owen, Dennis E., "Bodies, Natural and Contrived: The Work of Mary Douglas". *Religious Studies Review* 3, 1-17. 1977.
- James, Montague Rhodes. *The Apocryphal New Testament*. Oxford, Clarendon Press, 1953. [Primeira edição: 1924. Edição corrigida: 1953].
- Jeremias, Joachim. "Pais Theou". In *Theological Dictionary of the New Testament*, editado por Gerhard Friedrich e Geoffrey W. Bromiley, vol. 5, pp. 677-717. Grand Rapids, Eerdmans, 1967.
- _____. *Jerusalem in the Time of Jesus: An Investigation into Economic and Social Conditions during the New Testament Period*. Filadélfia, Fortress Press, 1969.
- Johnson, Luke T. "The New Testament's Anti-Jewish Slander and the Conventions of Ancient Polemic". *JBL* 108, 419-441. 1989.
- Käsemann, Ernst. "Sentences of Holy Law in the New Testament". In *New Testament Questions of Today*, pp. 66-81. Filadélfia, Fortress Press, 1969.
- Kee, Howard Clark. "'Becoming a Child' in the Gospel of Thomas". *JBL* 82, 307-314. 1963.
- _____. *Miracle in the Early Christian World: A Study in Sociohistorical Method*. New Haven, Yale Univ. Press, 1983.
- _____. *Medicine, Miracle and Magic in New Testament Times*. SNTSMS 55. New York, Cambridge Univ. Press, 1986.
- Kelber, Werner H. *The Kingdom in Mark: A New Place and a New Time*. Filadélfia, Fortress Press, 1974.
- Kierdorf, Wilhelm. *Laudatio Funebris: Interpretationen und Untersuchungen zur Entwicklung der römischen Leichenrede*. Beiträge zur klassischen Philologie 106. Meisenheim am Glan, Hain, 1980.
- King, J. E., trad. *Cicero: Tusculan Disputations*, vol. 18 de 28. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1927.
- Klausner, Joseph. *Jesus of Nazareth*. Traduzido por Herbert Danby. New York, Macmillan, 1925. (Primeira edição: 1922).
- Kleinman, Arthur, e Lillas H. Sung. "Why Do Indigenous Practitioners Successfully Heal?" *SSM* 13B/1, 7-26. 1979.
- Klijn, A. F. J. "The 'Single One' in the Gospel of Thomas". *JBL* 81, 271-278. 1962.
- Kloppenborg, John S. "Didache 16:6-8 and Special Matthean Tradition". *ZNW* 70, 54-67. 1979.

- _____. "Blessing and Marginality; The 'Persecution Beatitude' in Q, Thomas and Early Christianity". *Forum* 2/3, 36-56. 1986.
- _____. *The Formation of Q: Trajectories in Ancient Wisdom Collections*. Studies in Antiquity and Christianity. Filadélfia, Fortress Press, 1987.
- _____. *Q Parallels: Synopsis, Critical Notes, and Concordance*. Foundations and Facets Reference Series. Sonoma, Polebridge Press, 1988.
- _____. "Alms, Debt and Divorce: Jesus' Ethics in Their Mediterranean Context". *Toronto Journal of Theology* 6, 182-200. 1990.
- Klosinski, Lee Edward. *The Meals in Mark*. Ann Arbor, University Microfilms International, 1988.
- Koester, Helmut. *Synoptische Überlieferung bei den Apostolischen Vätern*. TU 65. Berlim, Akademie, 1957.
- _____. "Apocryphal and Canonical Gospels". *HTR* 73, 105-130. 1980a.
- _____. "Gnostic Writings as Witnesses for the Development of the Sayings Tradition". In *The Rediscovery of Gnosticism*, *Procedimentos da Conferência Internacional de Gnosticismo*, em Yale, New Haven, CT, 28-31 de março, 1978, vol 1, pp. 238-256 (discussão, pp. 256-261). *The School of Valentinus*. Studies in the History of Religions: suplementos de *Numen* XLI/1. Leiden, Brill, 1980b.
- _____. *Introduction to the New Testament*. 2 vols. Hermeneia: Foundations and Facets. Filadélfia, Fortress Press, 1982.
- _____. "History and Development of Mark's Gospel (From Mark to Secret Mark and 'Canonical' Mark)". In *Colloquy on New Testament Studies: A Time for Reappraisal and Fresh Approaches*, editado por Bruce Corley, pp. 35-57 (ver também "Seminar Dialogue with Helmut Koester", pp. 59-85). Macon, Mercer Univ. Press, 1983.
- _____. "Tractate 2. The Gospel According to Thomas: Introduction". In *Nag Hammadi Codex II, 2-7*, 2 vols., editado por Bentley Layton, vol. 1, pp. 38-49. NHS 20-21, The Coptic Gnostic Library. Leiden, Brill, 1989a.
- _____. "The Text of the Synoptic Gospels in the Second Century". In *Gospel Traditions in the Second Century: Origins, Recensions, Text, and Transmission*, editado por William L. Petersen, pp. 19-37. *Christianity and Judaism in Antiquity* 3. Notre Dame, Univ. of Notre Dame Press, 1989b.
- _____. *Ancient Christian Gospels: Their History and Development*. Londres, SCM Press; Filadélfia, Trinity Press International, 1990.
- Kroeber, A. L. *Anthropology. Race, Language, Culture, Psychology, Prehistory*. New York, Harcourt, Brace, 1948.
- Lake, Kirsopp, trad. e ed. *The Apostolic Fathers*. 2 vols. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1912-13.
- Lambdin, Thomas O. "The Gospel According to Thomas". In *Nag Hammadi Codex II, 2-7*, 2 vols., editado por Bentley Layton, vol. 1, pp. 52-93. NHS 20-21. The Coptic Gnostic Library. Leiden, Brill, 1989.
- Lanternari, Vittorio. *The Religions of the Oppressed: A Study of Modern Messianic Cults*. Traduzido por Lisa Sergio (da edição de 1960) New York, Knopf, New American Library Mentor Books, 1963.
- Lasswell, Harold D., e Abraham Kaplan. *Power and Society: A Framework for Political Inquiry*. New Haven, Yale Univ. Press, 1950.
- Layton, Bentley. "The Sources, Date and Transmission of Didache 1.3b-2.1". *HTR* 61: 343-383. 1968.

- Lefkowitz, Mary R., e Maureen B. Fant. *Women's Life in Greece and Rome: A Source Book in Translation*. Baltimore, Johns Hopkins Press, 1982.
- LÉmonon, Jean-Pierre. *Pilate et le gouvernement de la Judeé: Textes et Monuments*. Études Bibliques. Paris, Gabalda, 1981.
- Lenski, Gerhard E. *Power and Privilege: A Theory of Social Stratification*. New York, McGraw-Hill, 1966.
- Levick, Barbara. *The Government of the Roman Empire: A Sourcebook*. Londres, Croom Helm, 1985.
- Lewis, Ioan M. *Ecstatic Religion: An Anthropological Study of Spirit Possession and Shamanism*. Pelican Anthropology Library. Baltimore, Penguin Books, 1971.
- Lewis, Naphtali. *Life in Egypt Under Roman Rule*. Oxford, Clarendon Press, 1983.
- Liefeld, Walter Lewis. *The Wandering Preacher as a Social Figure in the Roman Empire*. Ann Arbor, University Microfilms International, 1967.
- Lind, Leni Robert, ed. *Latin Poetry in Verse Translation: From the Beginnings to the Renaissance*. Boston, Houghton Mifflin, Riverside Editions, 1957.
- Lindars, Barnabas. *New Testament Apologetic: The Doctrinal Significance of the Old Testament Quotations*. Londres, SCM Press, 1961.
- _____. 1980-81. "John and the Synoptic Gospels: A Test Case". *NTS* 27, 287-294.
- Lindsay, Jack, Trad. *The Satyricon and Poems of Gaius Petronius*. Londres, Elek, 1960.
- Longstaff, Thomas R. W. "Nazareth and Sepphoris: Insights into Christian Origins". *Anglican Theological Review* 11, 8-15. 1990.
- Lutz, Cora E. *Musonius Rufus "The Roman Socrates"*. Yale Classical Studies 10. New Haven, Yale Univ. Press, 1947.
- MacDonald, Dennis Ronald. *There Is No Male and Female: The Fate of a Dominical Saying in Paul and Gnosticism*. Harvard Dissertations in Religion 20. Filadélfia, Fortress Press, 1987.
- Mack, Burton L. 1987. "The Kingdom Sayings in Mark". *Forum* 3/1, 3-47.
- _____. *A Myth of Innocence: Mark and Christian Origins*. Filadélfia, Fortress Press, 1988.
- MacMullen, Ramsay. *Enemies of the Roman Order: Treason, Unrest, and Alienation in the Empire*. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1966.
- _____. *Roman Social Relations: 50 B.C to A.D. 384*. New Haven e Londres, Yale Univ. Press, 1974.
- MacRae, George W. 1978. "Nag Hammadi and the New Testament". In *Gnosis, Festschrift für Hans Jonas*, editado por B. Aland et al., pp. 144-157. Göttingen, Vandenhoeck and Ruprecht.
- _____. "Why the Church Rejected Gnosticism"? In *Jewish and Christian Self-Definition*, vol 1, *The Shaping of Christianity in the Second and Third Centuries*, editado por E. P. Sanders, pp. 126-133. Filadélfia, Fortress Press, 1980.
- Malherbe, Abraham J. *The Cynic Epistles: A Study Edition*. SBL SBS 12. Missoula, Scholars Press, 1977.
- Malina, Bruce J. *The New Testament World: Insights from Cultural Anthropology*. Atlanta, John Knox Press, 1981.
- _____. "Patron and Client: The Analogy behind Synoptic Theology". *Forum* 4/1, 2-32. 1987.
- Malina, Bruce J., e Jerome H. Neyrey. *Calling Jesus Names: The Social Value of Labels in Matthew*. Social Facets. Sonoma, Polebridge Press, 1988.

- MauSS, Marcel. *A General Theory of Magic*. Traduzido por Robert Brain. The Norton Library. New York, Norton, 1975. (Primeira edição: 1902-3.)
- Meeks, Wayne A. "The Image of the Androgyne: Some Uses of a Symbol in Earliest Christianity". *HR* 13, 165-208. 1974.
- Meier, John P. 1990. "Jesus in Josephus: A Modest Proposal". *CBQ* 52, 76-103.
- Melmoth, William, trad. *Pliny: Letters*. Revisado por W. M. L. Hutchinson. LCL. 2 vols. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1915.
- Metzger, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. New York, United Bible Societies, 1971.
- Meyer, Marvin W. "The Youth in the Secret Gospel of Mark". *Semeia* 49, 129-153. 1990.
- Meyers, Eric M. "Galilean Regionalism as a Factor in Historical Reconstruction". *BA-SOR* 220/221, 93-101. 1975-76.
- . "The Cultural Setting of Galilee: The Case of Regionalism and Early Judaism". *ANRW* 2.19.686-702. 1979.
- Meyers, Eric M., Ehud Netzer, e Carol L. Meyers. "Sepphoris, 'Ornament of all Galilee'". *BA* 49, 4-19. 1986.
- Meyers, Eric M., e James F. Strange. *Archaeology, the Rabbis, and Early Christianity: The Social and Historical Setting of Palestinian Judaism and Christianity*. Nashville, Abingdon, 1981.
- Michel, Otto. "Studien zu Josephus". *NTS* 14, 402-408. 1967-68.
- Michie, James. *The Odes of Horace*. New York, Orion Press, 1963.
- Milavec, Aaron. "The Pastoral Genius of the Didache: An Analytical Translation and Commentary". In *Religious Writings and Religious Systems: Systemic Analysis of Holy Books in Christianity, Islam, Buddhism, Greco-Roman Religions, Ancient Israel, and Judaism*, vol. 2, *Christianity*, editado por Jacob Neusner, Ernest S. Frerichs, e A. J. Levine, pp. 89-125. *Brown Studies in Religion* 2. Atlanta, Scholars Press, 1989.
- Miller, Walter, trad. *Cicero: De Officiis*. LCL. Vol. 21 de 28. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1913.
- Moore, Clifford. H., e John Jackson. *Tacitus: Histories and Annals*. 4 vols. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1925-37.
- Mumford, Lewis. *The City in History: Its Origins, Its Transformations, and Its Prospects*. New York, Harcourt, Brace & World, 1961.
- Murdock, George Peter. *Theories of Illness: A World Survey*. Pittsburgh, Univ of Pittsburgh Press, 1980.
- Naveh, J. "The Ossuary Inscriptions from Giv'at ha-Mivtar". *IEJ* 20, 33-37. Ilustrações 11-17. 1970.
- Neirynck, Frans. *Duality in Mark: Contributions to the Study of the Markan Redaction*. BETL 31. Leuven, Leuven Univ. Press, 1970.
- . *The Minor Agreements of Matthew and Luke Against Mark with a Cumulative List*. BETL 37. Gembloux, Duculot, 1974.
- . *Evangelica: Gospel Studies – Études d'Évangile. Collected Essays*. Editado por F. Van Segbroeck. BETL 60. Leuven, Leuven Univ. Press, 1982.
- . "Papyrus Egerton 2 and the Healing of the Leper". *ETL* 61, 153-160. 1985.
- . "The Apocryphal Gospels and the Gospel of Mark". In *The New Testament in Early Christianity (La réception des écrits néotestamentaires dans le christia-*

- nisme primitif), editado por Jean-Marie Sevrin, pp. 123-175. BETL 86. Leuven, Leuven Univ. Press, 1989.
- Neusner, Jacob. *The Tosefta, Translated from the Hebrew*. New York, Ktav, 1977-86.
- Nickelsburg, George W. E. *Resurrection, Immortality, and Eternal Life in Intertestamental Judaism*. HTS 26. Cambridge, Harvard Univ. Press; Londres, Oxford Univ. Press, 1972.
- . "The Genre and Function of the Markan Passion Narrative". HTR 73, 153-184. 1980.
- . *Jewish Literature Between the Bible and the Mishnah*. Filadélfia, Fortress Press, 1981.
- Oakman, Douglas E. "Jesus and Agrarian Palestine: The Factor of Debt". In SBLSP 1985, editado por Kent Harold Richards, pp. 57-73. SBLSP 24. Atlanta, Scholars Press, 1985.
- . *Jesus and the Economic Questions of His Day*. Studies in the Bible and Early Christianity 8. Lewiston, NY e Queenston, Ontario, Edwin Mellen Press, 1986.
- . "Rulers' Houses, Thieves, and Usurpers: The Beelzebul Pericope". Forum 4/3, 109-123. 1988.
- Obeyesekere, Gananath. "The Idiom of Demonic Possession: A Case Study". SSM 4, 97-111. 1970.
- Oesterreich, Traugott Konstantin. *Possession Demoniaca and Other Among Primitive Races, in Antiquity, the Middle Ages, and Modern Times*, traduzido por D. Ibber-son. New Hyde Park, University Books, 1930; 1966. (Primeira edição em alemão: 1921.)
- Oldfather, W. A. *Epictetus: The Discourses as Reported by Arrian, the Manual, and Fragments*. 2 vols. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1925-28.
- Oldfather, C. H., Sherman, C. L., Bradford Welles C., M. Geer, Russell e Walton, Francis R. *Diodorus of Sicily: Library of History*. 12 vols. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1933-67.
- Overman, J. Andrew. "Who Were the First Urban Christians? Urbanization in Galilee in the First Century". in SBLSP 1988, editado por David J. Lull pp 160-168. SBLSP 27. Atlanta, Scholars Press, 1988.
- Pagels, Elaine, e Helmut Koester. "Report on the Dialogue of the Savior". In *Nag Hammadi and Gnosis: Papers Read at the First International Congress on Coptology* (Cairo, dezembro de 1976), editado por R. McL. Wilson pp. 66-74. NHS 14. Leiden, Brill, 1978.
- Patterson, Stephen John. *The Gospel of Thomas Within the Development of Early Christianity*. Ann Arbor, University Microfilms International, 1988.
- Peristiany, John G., ed. *Honour and Shame: The Values of Mediterranean Society*. Londres, Weidenfeld & Nicolson, 1965; Chicago, Univ. of Chicago Press, 1966, Midway Reprints, 1974.
- Pines, Shlomo. *An Arabic Version of the Testimonium Flavianum and Its Implications*. Publications of the Israel Academy of Sciences and Humanities. Jerusalém, Israel Academy of Sciences and Humanities, 1971.
- Pitt-Rivers, Julian A. *The People of the Sierra*. New York, Criterion Books, 1954.
- . *The Fate of Shechem or the Politics of Sex: Essays in the Anthropology of the Mediterranean*. Cambridge Studies in Social Anthropology 19. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1977.

- Potter, Jack M., Diaz, May N. e Foster, George M., eds. *Peasant Society: A Reader*. Boston, Little, Brown, 1967.
- Pound, Ezra. *Homage to Sextus Propertius*. Londres, Faber & Faber, 1934.
- Prigent, Pierre. *L'Épître de Barnabé I-XVI et ses sources: Les Testimonia dans le Christianisme primitif*. Paris, Gabalda, 1961.
- Rackham, H., W. H. S. Jones, e D. E. Eichholz. *Natural History*. 10 vols. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1938-63.
- Rajak, Tessa. *Josephus: The Historian and His Society*. Londres, Duckworth, 1983.
- Redfield, Robert. *Peasant Society and Culture*. Chicago, Univ. of Chicago Press, 1956.
- Remus, Harold. *Pagan-Christian Conflict over Miracle in the Second Century*. Patristic Monograph Series 10. Cambridge, The Philadelphia Patristic Foundation, 1983.
- Renan, Ernest. *The Life of Jesus*. New York, Random House, Modern Library, 1972. (Primeira edição: 1863.)
- Reynolds, Barrie. *Magic, Divination and Witchcraft Among the Barotse of Northern Rhodesia*. Robins Series 3. Berkeley e Los Angeles, Univ. of California Press, 1963.
- Rhoads, David M. *Israel in Revolution*. Filadélfia, Fortress Press, 1976.
- Riggs, John W. "From Gracious Table to Sacramental Elements: The Tradition-History of Didache 9 and 10". *SC* 4, 83-101. 1984.
- Roberts, Alexander, Donaldson, James e Coxe, A. Cleveland. *The Ante-Nicene Fathers*. 10 vols. Reedição americana da edição de Edinburgo. New York, Scribner's, 1926.
- Robinson, James M. e Koester, Helmut. *Trajectories Through Early Christianity*. Filadélfia, Fortress Press, 1971.
- Rogers, Benjamin Bickley, trad. *Aristophanes*. 3 vols. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1924.
- Rolfe, John C., trad. *The Attic Nights of Aulus Gellius*. 3 vols. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1927.
- Rostovtzeff, Mikhail Ivanovich. *The Social and Economic History of the Roman Empire*. 2^a ed. Revisado por P. M. Fraser. 2 vols., com uma paginação contínua. Oxford, Oxford Univ. Press, 1957. (Primeira edição: 1926.)
- Roth, Cecil. "The Jewish Revolt Against Rome: The War of 66-70 C.E." *Commentary* 27, 513-522. 1959.
- . "The Historical Implication of the Jewish Coinage of the First Revolt". *IEJ* 12, 33-46. 1962.
- Rouse, W. H. D. *The Moral Discourses of Epictetus*. New York, Dutton, 1910.
- Safrai, S. "The Teaching of Pietists in Mishnaic Literature". *JSS* 16, 15-33. 1965.
- Safrai, Schmuél e Stone, Michael E., eds. *Compendia Rerum Iudaicarum ad Novum Testamentum*. 10 vols. Assen, Van Gorcum; Filadélfia, Fortress Press, 1974-.
- Saller, Richard P. *Personal Patronage Under the Early Empire*. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1982.
- Sanders, E. P. *Jesus and Judaism*. Filadélfia, Fortress Press, 1985.
- Sayre, Farrand. 1948. *The Greek Cynics*. Baltimore: Furst.
- Schenke, Hans-Martin. 1984. "The Mystery of the Gospel of Mark". *SC* 4, 65-82.
- Schiffman, Lawrence H. *Sectarian Law in the Dead Sea Scrolls: Courts, Testimony and the Penal Code*. Chico, Scholars Press, 1983.

- Schmidt, Daryl. "The LXX Gattung 'Prophetic Correlative'". *JBL* 96, 517-522. 1977.
- Schmidt, Steffen W., Guasti, Laura, Landé, Carl H. e Scott, James C. eds. *Friends, Followers, and Factions: A Reader in Political Clientelism*. Berkeley e Los Angeles, Univ. of California Press, 1977.
- Schneider, Jane. 1971. "Of Vigilance and Virgins: Honor, Shame and Access to Resources in Mediterranean Societies". *Ethnology* 9, 1-24.
- Schoedel, William R. *Ignatius of Antioch: A Commentary on the Letters of Ignatius of Antioch*. Hermeneia: A Critical and Historical Commentary on the Bible. Filadélfia, Fortress Press, 1985.
- Schürer, Emil. *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ (175 B.C.-A.D. 135)*. 3 vols. Nova versão em inglês, revisada e editada por Geza Vermes, Fergus Millar, Matthew Black, Martin Goodman, e Pamela Vermes. Edinburgo, Clark, 1973-87.
- Schweitzer, Albert. *The Quest of the Historical Jesus: A Critical Study of Its Progress from Reimarus to Wrede*. Com uma introdução de James M. Robinson. New York, Macmillan, 1968. (Primeira edição: 1906.)
- Scott, Bernard Brandon. *Hear Then the Parable: A Commentary on the Parables of Jesus*. Mineápolis, Fortress Press, 1989.
- Scott, James C. "Protest and Profanation: Agrarian Revolt and the Little Tradition". *Theory and Society* 4, 1-38 e 211-246. 1977.
- . *Weapons of the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*. New Haven, Yale Univ. Press, 1985.
- . *Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts*. New Haven, Yale Univ. Press, 1990.
- Sellew, Philip H. "Beelzebul in Mark 3: Dialogue, Story, or Sayings Cluster?" *Forum* 4/3, 93-108. 1988.
- Shaw, Brent D. "Bandits in the Roman Empire". *Past and Present* 105, 5-5. 1984.
- Sherwin-White, A. N. *The Letters of Pliny: A Historical and Social Comentary*. Oxford, Clarendon Press, 1966.
- Shipley, Frederick William. *Velleius Paterculus: Compendium of Roman History and Res Gestae Divi Augusti*. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1924.
- Smallwood, E. Mary. *The Jews Under Roman Rule: From Pompey to Diocletian*. Studies in Judaism in Late Antiquity 20. Leiden, Brill, 1976.
- Smith, Dennis Edwin. "Social Obligation in the Context of Communal Meals: A Study of the Christian Meal in 1 Corinthians in Comparison with Craeco-Roman Communal Meals". Tese de doutorado em teologia, Harvard University, 1980. (Fotocópia).
- Smith, Jonathan Z. "The Garments of Shame". *HR* 5, 217-238. 1965-66.
- . "Wisdom and Apocalyptic". Pp. 131-156 in *Religious Syncretism in Antiquity: Essays in Conversation with Geo Widengren*, editado por Birger A. Pearson. Missoula, Scholars Press, 1975.
- . "The Temple and Magician". In *God's Christ and His People: Studies in Honour of Nils Alstrup Dahl*, editado por J. Jervell e Wayne A. Meeks, pp. 233-247. Oslo, Universitetsforlaget, 1977. Também foi publicado em *Map Is Not Territory*, de J. Z. Smith, pp. 172-189. Studies in the History of Religions. Leiden, Brill, 1978.
- Smith, Morton. "Palestinian Judaism in the First Century". In *Israel: Its Role in Civilization*, editado por Moshe Davis, pp. 67-81. New York, Harper & Row, 1956.

- _____. "Monasteries and their Manuscripts". *Archaeology* 13, 172-177. 1960.
- _____. "Zealots and Sicarii, Their Origins and Relation". *HTR* 64,1-19. 1971.
- _____. *The Secret Gospel: The Discovery and Interpretation of the Secret Gospel According to Mark*. New York, Harper & Row, 1973a.
- _____. *Clement of Alexandria and a Secret Gospel of Mark*. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1973b.
- _____. *Jesus the Magician*. New York, Harper & Row, 1978.
- _____. "Clement of Alexandria and Secret Mark: The Score at the End of the First Decade". *HTR* 75, 449-461. 1982.
- Stern, Menahem. *Greek and Latin Authors on Jews and Judaism*. 3 vols. Publications of the Israel Academy of Sciences and Humanities, Section of Humanities. *Fontes Ad Res Judaicas Spectantes*. Jerusalém, The Israel Academy of Sciences and Humanities, 1976-84.
- Stroker, William Dettwiller. *The Formation of Secondary Sayings of Jesus*. Ann Arbor, University Microfilms International, 1970.
- _____. *Extracanonial Sayings of Jesus*. SBLRBS 18. Atlanta, Scholars Press, 1989.
- Stuart, Duane Reed. *Tacitus: The Agricola*. New York, Macmillan, 1923.
- Syme, Sir Ronald. *The Roman Revolution*. Londres, Oxford Univ. Press, 1939. (2^d impressão: 1952.)
- Talley, Thomas J. "Liturgical Time in the Ancient Church: The State of Research". *Studia Liturgica* 14, 34-51. 1982.
- Tashjian, Jirair S. *The Social Setting of the Mission Charge in Q*. Ann Arbor, University Microfilms International, 1987.
- Tcherikover, Victor A., Alexander Fuks e Menahem Stern, eds. *Corpus Papyrorum Judaicarum*. 3 vols. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1957-64.
- Temporini, Hildegard e Haase, Wolfgang. *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt: Geschichte und Kultur Roms im Spiegel der neueren Forschung*. 3 partes. Berlim e New York, Walter de Gruyter, 1972-.
- Thackeray, H. St. J., et al. *Josephus*. 9 vols. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1926-65.
- Theissen, Gerd. "Legitimation und Lebensunterhalt: Ein Beitrag zur Soziologie urchristlicher Missionare". *NTS* 21, 192-221. 1974-75.
- _____. "Itinerant Radicalism: The Tradition of Jesus Sayings from the Perspective of the Sociology of Literature". *Radical Religion* 2, 84-93. 1975. (Publicado originalmente em 1973. "Wanderradikalismus: Literatursoziologische Aspekte der Überlieferung von Worten Jesu im Urchristentum". *ZTK* 70, 245-271.)
- _____. *Sociology of Early Christianity*. Traduzido por J. Bowden. Filadélfia, Fortress Press, 1978.
- _____. *The Miracle Stories of the Early Christian Tradition*. Traduzido por Francis McDonagh, editado por John Riches. Filadélfia, Fortress Press, 1983. (das edições de 1972 e 1974).
- Thrupp, Sylvia L., ed. *Millennial Dreams in Action: Studies in Revolutionary Religious Movements*. New York, Schocken, 1970.
- Tzaferis, Vassilios. "Jewish Tombs at and near Giv'at ha-Mivtar, Jerusalem". *IEJ* 20,18-32, ilustrações 9-17. 1970.
- _____. "Crucifixion — The Archaeological Evidence". *BAR* 11/1 (jan-fev), 44-53. 1985.

- Vaage, Leif Eric. *Q: The Ethos and Ethics of an Itinerant Intelligence*. Ann Arbor, University Microfilms International, 1987.
- _____. "Q1 and the Historical Jesus: Some Peculiar Sayings (7:33-34; 9:57-58, 59-60; 14:26-27)". *Forum* 5/2, 159-176. 1989.
- van Haelst, Joseph. *Catalogue des Papyrus Littéraires Juifs et Chrétiens*. Série Papyrologie 1. Paris, Publications de la Sorbonne, 1976.
- Vardaman, E. Jerry. "Introduction to the Caesarea Inscription of the Twenty-four Priestly Courses". In *The Teacher's Yoke: Studies in Memory of Henry Trantham*, editado por E. Jerry Vardaman e James Leo Garrett, Jr., pp. 42-45. Waco, Baylor Univ. Press, 1964.
- Vermes, Geza. "The Use of (ver original) in Jewish Aramaic". In *An Aramaic Approach to the Gospels and Acts*, 3^a ed., de Matthew Black, pp. 310-328. Oxford, Clarendon Press, 1967. Também foi publicado em *Post-Biblical Jewish Studies*, de Geza Vermes, pp. 310-328. Leiden, Brill, 1975.
- _____. *The Dead Sea Scrolls in English*. Ed. rev. Baltimore, Penguin Books, 1968.
- _____. 1972-73a. "Hanina ben Dosa: A Controversial Galilean Saint from the First Century of the Christian Era". *JSS* 23, 28-50 e 24, 51-64.
- _____. *Jesus the Jew: A Historian's Reading of the Gospels*. New York, Macmillan, 1973b.
- _____. "The 'Son of Man' Debate". *JSNT* 1:19-32. 1978a.
- _____. "The Present State of the 'Son of Man' Debate". *JJS* 29, 123 (reedição de 1978a, com notas de pé de página expandidas), 1978b.
- _____. *Jesus the Jew*. Ed. rev. Filadélfia, Fortress Press, 1981.
- _____. *Jesus and the World of Judaism*. Filadélfia, Fortress Press, 1984.
- _____. *The Dead Sea Scrolls: Qumran in Perspective*. Com Pamela Vermes. Ed. rev. Filadélfia, Fortress Press, 1985.
- Veyne, Paul. "Vie de Trimalcion". *Annales* 16, 213-47. 1961.
- Vielhauer, Philip. "ANAPAUCIC: Zum Gnostischen Hintergrund des Thomasevangeliums". In *Apophoreta*, Festchrift für Ernst Haenchen zu seinem siebzigsten Geburtstag am 10 Dezember 1964, editado por W. Eltester e F. H. Kettler, pp. 281-299. BZNW 30. Berlim, Töpelmann, 1964.
- Walker, William O., Jr. "The 'Theology of Woman's Place' and the 'Paulinist' Tradition". *Semeia* 28, 101-102. 1983.
- Ward, Colleen A., e Michael H. Beaubrun. "The Psychodynamics of Demon Possession". *JSSR* 19, 201-207. 1980.
- Wender, Dorothea. *Roman Poetry from the Republic to the Silver Age*. Carbondale, Southern Illinois Press, 1980.
- Wengst, Klaus. *Pax Romana and the Peace of Jesus Christ*. Traduzido por John Bowden. Filadélfia, Fortress Press, 1987.
- Wessely, Charles. "Le fragment relatif au reniement de Saint Pierre appartenant a la collection de l'Archiduc Rainer". In *Les plus anciens monuments du Christianisme écrits sur papyrus: Textes grecs édités traduits et annotés*, vol.1, pp.173-177. *Patrologia Orientalis*, vol. 4, parte 2, editado por R. Graffin. Paris, Firmin-Didot, 1946. (Primeira edição: 1907).
- White, John L. *Light from Ancient Letters*. Foundations and Facets, New Testament. Filadélfia, Fortress Press, 1986.
- Williams, Francis E. "The Apocryphon of James". Vol. 1, pp. 13-53, e vol. 2, pp. 7-37,

- in *Nag Hammadi Codex I (The Jung Codex)*. 2 vols. Ed. Harold W. Attridge. NHS 22-23. The Coptic Gnostic Library. Leiden, Brill, 1985.
- Williams, W. Glynn, trad. *Cicero: Letters to His Friends, etc.* 4 vols. LCL, vols. 25-28 de vols. 1-28. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1927-29
- Wilson, Bryan R. *Magic and the Millenium: A Sociolical Study of Religious Movements of Protest Among Tribal and Third-World Peoples*. New York, Harper & Row, 1973.
- Winstedt, E. O., trad. *Cicero: Letters to Atticus*. 3 vols. LCL. Vols. 22-24 de 1-28. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1912-18.
- Wisse, Frederik. "The Sentences of Sextus (XII, 1)". In *The Nag Hammadi Library in English*, James M. Robinsob, diretor, editado por Marvin M. Meyer, pp. 454-459. New York, Harper & Row, 1977.
- Wistrand, Erik. *The So-called Laudatio Turiae: Introduction, Text, Translation, Commentary*. Studia Graeca et Latina Gothoburgensia 34. Göteborg, Acta Universitatis Gothoburgensis; Lund, Berlingska Boktryckeriet, 1976.
- Wolf, Eric R. *Peasants*. Foundations of Modern Anthropology Series. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1966.
- Worsley, Peter. *The Trumpet Shall Sound: A Study of "Cargo" Cults in Melanesia*. 2^a ed. ampliada. New York, Schocken Books.
- _____. "Non-Western Medical Systems". *ARA* 11, 315-48. 1982.
- Wright, Wilmer Cave. *Julian*. 3 vols. LCL. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1913-23.
- Yadin, Yigael. "Epigraphy and Crucifixion". *IEJ* 23, 18-22. 1973.
- Young, Allan. "The Anthropologies of Illness and Sickness". *ARA* 11, 257-85. 1982.
- Zias, Joseph, e Eliezer Sekeles. "The Crucified Man from Giv'at ha-Mivtar: A Reappraisal". *IEJ* 35, 22-27. 1985.